



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

Meimei Camila Silveira Alves Bastos

**VERSOS QUE INQUIETAM, ENSINAM E *DESETIQUETAM*:**  
***a slam***

Brasília  
2024

MEIMEI CAMILA SILVEIRA ALVES BASTOS

**VERSOS QUE INQUIETAM, ENSINAM E *DESETIQUETAM*:**  
***a slam***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/PPGCEN do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre na linha de pesquisa Cultura e Saberes em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas

Brasília  
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SB327Vv Silveira Alves Bastos, Meimei Camila  
VERSOS QUE INQUIETAM, ENSINAM E DESETIQUETAM: a slam /  
Meimei Camila Silveira Alves Bastos; orientador Rafael  
Litvin Villas Boas. -- Brasília, 2024.  
154 p.

Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) -- Universidade de  
Brasília, 2024.

1. Slam. 2. Desetiquetamento social. 3. Educação  
não-fomal. 4. Performance. 5. Oralidade. I. Litvin Villas  
Boas, Rafael , orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

BASTOS, Meimei. VERSOS QUE INQUIETAM,  
ENSINAM E *DESETIQUETAM*: a *slam*.

Dissertação de mestrado aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas  
Presidente

---

Profa. Dra. Luciana Hartmann  
Membra Interna

---

Profa. Dra. Miriane da Costa Peregrino  
Membra Externa à Instituição

---

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso  
Membro Interno (Suplente)

Brasília, 27 de março de 2024.

À Sofia Ribeiro A. Bastos, Douglas Dias (27), Vitalina Mulatinha(?), Robson Silveira Da Luz (27), Claudia Silva Ferreira (38), Amarildo Dias de Souza (47), Sport Club Corinthians Paulista, Alda Rafael Castilho (27), Carlos Marighella (58), Mestre Môa (64), Davi Fiúza (16), Fernando Luiz de Paula (34), Luana Barbosa dos Reis (34), Luiz Carlos Ruas (54), Maria Trindade da Silva Costa (68), Marielle Franco (38), Daniel Martins Nunes de Oliveira (21), João Maria Figueiredo (39), Evaldo Rosa dos Santos (46), Ágatha Vitória Sales Félix (8), Lucas Eduardo Martins dos Santos (14), Carlos Eduardos dos Santos Nascimento (21), Jailson Galdino Souza dos Santos (26), David do Nascimento Santos (23), Igor Rocha Ramos (16), João Pedro Mattos Pinto (14), Miguel Otávio Santana da Silva (5), Micael Silva Santos Menezes (11), Guilherme da Silva Guedes (15), Carlos Henrique Santos do Nascimento (17), Rogério Ferreira da Silva Junior (19), Zumbi dos Palmares (40), Moïse Kabagambe (24), Gustavo Henrique Soares (17), Wesley Castro Rodrigues (25), Roberto de Souza Penha (16), Wilton Esteves Domingos Júnior (20), Cleiton Corrêa de Souza (18), e Carlos Eduardo Silva de Souza (16), Evson Pereira dos Santos (27), Jeferson Pereira dos Santos (22), João Luis Pereira Rodrigues (21), Adriano de Souza Guimarães (21), Vitor Amorim de Araújo (19), Agenor Vitalino dos Santos Neto (19), Bruno Pires do Nascimento (19), Tiago Gomes das Virgens (18), Natanael de Jesus Costa (17), Rodrigo Martins de Oliveira (17), Caique Bastos dos Santos (16), Valderia da Silva Barbosa (46), Fernanda Letícia da Silva (27), Mirian Alves Nunes (26), Izabel Aparecida Guimarães de Sousa (36), Rayane Ferreira de Jesus Lima (18), Elaine Vieira de Jesus Dias de Oliveira (35), Denise dos Santos Alves Cardoso (21), Cristina de Sousa Santos (32), Regiane da Silva Oliveira (21), Gabriela Bispo de Jesus (33), Adrielly Thauana Pereira de Carvalho (29), Itana Amparo dos Santos (36), Emily Talita da Silva (20), Valdeci Vieira Santana (47), Claudia Barbosa de Melo (40), Patrícia Pereira de Sousa (41), Deylilane Alves Santos Conceição (34), Bruna Araújo de Souza (31), Flávia Euflázia da Silva (44), Ayend Cristine Nascimento Hammad (31), Valquíria Celina Ferreira Santos (35), Sarah Jersey Nazareth Pereira (23), Thaís Rodrigues de Abreu (31), Rita de Kássia Nogueira Matias Santos (27), Daniele Lyra Nattrodt Barros (38), Patrícia Silva Vieira Rufino (40), Jefferson Anderson Feijó (22) e à todas as mães solo e as vítimas da estrutura hegemônica que nos oprime, explora e mata. À todas as pessoas que lutam e a combatem: essa dedicatória poderia ser mais que uma página inteira.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao sagrado por todo esse processo e à filha, Sofia, em especial sempre, pela parceria, cuidado e força até mesmo quando tudo parecia estar perdido; à família, meu pai e mãe que com seus conselhos, escuta e presença inúmeras vezes foram colo; às amigas e amigos, sobretudo ao Pedro que esteve presente nas horas mais difíceis; ao orientador, à banca, ao departamento com todos e todas as trabalhadoras que dele fazem parte; à universidade daqui e de lá, aos educadores e educadoras que passaram por minha trajetória acadêmica, aos entrevistados e entrevistadas, às pessoas de *slam* com quem pude trocar, às pessoas que encontrei ao longo deste caminho e ao povo brasileiro: minha eterna e infinita gratidão pela inspiração, pelo apoio, pela acolhida, pela paciência, pela confiança, pelos investimentos em mim e neste trabalho. Espero um dia retribuir à altura.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da FAPDF.

## RESUMO

Este é um trabalho sobre *slam* a partir de perspectivas empíricas e teóricas. Início esta dissertação descrevendo o funcionamento, os elementos e as principais regras das batalhas de poesia falada. Subsequentemente, realizo um levantamento histórico da manifestação abordando desde sua origem nos Estados Unidos até os tempos atuais. Também apresento o mapeamento da presença da *slam* no Brasil e na América Latina; compartilharei memórias, experiências e produções acumuladas ao longo de anos a partir do contato e da troca com comunidades de *slam* em território nacional e internacional. Na segunda rodada e na conclusão desta investigação a partir do levantamento bibliográfico e do diálogo com autorias de diversos campos do saber, me dedico a analisar e refletir sobre as potencialidades cênicas, educacionais, sociais e políticas da *slam* buscando compreendê-la como um espaço de ensino-aprendizagem e do que chamo aqui de rito de *desetiquetamento* social. Concluiu-se que a performance poética característica da *slam* vai além da simples recitação de poemas; ela representa uma manifestação de identidade, resistência e transformação. As participantes utilizam a poesia do corpo e da voz como uma ferramenta para desafiar as normas e os estereótipos sociais, expressando suas experiências e perspectivas de forma autêntica e profunda. Dessa maneira, concluo que a *slam* se torna um ritual de desconstrução social; pois a sociedade que antes rotulava alguém como possível criminoso passa a enxergá-lo com outros olhos, não mais como tal rótulo pejorativo, mas sim como poeta ou artista.

**Palavras-chave:** *Poetry Slam*, batalha de poesia falada, educação não-formal, oralidade, performance, espetacularidade e *desetiquetamento* social.



## RESUMEN

Se trata de un trabajo sobre la *slam* desde perspectivas empíricas y teorías. Comienzo esta disertación describiendo el funcionamiento, los elementos y las reglas principales de las batallas de poesía hablada. Posteriormente, realizo un recorrido histórico del evento, desde sus orígenes en Estados Unidos hasta la actualidad. También trazaré un mapa de la presencia de la *slam* en Brasil y América Latina; compartiré recuerdos, experiencias y producciones acumuladas a lo largo de los años a partir del contacto con el intercambio con comunidades de *slam* en Brasil y en el extranjero. En la segunda vuelta y conclusión de esta investigación, a partir de un relevamiento bibliográfico y del diálogo con autores de diferentes áreas del conocimiento, analizaré y reflexionaré sobre el potencial escénico, educativo, social y político de la *slam*, buscando entenderlo como un espacio de enseñanza-aprendizaje y lo que aquí llamo un rito de des-etiquetamiento social. Se concluyó que la performance poética característica de la *slam* va más allá de la simple recitación de poemas; representa una manifestación de identidad, resistencia y transformación. Los participantes utilizan la poesía corporal y vocal como herramienta para desafiar las normas y estereotipos sociales, expresando sus experiencias y perspectivas de forma auténtica y profunda. De este modo, concluyo que la *slam* se convierte en un ritual de deconstrucción social; porque la sociedad que antes etiquetaba a alguien como posible delincuente empieza a verlo con otros ojos, ya no como una etiqueta tan peyorativa, sino como poeta o artista.

**Palabras clave:** *Poetry Slam*, batalla de poesía hablada, educación no formal, oralidad, performance, espectacularidad y *desetiquetado* social.

## ABSTRACT

This is a work on slam from empirical and theoretical perspectives. I begin this dissertation by describing the functioning, elements and main rules of spoken word poetry battles. Subsequently, I carry out a historical survey of the event, from its origins in the United States to the present day. I will also map the presence of slam in Brazil and Latin America; I will share memories, experiences and productions accumulated over the years from contact and exchange with slam communities on national and international territory. In the second round and conclusion of this investigation, based on a bibliographical survey and dialogue with authors from different fields of knowledge, I will analyze and reflect on the scenic, educational, social and political potential of slam, seeking to understand it as a teaching-learning space and what I call here a rite of social de-labeling. It was concluded that the poetic performance characteristic of slam goes beyond the simple recitation of poems; it represents a manifestation of identity, resistance and transformation. The participants use body and voice poetry as a tool to challenge social norms and stereotypes, expressing their experiences and perspectives in an authentic and profound way. In this way, I conclude that slam becomes a ritual of social deconstruction; because society that previously labeled someone as a possible criminal starts to see them with different eyes, no longer as such a pejorative label, but as a poet or artist.

**Keywords:** *Poetry Slam*, spoken word poetry battle, non-formal education, orality, performance, spectacularity and social *de-labeling*.

## LISTA DE TABELAS, FIGURAS E GRÁFICOS

<b>Figura 1.</b> <i>Slam</i> Q'brada na universidade .....	25
<b>Figura 2.</b> Plateia-torcida, <i>Slam DFão</i> 2023 .....	30
<b>Figura 3.</b> Juri <i>Slam</i> DFão .....	33
<b>Figura 4.</b> Francklin Lino matemático voluntário da edição da <i>Slam DFão</i> .....	35
<b>Figura 5.</b> <i>Slammaster</i> , Meimei Bastos e intérprete de Libras, Ana Júlia Gomes.....	36
<b>Figura 6.</b> <i>Slammer</i> , Prince .....	37
<b>Figura 7.</b> Mapa da <i>Slam</i> no Brasil .....	43
<b>Figura 8.</b> Finalistas da primeira edição da <i>Slam Déf</i> .....	49
<b>Figura 9.</b> Quintal de minha avó Neusa .....	52
<b>Figura 10.</b> Meimei Bastos na <i>Slam</i> BR 2015 .....	58
<b>Figura 11.</b> Primeira edição da <i>Slam Qbrada</i> .....	60
<b>Figura 12.</b> Matéria alerta Estados Unidos .....	61
<b>Figura 13.</b> Card de divulgação da primeira edição da <i>eSlam</i> de <i>Poesía Oral de Córdoba</i> .....	63
<b>Figura 14.</b> Registro da primeira edição da <i>eSlam</i> de <i>Poesía Oral de Córdoba</i> .....	63
<b>Figura 15.</b> Mapa da <i>Slam</i> na América Latina.....	65
<b>Figura 16.</b> Primeiro resultado da Secretaria de Assuntos Internacionais da UnB.....	66
<b>Figura 17.</b> Segundo resultado da Secretaria de Assuntos Internacionais da UnB....	67
<b>Figura 18.</b> Card de divulgação da primeira edição da <i>eSlam</i> de <i>Poesía Oral de Córdoba</i> . Fonte: desconhecida .....	74
<b>Figura 19.</b> Poetas e organizadores <i>eSlam</i> Córdoba.....	76
<b>Figura 20.</b> Folheto explicativo <i>Slam Zona Sur</i> .....	76
<b>Figura 21.</b> Mapa da <i>Slam</i> na Argentina .....	78
<b>Gráfico 1.</b> Porcentagem de comunidades por região .....	45
<b>Tabela 1.</b> Representantes do Brasil em competições internacionais.....	44
<b>Tabela 2.</b> Representantes do Brasil na Copa do Mundo de <i>Slam</i> e da Copa América da <i>Poetry Slam</i> . Fonte: Elaborado pela autora .....	47

## SUMÁRIO

<b>INSCRIÇÕES</b> .....	<b>12</b>
<b>I. SACRIFICIAL – A GÊNESE DA SLAM</b> .....	<b>22</b>
1. MOSAICO LEXICAL, GESTUAL E OUTRAS COSITAS MÁS DA <i>SLAM</i> .....	22
2. E O PRINCÍPIO FOI O VERSO: O SURGIMENTO DA <i>POETRY SLAM</i> .....	38
3. NA GRINGA É <i>SLAMMER</i> , AQUI NÓIS É PROFETA: OS PRIMÓRDIOS DA <i>SLAM</i> NO BRASIL .....	41
<b>II. PRIMEIRA RODADA – <i>SLAMVIVÊNCIAS: A SLAM</i> NO DISTRITO FEDERAL E A VIVÊNCIA COM AS COMUNIDADES DA ARGENTINA</b> .....	<b>48</b>
1. A CHEGADA E A PRESENÇA DA <i>SLAM</i> NO DISTRITO FEDERAL .....	48
2. EU NÃO SOU CONCRETO. EU SOU QUEBRADA!.....	49
4. CÓRDOBA: UNIVERSIDADE NACIONAL DE CÓRDOBA E <i>ESLAM CÓRDOBA DE POESÍA ORAL</i> .....	61
5. ESTADO ORIGINAL E TRADUÇÃO: <i>SLAM</i> EM BUENOS AIRES.....	76
<b>III. SEGUNDA RODADA – O VERSO QUE INQUIETA É O MESMO QUE ENSINA E DESETIQUETA</b> .....	<b>82</b>
1. A NOTA NÃO IMPORTA O QUE IMPORTA É O POEMA: A EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL.....	83
2. RENASCENDO DAS CINZAS: A <i>SLAM</i> COMO RITO DE DESETIQUETAMENTO SOCIAL .....	87
<b>FINAL – A ETIQUETA É A POESIA</b> .....	<b>94</b>
<b>QUEM ME SUSTENTOU NAS IDEIAS</b> .....	<b>99</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>105</b>
1. ENTRE VISTAS ENTRE VOZES .....	105
2. POEMAS .....	146

Fogo!... Queimaram Palmares,  
Nasceu Canudos.  
Fogo!... Queimaram Canudos,  
Nasceu Caldeirões.  
Fogo!... Queimaram Caldeirões,  
Nasceu Pau de Colher.  
Fogo!... Queimaram Pau de Colher...  
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão  
cansar se continuarem queimando.  
Porque mesmo que queimem a escrita  
Não queimarão a oralidade.  
Mesmo que queimem os símbolos,  
Não queimarão os significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
Não queimarão a ancestralidade.

Mestre Nego Bispo

## INSCRIÇÕES

Abro este trabalho com um poema do mestre, intelectual e hoje ancestral Nego Bispo porque nele encontro muito do que a *slam* representa para mim. Os colonizadores do passado e do presente não mediram e não medem esforços para destruir nossas manifestações. Sentem seus privilégios e suas cabeças ameaçadas pela potência transformadora de nossas expressões e primeiro tentam silenciá-las, criando argumentos que atravessam questões morais, religiosas e de segurança. Na falta de narrativas que justifiquem suas proibições apenas as criminalizam e depois apropriam-se delas.

Assim foi com a capoeira, o samba, o rap, o funk, as batalhas de rima e agora, também ocorre com a *slam*. A cada tentativa e efetivação de silenciamento, criminalização, proibição e apropriação das nossas manifestações as tornam cada vez mais fortes e muitas vezes geram outras linguagens. Como um processo de retroalimentação: quanto mais proibem melhor e mais estratégias criamos para resistir e outras tantas formas de expressão nascem a partir disso. Como no poema de Nego Bispo: nos queimam e ressurgimos mais fortes. Diante desse fato, os grupos opressores não puderam e não podem fazer outra coisa se não se apropriar e esvaziar essas mesmas expressões de seus processos históricos e políticos. Este trabalho nasceu inicialmente da seguinte angústia: como poderei contribuir para o movimento e comunidade da qual faço parte? Como impedir ou frear o processo de apropriação e esvaziamento da *slam*? Essas eram e são inquietações sinceras que me possibilitaram levantar outros tantos questionamentos e hipóteses presentes neste trabalho.

A palavra sacrificial refere-se à sacrifício ou oferenda, especificamente a divindades ou aquilo que é resultado de grande sacrifício, adaptando a definição que o dicionário me apresentou. Entregar ao sagrado. Diria que está é uma definição um tanto romântica, não é?! Logo imagino uma pessoa despida, deitada e por desejo próprio, consciente de seu fim, entregue nas mãos de uma multidão que a conduz para um altar onde sua alma será entregue a uma deidade. Seria essa a alegoria da *slam*? Seria a Poesia a divindade para a qual nos entregamos? Ou seria a plateia? Com certeza esta seria uma lente possível para interpretar a *slam*, mas não a única. Há tanto para observar, compreender e pensar sobre este universo '*slamico*'.

Armando Bião, no artigo A vida ainda breve da etnocenologia: uma nova perspectiva transdisciplinar para as artes do espetáculo, reflete que a pretensão da Etnocenologia é de conhecer tudo como cada um que vive e faz cada coisa o conhece. Essa reflexão do autor se conecta diretamente com o que tenho intenção de apresentar em minha pesquisa: a *slam* como ela é. Refletir sobre sua espetacularidade, performatividade e teatralidade, analisar sua literatura, pensar em suas dinâmicas ritualísticas, em sua ancestralidade e em seu potencial educacional, social e político. Não como algo que é, mas que está. Porque se tratando de tradição oral, da qual as batalhas de poesia falada descendem, o formato que encontramos hoje faz parte de uma transformação. Hoje, compartilhamos poemas e vivências na *slam* como *slammers*, no passado eram repentistas, trovadores. Quem sabe o que virá? Quem sabe o que o *slam* virará? Só a *slam* sabe. Imagino que se você não conhece, nem presenciou uma *slam*, possa estar cheia de dúvidas, curiosidade ou sem compreender sobre o que estou falando. Não se preocupe, te contextualizarei

Bueno<sup>1</sup>, antes vejo necessário apresentar para você a dinâmica e algumas escolhas que fiz para este trabalho. Para compreender esse rolê que você está prestes a fazer é necessário saber que optei por tratar as individualidades, especialmente as que se referem a *slam*, dentro de uma abordagem crítica, ou seja, artigos, substantivos e adjetivos estarão na flexão feminina. Nos três territórios onde tive a oportunidade de contribuir e observar o funcionamento das batalhas de poesia falada, Argentina, Brasil e Uruguai, encontrei uma característica em comum: em todos esses lugares o surgimento da *slam* só foi possível a partir da iniciativa de uma mulher. Outro fato relevante é que ao contrário de outras manifestações e movimentos, em que as figuras femininas são invisibilizadas e por vezes silenciadas, na *slam* o protagonismo e as vozes mais presentes são de mulheres. Como tratar um espaço-manifestação-movimento protagonizado por mulheres no masculino?

---

<sup>1</sup> *Bueno* que traduzido do espanhol significa bom em português. Aqui optei por fazer uso da palavra como um conectivo. Durante minha passagem pela *Universidad Nacional de Córdoba – UnC*, tive a oportunidade de participar de um curso breve de tradução de poesia, ministrada pela professora Micaela Van Muylem do departamento de Lenguas. Desde minha chegada em Córdoba vinha experimentando escrever mesclando palavras em português e espanhol. Era algo orgânico já que meu pai pela experiência de ter vivido no Equador por algum tempo, sempre falava com a gente utilizando algumas expressões em espanhol. Foi em uma das aulas do curso de tradução de poesia que me encontrei com o conceito de *portuñol salvaje* ou em português, *portunhol selvagem*. Termo cunhado pelo escritor e tradutor Douglas Diegues. Fiquei ainda mais encantada com a ideia e a princípio pensei em escrever toda essa dissertação em portunhol. Infelizmente, por questões de norma, não poderei apresentá-la à academia da forma como gostaria, mas nada me impede de utilizar alguns vocábulos em espanhol e de certa forma referenciar e reverenciar este fenômeno e movimento da língua latino-americana. Em outro momento, esse desejo se realizará.

Faço coro a defesa da prática da linguagem neutra e inclusiva e compactuo com a ideia de que a língua está em constante movimento, que é viva e está suscetível a mudanças (ALMEIDA, 2020)<sup>2</sup>, tenho acompanhado as discussões acerca da temática. Entretanto, considerando a problemática da acessibilidade, principalmente em questões de deficiências e de localidades sociais e de classe, e o público com o qual pretendo dialogar, penso que ao tratar as subjetividades da *slam* apenas no gênero feminino provocarei de forma mais aproximável as inquietações e reflexões que me comprometi gerar aqui.

Outra questão que creio ser importante é a opção estética e metodológica escolhida para a linguagem e desenvolvimento deste trabalho. Para revelar minhas escolhas contarei uma situação que me ocorreu ainda na graduação: o semestre havia findado e já tínhamos realizado todas as atividades avaliativas e entregue os trabalhos finais, era sábado e eu estava em casa, meu celular tocou. Era uma professora da faculdade. Ela se identificou, mas eu já havia reconhecido sua voz, e foi direto ao ponto: alguém escreveu o trabalho final da disciplina para você? Fiquei surpresa, sem entender e meio atônita, respondi: sim, professora! Fui eu quem escreveu o trabalho. Ela começou a dizer que o trabalho estava muito bem escrito e que tinha ficado em dúvida porque durante as aulas a forma com que eu me expressava não condizia com o que ela leu no meu trabalho. Me perguntou se eu sabia o que era o conceito de *mais-valia*, que eu tinha usado. Respondi afirmativamente e expliquei o conceito, sua origem e porquê da escolha dele; ela ainda meio desconfiada se despediu e desligou. Aquela ligação nunca tinha se encerrado em mim, até aqui.

Não há a possibilidade de que as ideias que serão desenvolvidas e compartilhadas aqui estejam fora de uma expressividade que não seja a do local ao qual pertenço. Não que apenas um lugar me caiba, visto que todos os espaços nos pertencem. Porém, enquanto mulher, negra e periférica tive a construção da minha identidade atravessada por um ideal de existência que estruturalmente rejeita e nega quem sou, o colonialismo. No campo acadêmico o ideal exigido para as produções teóricas e os compartilhamentos de saberes opera dentro de uma lógica onde

---

<sup>2</sup> Manual desenvolvido de maneira informal e independente a fim de auxiliar no uso da linguagem neutra.



alguns desconsideram a subjetividade<sup>3</sup>, a interseccionalidade e o lugar de fala<sup>4</sup> de quem produz o conhecimento. Camuflando no argumento do zelo por um certo rigor científico sua prática colonialista, patriarcal e excludente. Moldar minha escrita a um formato de linguagem que não condiz ou expressa a minha identidade é participar desse movimento de apagamento e silenciamento das minhas e dos meus iguais. É chegado o momento de realmente ocuparmos os espaços acadêmicos e de poder com a nossa linguagem, com o nosso jeito de refletir e de compartilhar o que sabemos. Sou uma contadora de história, uma poeta-pesquisadora e o Pretuguês é a minha língua. Se me obrigo a compartilhar meus processos e descobertas de uma forma diferente da que existo aceito ser colonizada. Vejam! Cheguei aqui. Estou aqui, assim, dessa forma sinto e penso, logo existo.

Poderíamos dizer que esta seria uma introdução-manifesto. Bem, digo que sim. Um manifesto por Neusa Santos Souza, Frantz Fanon e tantas outras intelectualidades negras que tiveram suas produções científicas invisibilizadas e deslegitimadas pelo racismo institucional e pelo epistemicídio, que só receberam o devido reconhecimento quando não mais presentes em carne, após seus desencarnes.

Qualquer dúvida que surja com relação ao vocabulário ou as expressões usadas, sugiro que recorra às pesquisas e as instrumentalizações para compreensão das nossas conceituações e diversidades, assim como fizemos para nos mantermos vivos nessa estrutura colonial, patriarcal e racista. Nesses séculos de colonização, que ainda está em curso, aprendemos os idiomas, as crenças, os costumes e o modus daqueles que nos colonizaram e eles o que aprenderam com a nossa gente? O que sabem de nós? Tenho consciência de que mudar o passado não é possível, mas no presente, podemos construir um futuro diferente do que foi. Um por vir onde todas as formas de expressão e saber sejam legitimadas e valorizadas. Aos colonizadores do passado nada posso cobrar, mas aos seus descendentes que se beneficiam das estruturas construídas por seus antepassados, sim. O processo de reparação histórica também passa por conhecer aquilo que vem

---

<sup>3</sup> O termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (CRENSHAW, 1991, p. 54).

<sup>4</sup> O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2018, p. 8)

dos que foram massacrados pelos seus ancestrais.

Outro ponto importante é que os termos e localidades da *slam* estarão presentes em todo trabalho. Isso desde a gênese. Notou a palavra que dá título a esse texto introdutório? Pois então, é um termo que usamos na *slam*. Sacrificial é o momento que ocorre antes da batalha iniciar na vera, é como um teste e uma ambientação para as juradas e a plateia.

Nesses nove anos em que participo das batalhas de poesia falada pude perceber que nelas há muito mais que a pura competição, como alguns indivíduos sinalizam, ou a presença simplória do espírito da emulação, como prefiro definir. Na *slam*, é possível encontrar algo que vai além da busca por entreter e ser entretida, ou a intenção genuína de falar, ouvir e se alimentar de poesia. Existe algo que aos olhos desatentos pode passar despercebido: a potência educativa, social, política e de resignificação de corpos e territórios. Foi a partir dessa sutil e inesperada percepção que as questões que movem este trabalho surgiram.

A partir do movimento *Hip Hop*, das lutas culturais, raciais e feministas, há anos realizo atividades culturais em várias quebradas e em sala de aula, abordando questões de raça, gênero e classe. Já tive diversas experiências e retornos das atividades culturais que realizei, mas uma vivência despertou uma fagulha em mim e me encandeou: a potencialidade política e social, para além da estética e de linguagem, que habita nas batalhas de poesia, como mencionei acima. Nisso, também, uma profunda preocupação com relação a dominação capitalista, que primeiro esvazia toda e qualquer manifestação, que julgue perigosa, de seu sentido político, entendo este como um espaço de organização e intervenção, para depois se apropriar e vender como um produto. Esta preocupação me levou ao desejo de posicionar as batalhas de poesia falada em outros espaços. Daí surgem as problemáticas que atravessam esta dissertação. Onde posicionar a *slam*? Poderia ela ser usada como ferramenta didática? Seria ela um espaço de ensino e aprendizagem? Sendo um espaço educacional onde ela se encaixaria? Teria uma pedagogia própria? Qual seria? Como ocorreria o processo de aprendizagem na *slam*? Quem ensina e quem aprende? Como as relações e trocas se estabelecem? Seria a *slam* um tipo de protesto? Onde entram as Artes Cênicas nisso aí? Quais impactos e transformações poderiam ocorrer, em corpos e territórios, após o contato com a *slam*? Que mudanças sua presença provoca? Diversos questionamentos me invadiram e me levaram para um caminho infinito de reflexões e questionamentos.

Passei a observar esse espaço com um olhar ainda mais atento, passando por diversas perspectivas e assumindo diversos papéis: da espectadora e ouvinte, da poeta-performer-competidora, da educadora, da militante, da produtora cultural e por fim, da jurada. Todas essas vivências somadas aos estudos desenvolvidos durante o curso de Licenciatura em Artes Cênicas, na Universidade de Brasília, especialmente na disciplina A Palavra em Performance<sup>5</sup>, e durante a pesquisa que origina esta e as que virão, “A palavra em performance nos espaços não formais de ensino-aprendizagem”, que realizei em 2018-19 no Programa de Iniciação Científica (PIBIC).

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada que busca, a partir do diálogo com autorias, em especial negras e decoloniais, de diversos campos e áreas como a Educação, a Criminologia, o Teatro, a Etnocologia e a Literatura, apresentar através da *slam* uma possibilidade ou até mesmo um meio para lidar com os problemas estruturais que atravessam nossa sociedade. Particularmente gostaria de contribuir na transformação do mundo. Sonho em ver as pessoas experienciando de forma livre e genuína, sem nenhuma inviabilidade financeira, de gênero, de raça ou credo todas as suas potencialidades, habilidades e desejos, desde que estes não coloquem a vida e o bem estar de outras pessoas. O sonho é este e escolhi a Educação e a Cultura como caminho e a escrita e a universidade como um meio, apesar das contradições, de contribuir nos processos possíveis de refazimento.

A metodologia deste trabalho sustenta-se, influenciada pela teoria do pragmatismo presente no livro Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin, a princípio no relato etnográfico da minha experiência com a palavra em performance, considerando a minha relação afetiva e social com a linguagem poética, minha vivência como produtora cultural, educadora e poeta, continuada na atuação e formação em diversos papéis desempenhados por mim nas *slams*. Das diversas metodologias e tecnologias disponíveis o afeto está presente em todas as etapas dessa pesquisa. Da revisão bibliográfica ao estudo de campo.

Inicialmente buscou-se nos trabalhos de Paulo Freire bases conceituais que nortearam os rastreios das respostas às questões aqui levantadas. Durante a leitura do autor, despretensiosamente, deparei-me com o conceito da Pedagogia Social e

---

<sup>5</sup> Disciplina ofertada no segundo semestre da graduação em Artes Cênicas, pelo Departamento de Artes cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. No ano em que a cursei, a professora responsável pela disciplina era a doutora Sulian Viera, com quem tive a alegria de trabalhar no programa de iniciação científica e depois no meu trabalho de conclusão de curso.

foi a partir do encontro com este conceito que tive oportunidade de constatar as produções teóricas realizadas acerca da educação não-formal desenvolvida pela doutora Maria da Glória Gohn e por seguinte com o conceito de educação intencional e não intencional desenvolvido por José Carlos Libâneo.

Já no início dessa trajetória, durante a minha primeira pesquisa, na iniciação científica, tive a oportunidade de me encontrar com a teoria do Etiquetamento Social ou no inglês *Labelling Approach*. Desde o primeiro contato tive ganas<sup>6</sup> de aprofundar os estudos sobre a teoria do Etiquetamento Social. Esta teoria surgiu nos Estados Unidos, na década de 60, proposta como alternativa à criminologia tradicional. É marcada pela ideia de que as bases de construção das condutas marginais, criminais e dos indivíduos que as cometem são fundamentadas nas concepções sociais de instituições oficiais e grupos dominantes como ferramenta de controle social.

Esta teoria contribuiu substancialmente para a identificação do processo aplicado aos fazeres e manifestações da população negra e periférica e na construção do meu argumento para abordar a *slam* como espaço não-formal de educação e como um rito de ressignificação das identidades dos indivíduos que dela participam.

O desejo que impulsionou este trabalho é o de contribuir para as agentes e participantes do que aqui compreendo enquanto tecnologia e movimento, disputando dentro do campo da construção da narrativa oficial, dominada pelo colonialismo, uma posição não pejorativa, criminalizadora e discriminatória para esta que já demonstra ter forte influência e aceitação dentro da juventude, em especial, a juventude negra e periférica. Juventude que historicamente teve e tem suas práticas religiosas e manifestações culturais proibidas e criminalizadas pela classe dominante, que detentora do poder, de forma autoritária e impositiva, dita o que pode ou não ser cultuado e manifestado por aqueles que subjugam.

Sendo protagonizada majoritariamente por jovens – com participação significativa do gênero feminino – negras e periféricas, a *slam* supera as rotulações infligidas às suas partícipes e constitui-se em espaço de trocas, ressignificações, discussões, fortalecimento, empoderamento e educação. Para reconhecer todas essas potencialidades expostas e para contribuir de forma teórica para a *slam*,

---

<sup>6</sup> Tradução do espanhol: desejo ou vontade

desenvolvo este trabalho.

A confirmação de uma crescente publicação de trabalhos acadêmicos e literários que abordam a *slam* foi uma feliz surpresa para mim, levando em consideração que em 2017 quando iniciei minhas primeiras pesquisas no campo acadêmico tive dificuldades para encontrar material em português que abordasse o tema em si. Me lembro de na época encontrar em português apenas o livro 'Teatro Hip-Hop' da precursora da *slam* no Brasil, Roberta Estrela D'alva, trabalho desenvolvido como sua dissertação de mestrado, que para além de realizar um levantamento histórico do movimento Hip-Hop e abarcar desde seu surgimento até a expansão do movimento, reflete sobre a figura do ator-*mc* e tem um capítulo inteiro dedicado ao *Spoken Word* e a *slam*.

As batalhas de poesia falada e suas agentes veem ocupando diversos espaços com destaque, do Jabuti às telas de cinema. Em 2018, nos dez anos da *slam* no Brasil foi lançado o longa '*Slam voz de levante*', dirigido e produzido por Roberta Estrela D'alva e Tatiana Lohmann, onde a narrativa retrata poetas de diversas origens e contextos, personagens que utilizam a *poetry slam* como uma interface para a convivência, de forma pedagógica e objetivando a formação de comunidades (D'ALVA, 2022). Em 2021 a *Slam* da Guilhermina recebeu a maior premiação da Literatura brasileira, o Prêmio Jabuti, no eixo inovação, na categoria fomento à leitura e em 2022 a poeta-pesquisadora e atriz Luiza Romão venceu o mesmo prêmio em duas categorias: livro de poesia e melhor livro do ano.

De fato, a *slam* é um movimento que, se antes, parecia incipiente, mostra-se, hoje, vigoroso, e em multiplicação, com uma quantidade grande de publicações, um grande número de reportagens em programas de televisão sobre os autores e sua atuação, uma boa visibilidade e ampliação da ideia de cultura da periferia. Assim, as batalhas de poesia podem ser instâncias importantes para a circulação da produção literária periférica, assim como para a divulgação e posituação da cultura da periferia (ARAÚJO, Julia. 2018, p.10).

As produções acadêmicas, artigos, dossiês, monografias, dissertação e teses que tratam da *slam* crescem a cada ano, podendo destacar o recentemente publicado Dossiê *Poetry Slam: produção, circulação e recepção*, organizado por Daniela Silva de Freitas, Miriane Peregrino e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, que reúne trabalhos que abordam a *slam* a partir de diversos campos do saber. Algo que pode ser considerado um avanço é que parte das pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento são produções de agentes que integram, constituem e

constroem a *slam*, como a tese e dissertação elaborada por Roberta Estrela D'alva, precursora das batalhas de poesia falada no Brasil, como as dissertações de Rogério Coelho (2017) e Luiza Romão (2022). Na contramão desse avanço ainda são poucas as produções que se dedicam a presença

Dividido este trabalho em duas rodadas e uma final, assim como nas batalhas de poesia falada. inicialmente abordarei a origem e o histórico da *slam*, desde sua criação em Chicago até sua chegada no Distrito Federal. A função deste capítulo é apresentar a manifestação e sua trajetória histórica e de expansão. Nele, dialogarei com os trabalhos de diversas autorias, em especial as de pessoas que constroem e participam da *slam*. Também será apresentado um dicionário lexical e gestual, que confesso ter sido um dos trabalhos mais desafiadores em questão de método, visto que partilho da premissa metodológica de Armindo Bião:

Prefiro também denominar o artista do espetáculo, ou o participante ativo da forma, ou arte espetacular, com as palavras usadas pelos próprios praticantes dos objetos de nossos estudos, quando se autodenominam atores, dançarinos, músicos, brincantes, brincadores, sambadores e outros. Prefiro sinceramente isso a usar outras palavras já sugeridas: performer, actante, ator-dançarino ou ator-bailarino-intérprete, por exemplo (BIÃO, Armindo apud VELOSO, Graça. 2016, p. 93).

Escolher as nomenclaturas das figuras, gestualidades e elementos que compõe a *slam*, ainda que com a intenção única de contextualizar, facilitar a leitura e o acesso, foi uma tarefa difícil para mim. Há um universo de formas de se referir as dinâmicas, participantes e a própria *slam* em si, como pode ser chamada de batalha de poesia falada, competições poéticas, performances poéticas e tantas outras. Por isso, optei por tratar destas nomenclaturas nas diversas formas com que tive contato, tanto de pessoas que vivenciam quanto de quem pesquisa a *slam*, abrindo uma possibilidade de dialógico entre esses dois mundos. como uma tabela com as poetas que representaram o Brasil na Copa do Mundo de *Slam* e um mapeamento das comunidades na Argentina. Apresentarei também o mapeamento das comunidades de *slam* que realizei a partir dos intercâmbios que fiz nos últimos oito anos (2015-2023), com poetas e organizadoras de diversas regiões do Brasil e da América Latina, em um primeiro momento em especial com a Argentina e o Uruguai. Também será apresentado um dicionário lexical e gestual, uma tabela com as poetas que representaram o Brasil na Copa do Mundo de *Slam* e um mapeamento das comunidades na Argentina.

Na segunda rodada refletiremos sobre as batalhas de poesia falada, a partir da perspectiva da Educação não formal, da criminalização cultural e da Etnocologia. Temas desenvolvidos e propostos por Maria da Glória Gohn, Saulo Ramos Furquim e Armindo Bião a fim de caracterizar a *slam* dentro da prática educativa sugerida pela autora e como espaço de *desetiquetamento* social de acordo com a Teoria do Etiquetamento social, apresentada por Furquim. Compreender a *slam* como prática da educação não-formal e espaço de ressignificação de sujeitas e corpos, extrapola a necessidade de encontrar para esta manifestação um rótulo ou etiqueta, tentativa comum à lógica colonialista na qual fomos socializadas, que como forma de exercer controle sobre os diversos indivíduos, rotula e etiqueta corpos, práticas, territórios, saberes e manifestações. Como reflete bell hooks em seu livro *Erguer a voz*:

Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça (HOOKS, bell. 2019, p.36).

Aqui, propomos a reflexão e análise deste movimento a partir da perspectiva de uma trabalhadora da palavra e da *slam*. Ou seja, seremos nós a contar corajosamente com nossas vozes, verbetes e gírias a nossa versão da História.

Na final pretendo compartilhar a síntese das vivências e reflexões que fiz/faço nesses oito anos que respiro e expiro poesia e *slam* diariamente.

Preciso dizer que este trabalho é apenas uma perspectiva de alguém que vivencia a *slam*. Aqui, é o meu olhar somado a algumas vozes que trarei, sobre esse levante. Não pretendo defender verdades cristalizadas, a única verdade que defenderei aqui é a de que se há uma lei que rege a *slam*, está lei é da confluência.

## I SACRIFICIAL – A GÊNESE DA SLAM

Antes de abordar conceitos e definições que me permitiram refletir sobre a slam como um espaço de potencialidade performáticas, educacionais, políticas, sociais, tecnológicas, ancestrais e de ressignificação de indivíduos historicamente discriminados, sinto ser necessário fazer uma breve ambientação apresentando alguns significados, a trajetória deste movimento e a minha própria, os percursos que considero fundamentais para a minha chegada neste tema, que aqui é exposto como objeto de pesquisa, mas que na verdade é pilar importante da minha vida e de tantas outras pessoas. Mas, afinal de contas, que diacho é isso de slam?! Como funciona? De onde vem? São essas questões que proponho abordar neste capítulo e nos subcapítulos a seguir.

### 1 MOSAICO LEXICAL, GESTUAL E OUTRAS COSITAS MÁS<sup>7</sup> DA SLAM

*Slamvivência* n°1:<sup>8</sup> *Slam* é poesia popular feita pelo povo e para o povo, que tomando para si o lugar que é seu por direito comparecem em frente ao microfone para dizer quem é, de onde veio e trazer suas diversas poéticas, estéticas e seus pontos de vista sobre o mundo em que vive. É um espaço da escuta de vozes silenciadas. É a performance do corpo a corpo, do olho no olho, do ritual onde a palavra é comungada entre *todes* sem hierarquias. *Slam* é a educação não convencional, universidade das quebradas, supletivo poético popular, onde são repassadas as matérias que importam para enfrentarmos os difíceis tempos em que vivemos<sup>9</sup> (D'ALVA, Roberta. 2023).

*Slamvivência* n°2: Em poesia, não se compete. *Mas em si, compete!* (COELHO, Rogério. 2019, p. 95).

*Slamvivência* n°3: *La poesía es lo que nos permite hablar desde el misterio, desde la ignorancia en el sentido de, desde el asombro, desde lo que sospechamos.*

<sup>7</sup> Tradução do espanhol: outras coisinhas mais.

<sup>8</sup> Apresento o conceito pela primeira vez. Inspirada em Conceição Evaristo e em sua *Escrevivência*, proponho chamar de *Slamvivência* toda experiência (artística, social, política, literária e educacional) vivenciada nos espaços onde a *slam* ocorre.

<sup>9</sup> Tive a oportunidade, antes de concluir a escrita deste trabalho de visitar a exposição Gira da Poesia: 15 ano de *slam* no Brasil. A exposição ancorada no MAR (Museu de Arte do Rio de Janeiro) e realizada pela FLUP (Festa Literária das Periferias), celebrava os 15 anos da presença da *slam* no Brasil. Esta declaração, assim como outras informações presentes foram adquiridas nessa exposição que tive visitei no início de 2024.



*Darle forma a lo que todavía no tiene forma. Entonces, la poesía es un espacio que tiene que existir (risas). Bueno, yo digo que tiene que existir, ¿no?, existe, existe porque no va a morir nunca, pero digo, tiene la potencia de lo viviente (FANTIN, Sol. Em entrevista concedida a mim. Buenos Aires, 2023)<sup>10</sup>.*

*Slamvivência n°4: Slam é criação de comunidade. A slam é a voz poética da sobrevivência dos oprimidos. A slam é a resistência contra o fascismo que sustentou a saúde mental das pessoas. A slam é a luta pela saúde mental por meio da cura poética. A slam é a poesia viva num corpo presente que se faz identidade. A slam é a verdade e a história narrada por cada um. A slam é a trajetória. A slam é processo, é a minha vida (GRITO, Tom. 2023)<sup>11</sup>.*

*Slamvivência n°5: - Slam para mim é tipo um instrumento de resgate, um instrumento de transformação. É onde, tipo, todo os nossos pensamentos se tornam uma ação e é onde o poeta se conecta com a realidade. - É um lugar, acho que quase como um momento, e também quase como uma metáfora de um, todos estarem botando seus olhos, voltado a uma pessoa que não é vista na sociedade, que naquele momento ela é a palavra mais importante da noite. - E sem contar que iam aquilo que se sente mais à vontade, se sente em casa de falar o que quiser, da maneira que quiser e se expressar da sua melhor maneira. - E para a gente, particularmente, foi uma salvação, foi uma técnica de sobrevivência ancestral. Para a gente salvou as nossas vidas. A slam é o nosso caminho de volta para casa (CASTRO, Nataly. MB. 2023)<sup>12</sup>*

*Slamvivência n°6: Slam crea espacios poéticos a través de actos de la palabra que conjuntan a personas para convivir slam conocerse por medio de la poesía- palabra en voz ALTA. Este ejercicio sirve para unificar slam crear sitios de cooperación mutua. Al cual le atañe el ejercicio slam fomento de una alfabetización que permite aprender nuevas formas poéticas slam visibilizar las contranarrativas sociales. Aporta un poder diverso a la literatura. Lo más importante para mí: crea comunidad slam produce identidad<sup>13</sup> (MG, Comikk. 2022, p. 7).*

<sup>10</sup> Tradução do espanhol: A poesia é o que nos permite falar do mistério, da ignorância no sentido de, do espanto, do que suspeitamos. Dar forma àquilo que ainda não tem forma. Então, a poesia é um espaço que tem de existir (risos). Bem, eu digo que ela tem de existir, não é, ela existe, existe porque nunca morrerá, mas quero dizer, ela tem o poder do vivo.

<sup>11</sup> Este trecho foi acessado na exposição Gira da Poesia: 15 ano de *slam* no Brasil.

<sup>12</sup> Este trecho foi acessado na exposição Gira da Poesia: 15 ano de *slam* no Brasil.

<sup>13</sup> Tradução do espanhol: *slam* cria espaços poéticos por meio de atos da palavra que reúnem pessoas para conviverem e se conhecerem por meio da poesia - palavras em voz ALTA. Esse exercício serve para unificar e criar espaços de cooperação mútua. Envolve o exercício e a promoção

*Slamvivência* n°7: *Slam* é o momento. Não se trata da melhor poesia ou da melhor poeta e sim de quem jogou melhor naquele dia, que soube aproveitar o que a circunstância lhe oferecia. São detalhes. Um ou dois décimos definem a vencedora. (ALCALDE, 2022. p. 299).

No centro do palco, da roda, do meio fio, da assembleia, da sala, do pátio uma pessoa por vez se apresenta, performa, compete, brinca, joga e/ou derrama em mentes-corações sonhos, pensamentos, vivências, sabores, alegrias, desafios, afetos, desejos, dores, aprendizados, linhas de ônibus trem metrô, cheiros, identidades, memórias, histórias, localidades, imagens, canções, medos, repressões, paisagens, vivências, lutas, rotina e/ou sons.

Vozes sussurram, leem, berram, cantam, gemem, grunhem, gargalham, urgem, urram e/ou rosnam. Seus corpos estáticos, saltitantes, se erguem, deitados, correm, gesticulam pés, dançam braços, caminham olhos, se curvam narizes, punhos cerrados e/ou eretos. Outras pessoas escutam, observam, olhos arregalados, passos apressados, sorrisos, cenhos franzidos, bocas abertas, dedos estalam, a luz de telas, um corpo alvo feminino negro gay não-binário originário deficiente periférico trans. Entre três e oito minutos: CREDO! Notas entre zero e dez: POW POW POW! Presente o tempo, do agora, ágora, instante, o que não volta ainda que se repita segue para a próxima fase, final. ninguém ganha, a poesia quem vence: assim é a *slam* em toda parte.

Nesse mosaico de vozes que compõe e constroem a *slam* em diversas partes, como a minha onde me *complace*<sup>14</sup> compreender essa manifestação como uma faísca que atea o fogo (CANDIDO, 1996) ou/e um espaço de liberdade e livre expressão ainda que efêmera, como uma Zona Autônoma Temporária (HAKIM, 1991) e um espaço onde ideologias particulares, reforçadas pelo espírito de clã que lhes parece indispensável à sobrevivência do grupo (SANTOS, 2007) são compartilhadas; terra subversiva e autônoma que é composta por diversas figuras, elementos e símbolos que pretendo apresentar a seguir.

---

de um letramento que permite aprender novas formas poéticas e tornar visíveis as contra narrativas sociais. Ele traz um poder diversificado à literatura. Para mim, o mais importante é que ele cria uma comunidade e produz identidade.

<sup>14</sup> Tradução do espanhol: Me agrada.

Figura 1. *Slam Q'brada* na universidade

Foto: Amanda Antunes, 2018

Gosto muito desse registro e abrir essa proposta de sistematizar as palavras e gestos que compõe esse espaço de potencialidades com essa foto me chega de forma simbólica. Esse registro foi feito pela fotógrafa, Amanda Antunes. Tirada um dia depois das eleições de 2018. Estou de costas e uso uma camiseta do MTST, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, a frase nas costas diz: quando morar for um privilégio, ocupar é um dever! Nesse dia eu estava pessoalmente desolada. Tínhamos realizado várias atividades, intervenções, bandeiraços, atos, planfletagens e diversos esforços para impedir a chegada do neofascismo-petencostal-miliciano ao poder. Não direi que todas essas ações foram em vão, mas não foram suficientes para derrotar essas forças naquele momento.

Apesar da tristeza presente, me desloquei para a Universidade de Brasília e realizei a primeira edição do projeto *Slam Q'brada* na Universidade. No restaurante comunitário do campus Darcy Ribeiro montamos um equipamento simples de som: um microfone, uma caixa de som e um pedestal. A batalha estava marcada para o início do horário de almoço, pico de passagem e trânsito de estudantes e trabalhadores da universidade. Convidei as pessoas presentes para se juntarem e expliquei o funcionamento da *slam*. Iniciei apresentando as regras base, que não se tratam de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras facultativas (DELEUZE,1992) que no contexto das batalhas de performances poéticas podem ser compreendidas como uma forma de garantir a redução das desigualdades já existentes, visto que as pessoas partem de lugares e vivências distintos até mesmo quando partilham do mesmo grupo, e cria na *slam* possibilidade de que todas

participem utilizando os mesmos recursos.

1 – Não é permitida a utilização de nenhum recurso cênico, adereços e acompanhamento musical. Para esta regra não há flexibilização, como a do tempo, por exemplo. É somente corpo e voz presentes no palco. Transformando a poeta-performer em exibição e dom, agressão, conquista e esperança e consumação do outro (ZUMTHOR, 1997.) O que dá as batalhas de poesia falada uma característica ainda mais democrática, proporcionando aos que participam as mesmas condições e possibilidades de recursos: corpo, texto e voz.

2- As apresentações devem durar até no máximo 3 (três) minutos. Porém, esta regra é a mais adaptável nas batalhas de poesia falada. Sendo um dos princípios da slam a autonomia das comunidades, muitas delas subvertem e adaptam essa afim de atender suas propostas e objetivos, sem que com isso deixem de ser compreendidas como uma comunidade de slam.

Bem, em minha formação acadêmica este formato de jogo, e aqui trato deste conceito a partir da perspectiva de Spoile, não me é estranho, encontro nestas duas primeiras regras apresentadas fortes semelhanças com as propostas do Teatro Político, em especial com das peças de agitação do teatro agitprop que consistem em Peças curtas (10 a 15 minutos) centradas num único tópico. Seus “personagens” são funções sociais. O figurino é constituído por uma roupa básica e adereços simples como chapéus (de países, classes sociais etc). Normalmente dispensa adereços de cena ou usa no máximo bancos e objetos de fácil transporte. Por sua agilidade, esta forma se prestou basicamente à agitação de questões da ordem do dia. Servia para ilustrar propostas em debate ou para divulgar questões de urgência (CAMARGO, Iná. 2015, p. 38)

A criação da *slam* teria sofrido influência destas correntes teatrais? Em uma entrevista dada à Comiikk MG, Emerson Alcalde e Roberta Estrela D’alva, em 2021, durante as atividades remotas propostas pela FLUP durante a pandemia, Marc Kelly Smith, criador da *slam*, compartilha parte do processo de popularização das batalhas de performances poéticas nos Estados Unidos e como houveram pessoas dispostas a ingressar na cena com o único objetivo de se apropriar e lucrar com aquela manifestação que ganhava cada vez mais popularidade. Transcrevo suas palavras a seguir:

E todos, no começo, falavam: *slam* de poesia é só uma modinha, é besteira. Assim que ficou bastante popular, fazendo muito sucesso, de repente as pessoas queriam chegar e se apropriar do *slam*. E no começo, não tínhamos uma organização. Só fomos criar uma organização nacional em 1995, e foi o meu maior erro. Foi terrível criar uma organização para o slam. Mas de 1986 até 1995, não havia organização, então, não tínhamos

recursos jurídicos para impedir que as pessoas explorassem o slam. Eu passava muito tempo ao telefone. Lembro de um produtor do Radio City Music Hall, uma grande casa de espetáculos da cidade de Nova York, que queria fazer um grande show: o slam de poesia! Eu liguei para ele e disse: Você não pode fazer isso! Não pertence a você! Pertence a milhares de pessoas que dedicaram suas almas e corações. Você não pode usar para ganhar dinheiro! E essa é minha posição. Pessoas como Grand Malade, que tiveram carreiras incríveis, não o fizeram explorando os outros. Ele é um grande talento fazendo poesia performática e ele contribui com a comunidade, mas outras pessoas utilizaram o slam... Já o utilizaram em comerciais de TV, esse tipo de coisa! Você vê o slam em comerciais de TV, em sitcoms. Essas pessoas estão utilizando uma forma de arte que pertence a todos. Não pertence a mim, pertence a todos! E o capitalismo, como nós sabemos, explora tudo que pode para ganhar dinheiro. Eu não sou capitalista e Bob Holmann também não. [...] A arte para mim... As pessoas podem discordar de mim, mas para mim, a arte é sagrada e tudo bem que artistas ganhem dinheiro, todos nós ganhamos, mas não esse ímpeto de se tornar um grande astro e não gosto que uma corporação, uma empresa lucre com o trabalho duro e a dedicação de outras pessoas. [...] Eu sou anticapitalista. Com muito orgulho. Sou socialista da velha guarda (SMITH, 2021.).

Ouvir esta declaração do “*slam papi*”, como Marc Smith é chamado por algumas pessoas da cena *slam*, para além de gerar em mim uma identificação e admiração, também levanta uma outra questão: qual a possibilidade de o criador das batalhas de poesia falada ter se inspirado nos formatos do Teatro Político e do Teatro agitprop utilizado no pré e durante a Revolução Russa? Para esta questão não possuo respostas, apenas a suspeita de que sim, regras com tais características vindas de uma pessoa que se apresenta enquanto um socialista não seriam mera coincidência, mas vejo como importante levantar o questionamento pois reforça a ideia ou a pergunta, que espero ser respondida por outra pessoa em algum momento, de que em sua concepção mais que uma manifestação ou expressão artística, a *slam* se alimenta na fonte das práticas revolucionárias e estratégias anticoloniais.

3- Os textos apresentados devem ser de autoria da pessoa que se apresentará. Esta regra imprime na *slam* a possibilidade de ser um espaço de autorrepresentação e da prática da escrevivência<sup>15</sup>, conceito cunhado pela escritora, professora e pesquisadora, Conceição Evaristo, onde questões sociais e políticas, muitas vezes vividas por quem participa e pela coletividade da qual faz parte, como racismo, violência policial, machismo, transfobia, gordofobia, capacitismo e outras sejam abordadas. As temáticas presentes na *slam* são um ponto de crítica por parte

<sup>15</sup> Para a autora a escrevivência é a escrita de um corpo, de uma condição a partir da experiência negra no Brasil.

de outros espaços literários, especialmente os tidos como oficiais, que afirmam que nas produções literárias de sujeitos subalternizados ou de baixa escolaridade não conteriam o que é necessário para serem consideradas grandes obras, por não terem um cuidado com a forma, serem desprovidas de uma poética, de uma literariedade e se restringirem ao que é panfletário (BAROSSO, 2017). Afirmar que as criações literárias advindas das camadas sociais são carentes de forma, de poética e de literalidade não seria a máxima panfletária do preconceito de classe e linguístico? Esta não é uma discussão recente, o debate entre a produção artística entendida como erudita e popular, oficial e marginal se estende há tempos e não me aprofundarei nela, mas considero importante apontar que a *slam* também tem sido atravessada por ela. Na *slam* desdobram-se questões que ultrapassam muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele (DALCASTAGNÈ, 2012), é assim a disputa pelo espaço de poder da narrativa.

Apresentadas as regras era o momento de apresentar a dinâmica do jogo. A *slam* se divide em quatro etapas:

- Agitação e acolhimento: é o momento em as pessoas que participarão da batalha se inscrevem, importante ressaltar que a *slam* é uma ação geralmente estruturada no presente, ou seja, não há definição prévia em geral de participantes, plateia e juradas. Nesse primeiro momento as regras são apresentadas e um poema teste ou café com leite é realizado para a ambientação de todos presentes. Chamamos este momento de sacrificial, termo que descreverei mais adiante.
- Primeira rodada: Após o sacrificial inicia a primeira rodada, onde todas as pessoas inscritas terão a oportunidade de apresentar seus textos autorais e suas performances.
- Segunda rodada: Aqui, permanecem as poetas que tiveram as maiores notas da etapa anterior. Esse número varia de acordo com a quantidade de pessoas inscritas na primeira rodada.
- Final é a última rodada, geralmente ocorre entre as três finalistas. É também o momento é apresentada a pessoa vencedora da edição e as outras duas colocações quando também acontece a premiação.

No registro fotográfico exposto anteriormente é possível identificar diversas

figuras, elementos e camadas que compõe a *slam*: pessoas segurando quadros onde números são apresentados, outras assistem e observam e algumas apenas interagem entre si. Antes de apresentar cada um desses elementos da *slam*, algo importante, sobre os princípios fundantes das batalhas de poesia, exposto pela precursora da *slam* no Brasil, em uma carta enviada aos *slammasters* participantes da *Slam BR* do ano de 2015, precisa ser compartilhado

Nem a apresentadora, nem as juradas, nem o público, nem ninguém deve ser mais importante do que tudo isso junto, do que a celebração, a festa, o fervo todo. Muito embora muitas vezes na prática não seja sempre assim, a busca disso me parece algo justo e bem acertado para que se mantenha o espírito da comunhão e do encontro acima de tudo, ainda que haja competição.

Neste trecho Roberta Estrela D'alva, expõe uma das máximas em que acredito: ainda que exista, como forma de entreter e criar certa emoção em quem participa e assiste, uma áurea de competitividade nas batalhas de performances poéticas, tudo que a envolve a *slam* só existe sua totalidade, onde todas as agentes, gestualidades e dinâmicas tem o mesmo peso e importância. Sem o público não há *slam*. Sem poetas-performers que se disponham a escrever e compartilhar, diversas vezes expondo dores, sonhos, angústias e ideias, não há *slam*. Sem a pessoa que prepare este espaço e faça a mediação entre todas essas esferas, não há *slam*. Este espaço só acontece a partir do encontro entre todos estes elementos. Sem o encontro, a *slam* não acontece.

Dito isto, você pode estar se questionando: quem são essas pessoas mencionadas? O que fazem ali? A princípio, pensei em criar um dicionário, mas algo nessa ideia me inquietava e cheguei a conclusão de que essa gestura vinha da percepção de que esta seria uma forma de sistematização racional, objetiva, pragmática e reducionista, como a lógica colonizadora de criar uma palavra para se referir a grupos e povos. Não, essa prática não cabe aqui. Por isso, o que já chegou a ser um dicionário se tornou um mosaico. O elaborei composto por imagens, algumas palavras e gestos comuns nas batalhas de poesia falada para que você possa se familiarizar com este universo. Importante dizer que compreendo que cada uma das figuras apresentadas nele, não apenas das pessoas que competem, estão dentro do conceito de Performance, termo que tornou-se muito popular nos últimos anos, numa grande série de atividades, nas artes, na literatura e nas ciências sociais (CARLSON, 2010. p. 11), mas todas as outras que compõem a *slam*. Entendo que

este conceito enquanto práxis é inclusivo, podendo a performance ser abordada tanto quanto um leque (ou ventilador) quanto uma rede. Como um leque inclui por aderência modal ritos, performances do cotidiano, cenas familiares e atividades lúdicas (MARTINS, 2003. p. 65).

Figura 2. Plateia-torcida, Slam DFão 2023



Fonte: Beatriz Braga, 2023

### **Credo:**

O credo está em tudo quanto é lugar, em camiseta, em adesivo, mas principalmente na boca do povo. O credo é o rito da *slam* brasileira, é o que se ouve a quilômetros de distância. Qualquer nota que não seja dez leva um grande e retumbante credo” (ROMÃO, 2022, p.80).

É uma expressão, geralmente gritada, de desagrado e insatisfação pela nota dada ou recebida. É uma intervenção que pode ser proferida ou partir tanto da plateia quanto da participante “competitiva” da batalha. Uma curiosidade sobre essa expressão é que ela surge de forma espontânea em São Paulo “criada” pelo Cérebro IDP em tempos imemoriais.

**Empate:** É quando numa rodada ou final, duas ou mais poetas terminam com a mesma nota ou soma de pontos. Penso que o empate acontece quando o encontro entre poeta-júri-público decorre em caminhos diferentes, mas com a mesma importância. É quando uma palavra, um gesto, um verso, um olhar, um



movimento que parte de corpos distintos atravessam com a mesma força e potência um coração. Posso dizer também, considerando o senso e o aspecto comunitário presentes na *slam* que o empate é quando, também, o reflexo se desdobra em mais de um espelho. Não é difícil que ocorra um empate em uma *slam*, é mais comum do que se imagina. Assim como em qualquer outra atividade em que a dinâmica proposta é também atravessada pela emulação. Quando o empate acontece o desempate precisa ser feito. Ainda mais quando se trata de uma edição que vale vaga para um estadual ou nacional. O desempate pode ser feito de diversas formas: uma rodada extra, pela votação do público ou com critérios secundários que podem ser definidos pela comunidade, como por exemplo: maior nota nas rodadas anteriores ou originalidade da performance. Cada comunidade de *slam* tem autonomia para definir como realizará o desempate entre poetas.

#### **Estalar de dedos:**

Numa performance da oralidade, por exemplo, o gesto não é apenas uma representação mimética de um sentido possível, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. Ou ainda, o gesto não é simplesmente narrativo ou descritivo, mas performativo. (MARTINS, 2003. p. 65)

Esta é uma gestualidade que indica aprovação ou identificação por parte da plateia ou de quem assiste com o poema ou verso apresentado. É como se falassem os dedos da plateia: isso é o que sou, o que vivo, acredito e sonho! Como se a ouvinte-expectadora subisse ao palco junto a poeta-performer, elas dessem as mãos e declamassem juntas o poema-texto-discurso.

**Grito de guerra:** É como a impressão digital de uma comunidade: única. É a agitação feita um instante antes da poeta-performer iniciar sua apresentação. É como as boas-vindas, o preparo, o pedido lúdico de atenção e silêncio, é o abrir das portas para a poesia. Cada comunidade possui o seu. Por exemplo: na *Slam DFão* antes de cada apresentação, dizemos: a nota não importante o que importa é o poema: *SLAM DFÃO!*

Com a intenção de trazer a diversidade de vozes presentes nas batalhas de poesia falada das diversas regiões do Brasil, convidei<sup>16</sup> as representantes das organizações estaduais para responder algumas perguntas, que podem ser acessadas junto das respectivas respostas no final desta pesquisa nos anexos, uma

<sup>16</sup> O convite foi feito pelo aplicativo de mensagens WhatsApp.

das questões abordava os gritos de guerra das comunidades existentes no seu Estado. Compartilho a seguir, a lista com os gritos de guerra que me foram enviados:

**AMAZONAS:**

*Slam AM:* Com versos e poesia a nossa terra treme, Slam AM, Slam AM!

*Slam MHC:* Poesia, poesia, poesia pra viver, Slam MHC!

*Slam na Praça:* Poesia, poesia, poesia que resgata, Slam na Praça, Slam na Praça!

**BAHIA:**

*Slam das Mulé:* É as mulé ou, não é? O público responde: é sim, porra!!

**DISTRITO FEDERAL:**

*Slam Déf:* Slam Déf, Slam Déf!

*Slam Q'brada:* A nota não importa o que importa é o poema, Selam Q'brada!

**ESPÍRITO SANTO:**

*Slam Xamego:* Que os corações sejam aquecidos, amores correspondidos e que não nos falte contatinhos, Slam Xamego!

*Slam Forte:* Movimento cultural faz mais barulho que uma clock, Slam Forte!

*UF Slam:* A poesia é o caminho de lutar pelo amanhã, UF Slam!

**GOIÁS:**

*Slam GO:* Na terra do pequi tem poesia no gogó, Slam GO!

*Slam do Céu:* Cada verso aqui falado é mais que poesia no papel, Slam do céu!

*Slam da 01:* A arte é pra todos e aqui todos são por um, Slam da 01!

*Slam Fala Tu:* Poeta grita seu nome e a plateia responde: fala tu!

**MARANHÃO:**

*Slam Odara:* Que porra de açai o bagulho é juçara, isso é Slam Odara!

**PARÁ:**

*Slam Dandaras:* guerreiras, rainhas, mulheres de resistência Dandaras do Norte é slam e consciência!

**PARANÁ:**

*Slam Pé Vermelho:* Poesia é o Conselho, Slam Pé Vermelho!

*Slam de la Frontera: Para 32oesía no hay barrera: Slam de la Frontera!*

*Slam das Gurias:* Slam Poesia, Slam das Gurias!

**RIO GRANDE DO NORTE:**

*Slam RN:* Slam RN, Solte sua voz!

**SANTA CATARINA:**

*Slam Cruz e Sousa:* Onde a voz ecoa e o gritou ousa, Slam Cruz e Souza!

*Slam Estrela D'alva:* A poesia salva, Slam Estrela D'alva!

*Slam SC:* Do morro ao litoral a poesia transforma o ser, o ser Slam SC!

*Slam Nosso Olhar:* Preto tem voz e vai ecoar, Slam Nosso Olhar!

Enquanto ouvia e sistematizava os gritos de guerra enviados pelas organizadoras o sentimento de orgulho invadiu meu peito e não é para pouco, em cada um destes gritos é possível identificar a potência da diversidade, das identidades, representatividades, das críticas e das propostas presentes em cada uma dessas comunidades. É lindo! Não recebi a tempo as respostas de algumas organizações e infelizmente ficaram faltando alguns gritos, mas espero completar a lista e publicar em artigo em breve.

Figura 3. Juri Slam DFão



Fonte: Beatriz Braga, 2023

**Júri:** São pessoas, entre cinco ou três, que têm a difícil e complexa missão de avaliar e dar notas as performances apresentadas durante as rodadas “competitivas” das *slam*. Não é exigido as pessoas que participam do júri que possuam nenhum tipo de qualificação acadêmica ou experiência prévia com *slam* ou performances-poéticas. Sobre a experiência de compor um júri encontrei o seguinte relato:

a atividade de jurado, devo dizer que foi extremamente divertida. Senti a pressão das vaias ao dar uma nota 9,8 (por exemplo), recebi aplausos quando fui o único jurado a dar 10 para uma poesia. Encarei tudo com bom humor, e o clima geral também era esse. Os mais sérios eram os poetas, envolvidos com a competição. Participar como jurado me ajudou a compreender algo que já estava desconfiando há algum tempo, principalmente depois que parei de competir, e que Marc Kelly Smith expressou em um intraduzível *it's a game, fool* (“é um jogo, seu besta”?). Cada um encara o jogo de uma forma. Para uns é coisa mais séria, para outros, pura diversão.

Pessoalmente, tive uma experiência completamente diferente da descrita. Durante o Campeonato Nacional de Poesia Falada de 2023, fui convidada pela organização para compor o júri da segunda rodada do primeiro dia da *Slam* BR. Não foi a primeira vez que eu participava de um júri, minha estreia foi em 2022 durante a Copa do Mundo de *Slam*, mas estávamos em formato remoto e a experiência foi completamente diferente desta onde eu estava diante, cara a cara, das participantes. Tenho registro desse dia no meu diário de viagem:

Cheguei ontem para a *Slam BR*, antes passei por BH, só na rodoviária de lá. A cidade é preta, muito diferente de Brasília, diria até que do DF. Tem poetas de todos os Estados, uma galera muito jovem, é impressionante. Ontem, participei como jurada. Foi uma experiência nova para mim. Tinham cinco participantes: um do Tocantins, um do Rio de Janeiro, dois do Amazonas e uma de Sergipe. Um dos meus critérios foi o gênero, não posso negar. Outro foi a região de onde a pessoa vinha. Como poeta que já participou do BR, sei o que significa representar seu Estado e como influência ser de determinado lugar. Critérios que ao final, nem tiveram uso, visto que as que melhores performances e poesia partiram de pessoas que cumpriam esses requisitos. Eu sentia que a vida daquelas pessoas estava nas minhas mãos, que suavam. Foi bastante intenso. Quando dávamos notas abaixo de dez, as torcidas gritavam: CANALHAS! Eu ria um bocado. Foi uma experiência interessante. Posso dizer que já estive em todas as posições da *slam*. Tinham poemas como os trazidos por Nat e Jéssica que me faziam arrepiar. Nat tinha uma performance incrível. Super potente. Articulava subidas e descidas de tom, variações de entonação. Jess me encantou na primeira performance, foi boa nas seguintes, mas a primeira foi espetacular. Itabira, Minas Gerais. 01 de dezembro de 2023.

Entre os que compunham comigo o que chamarei de berlinda estava Emerson Alcalde, poeta, escritor e idealizador da *Slam* da Guilhermina. Apesar das risadas que dávamos a cada grito de: canalhas, direcionado a nós, a tensão tomava de conta da minha existência durante os minutos de batalha. Como *slammer* eu sabia o que cada nota poderia representar para aquelas pessoas. O que para alguns pode ser entendido como um simples jogo ou uma mera diversão, para outras significava a possibilidade de mudança de vida, literalmente.

Muitas das participantes nunca tinham saído de suas cidades, nunca tinham viajado de avião, nem ficado hospedadas em hotel, isso para dizer somente do impacto experiencial que uma oportunidade dessas, de ser representante do seu Estado pode proporcionar para algumas. Sem mencionar a vitrine profissional que é participar e vencer um campeonato nacional de poesia falada. Imagina o que representa para uma pessoa que nunca teve contato com gente de fora participar de um evento com poetas de todas as partes do mundo! Imagina o impacto que isso tem na vida dessas pessoas! Para quem já vem de um lugar onde alguns direitos estão garantidos isso pode não ter muita importância, mas para quem vem da favela, da quebrada, da mata, da zona rural, do gueto não é só um jogo ou uma diversão, é valendo a vida<sup>17</sup>, como muitas na *slam* dizem, e é. O que mais ouço é: a *slam* salvou minha vida! Uma fala compartilhada comigo no último dia de evento, por uma pessoa que organiza *slam* no interior de Minas Gerais, me impactou

---

<sup>17</sup> Essa reflexão me faz pensar na diferença que o impacto das batalhas de poesia falada tem na vida das pessoas a partir dos territórios posições sociais que estas pessoas ocupam. Em breve, em outro trabalho, me aprofundarei e debruçarei sobre esta questão.

profundamente, ele me disse: ah não! Acabou, né? Vou ter que voltar pra'quela realidade. Trabalhar, fazer entrega dez hora por dia e só. A nem! Queria não.

Eu sabia o que ele estava falando, aquele sentimento de tristeza de sair do sonho de dias inteiros de poesia, da pausa do corre pela sobrevivência, do estar junto de quem compartilha ideias e vivências semelhantes à sua e voltar para a realidade de nossas cidades que são tão conservadoras e para nossas rotinas que por vezes são tão desgastantes e solitárias, aquela tristeza também habitava minha alma. Ali, para mim e muitos, não se tratava de uma mera diversão, mas de vida.

**Matemática:** É a pessoa responsável por marcar o tempo de apresentação da *slammer*, anotar e somar as notas de cada rodada.

Figura 4. Francklin Lino matemático voluntário da edição da *Slam* DFão.



Fonte: Beatriz Braga, 2023.

**Sacrificial:** Também chamado de poema aquecimento, poema café com leite ou poema teste. É o poema apresentado para preparar as juradas e familiarizar quem nunca participou ou assistiu uma *slam*. Em algumas comunidades este momento também é chamado de poema sacrifício. Alerto que não há um termo correto a ser utilizado, cada comunidade tem sua forma.

Antes de apresentar estes dois elementos fundamentais da *slam* que virão a seguir, vejo necessário apresentar que de acordo com seus precursores, as batalhas de poesia falada se estruturam em: poesia, performance, competitividade, interatividade e comunidade (RUANDO,2020), estruturas e dinâmicas com as quais a figura, com o acréscimo que faço do corpo enquanto instrumento e meio, visto que em junção com a voz, entendendo estes como indissociáveis, essas figuras se



relacionam. São elas:

Figura 5. *Slammaster*, Meimei Bastos e intérprete de Línguas, Ana Júlia Gomes



Fonte: Beatriz Braga, 2023.

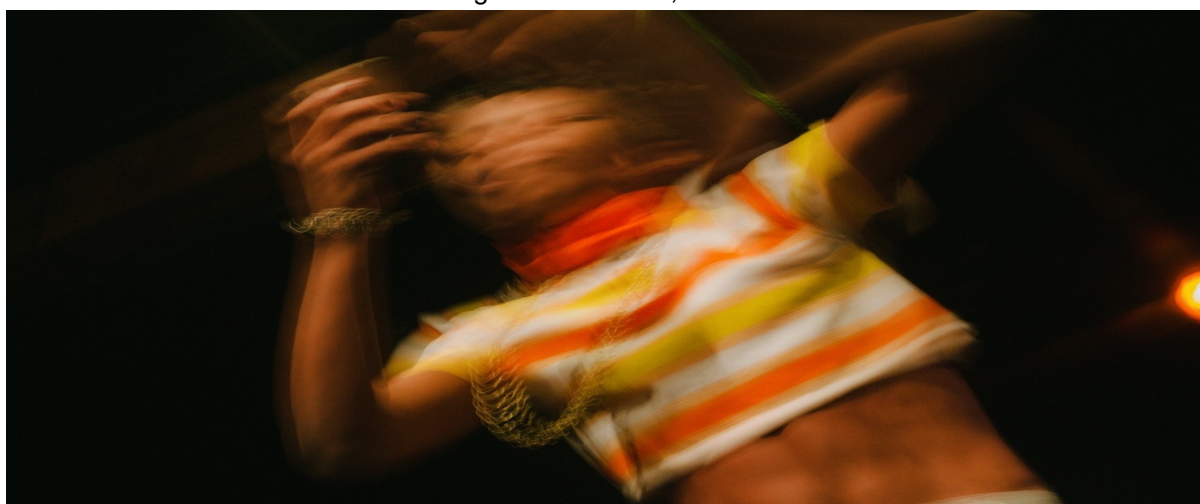
***Slammaster***: Palavra em inglês que denomina a pessoa que organiza, media e apresenta a batalha. Rogério Coelho, organizador da *Slam Clube da Luta*, em sua dissertação de mestrado, compartilha um tanto de sua vivência como *slammaster* e nos diz do papel que esta figura pode cumprir, em suas palavras o organizador diz: envio as informações necessárias para quem está disposto a começar um slam em sua cidade, bairro, região. Visito regularmente os *slams*, participando e contribuindo com informações vindas da experiência como organizador. O trabalho de compartilhar informações e transmitir as regras e princípios da *slam* para as comunidades mais novas está dentro da filosofia da *slam*.

Considero uma função por vezes delicada, me recordo de uma situação vivida na última edição do *Slam DFão*, em setembro de 2023, quando um grupo de participantes questionou a apresentação de uma poetisa pois de acordo com eles esta teria utilizado seu óculos de grau como recurso cênico. Aquela era uma situação inédita para mim. Nunca tinha passado pela experiência de me deparar

com a sordidez masculina na *slam*. Para mim, aquela era uma demonstração clara da fragilidade masculina quando uma mulher, especialmente negra, está a ponto de vencer. À *slammaster* e ao coletivo organizador da batalha, ainda que o ideal seja que sempre exista espaço para o diálogo e sugestões, dá-se autonomia para conduzir e decidir sobre o evento. Bem, ainda que me valesse disso, sabia das dificuldades e do desgaste que me causaria expor o ridículo daquela situação e que isso seria compreendido pelo grupo de homens insatisfeitos com o desempenho excelente da poeta como um posicionamento favorável a ela e uma possível manipulação<sup>18</sup> de minha parte nos resultados. Levei a situação para a plateia e para o júri, recobrei as regras, perguntei se poderíamos considerar o gesto da participante, de arrumar os óculos, como uma utilização de recurso cênico. A plateia ficou estarrecida com a postura do grupo e em me responderam com um alto, claro e unísono: NÃÃÃÃO!

Demos continuidade a batalha, recorro que esta situação abalou um pouco a participante que foi apontada como trapaceira, não somente ela, mas a todas as pessoas presentes. Caberia na *slam* comportamento tão mesquinho e baixo? Particularmente, acredito que não, mas nesses nove anos de atuação sem romantizações, isso é algo que acontece e que suspeito, com o aumento da visibilidade da *slam* nos últimos anos, será cada vez mais recorrente e caberá as *slammasters* as conduzirem de forma firme a garantir os princípios transformadores deste espaço.

Figura 6. *Slammer*, Prince



Fonte: Beatriz Braga, 2023

---

<sup>18</sup> Pretendo em outro trabalho discorrer sobre os desafios enfrentados enquanto mulher, jovem e negra a frente de uma competição regional com a participação masculina.

**Slammer:** Palavra em inglês que nomeia as poetisas-performers-competidoras e participantes da *slam*. Roberta Estrela D'alva reflete sobre essa figura que

provocam paixão, ódio, que despertam desejo, dor, repulsa, admiração. Os poetas que entram nessa arena sabem que terão que emocionar a audiência, seja pelo humor, pelo horror, pelo caos, pela doçura, pela perturbação ou pelas inúmeras sensações emocionais e corporais que propõem, e os mais diversos recursos são usados por eles para atingir esses fins (D'ALVA, 212, p. 123).

É a figura que carrega as principais estruturas que compõe a *slam*: poesia, performance, competitividade que aqui substituo por compreender, sem ignorar as perspectivas diversas, que esta não é o objetivo primário das batalhas de performance poéticas, nem uma característica inventada por ela nos campos literários e orais, por emulação. É também a agente responsável, a partir do compartilhamento de vivências e ideias através da poesia-texto e da performance, contribui para criação do senso de comunidade presente nas *slams*.

## **2 E O PRINCÍPIO FOI O VERSO: O SURGIMENTO DA POETRY SLAM**

Um grupo de pessoas reunidas, uma pessoa está com uma prancheta anotando os nomes das pessoas que pretendem se apresentar, elas se aproximam, identificam-se e saem. Essa pessoa, a que estava colhendo os nomes dos participantes, se dirige aos presentes e explica a dinâmica do jogo: serão três etapas classificatórias, as apresentações são de poemas ou textos autorais, não é permitido se valer de nenhum recurso, seja de figurino ou de acompanhamento musical, o tempo máximo de apresentação é de três minutos. Vence o jogo a pessoa que receber as maiores notas nas três etapas. O público se anima e a mediadora pergunta: quem gostaria de participar do júri? Pessoas aleatórias entre os presentes se voluntariam para compor o grupo que avaliará as apresentações das participantes. Nenhuma experiência prévia é exigida, seja para quem assistir, se apresentar ou para as que avaliarão. As pessoas se apresentam, gesticulam, declamam, leem, cantam... Outras pessoas dão notas. A plateia também participa, não está ali passivamente. É ela quem em parte dá a energia à batalha. É quem reage e rege a intensidade do jogo, aplaudindo e estalando os dedos quando alguma performance a agrada ou vaiando as notas dadas pelas juradas. Vence a competição a participante que ao longo da disputa conquistar a maior pontuação.



Maravilha! Esta é a *slam*, mas atenção, explicando assim parece que se trata de uma competição, uma disputa, unicamente, mas não é.

A *Poetry Slam*, termo original do inglês, é uma batalha de poesia falada, onde a poeta se inscreve para declamar seu texto autoral para um júri composto por pessoas que geralmente fazem parte do público e são escolhidas no momento da batalha. Conforme apresenta Roberta Estrela D'alva (2014), no livro *Teatro Hip Hop: a performance poética do ator-MC*, em 1986, na cidade de Chicago, capital do estado de Illinois, nos Estados Unidos, um grupo de poetas chamado *Chicago Poetry Ensemble* e o poeta-performer Mark Kelly Smith, realizou no *Green Mill Jazz Club*, a primeira batalha de poesia falada do mundo. De forma despretensiosa e espontânea, Smith, pediu ao público presente para que avaliasse e desse notas às apresentações:

Smith, em colaboração com outros artistas, organizava noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos. Foi nesse ambiente que o termo *poetry slam* foi cunhado, emprestando a terminologia *slam* dos torneios de baseball e bridge, primeiramente para denominar as performances poéticas, e mais tarde as competições de poesia (2014, p.110).

Assim, os encontros poéticos organizados por Smith e seu grupo, tinham a finalidade de socializar a poesia falada, tirando-a dos pedestais inacessíveis da classe burguesa e dos excludentes círculos acadêmicos, trazendo a linguagem poética para mais perto dos trabalhadores e do público não acadêmico. Logo a *Poetry Slam* se popularizou, sendo acolhida por artistas de diversos seguimentos, incluindo artistas dos movimentos negro e do *Hip-Hop*.

Segundo a reportagem de Bruce Weber para o jornal *New York Times* (1999), o poeta Bob Holman é uma figura importante para a popularização da *slam* nos Estados Unidos. Foi ele quem levou a dinâmica criada por Marc Smith para Nova Iorque e tornou a batalha de poesia falada um evento célebre na década de 90, possibilitando o contato de diversos fazedores de cultura com a *slam*.

Conforme se desenvolveu, a *slam* viu uma infusão de performances inspiradas no *hip-hop*, de forma que es novates podem erroneamente assumir que a competição floresceu dentro da cultura do *hip-hop* afro-americano, como oposta às suas raízes na classe operária branca. Entretanto, mesmo quando se consideram sua história e a vasta gama de poesia performada nas *slams*, é nítido que o *hip-hop* tem uma influência

importante para muitos slammers hoje. Poetas frequentemente empregam o dialeto do hip-hop no palco da *slam* e muitos deles usam os mesmos materiais em *slams* e batalhas de rima. A poesia dos *slams* e do hip-hop também se engajam em questões similares sobre autenticidade e identidade, especialmente quando se interseccionam com a produção cultural afro-americana e respondem a um pedido por “realidade” (ROMÃO, 2022. Apud. p. 40, tradução livre).

A aproximação de artistas dos movimentos sociais e do Hip-Hop foi fundamental para a presença da construção de uma das características mais marcantes na *slam*: a poesia política e de protesto. Foi a partir da chegada de artistas engajados politicamente que a batalha de poesia transformou-se e adquiriu uma nova função. Ainda em Nova Iorque a *slam* passa a ser mais que um espaço de entretenimento, para se tornar uma assembleia onde pessoas negras, mulheres, LGBTQIAP+, imigrantes, trabalhadores e todo tipo de gente explorada e oprimida pudessem dividir suas subjetividades. Com a chegada desses grupos a *slam* conquista outros objetivos e passa a ser considerada como um movimento de contracultura, gerando incômodo, a princípio, na camada mais tradicionalista da literatura local nova-iorquina:

Os tradicionalistas acham enfadonho que tanto da poesia *slam* gire em torno de narrativas pessoais ou protesto indignado, e eles insultam as ideias de que a qualidade de um poema é quantificável e que o empreendimento de fazer arte distingue entre vencedores e perdedores. Mas como os *slammers* gostam de responder, "eles não gostam do que não podem fazer" e, de qualquer forma, os *slammers* são uma força cultural genuína. É um movimento de base, verdadeiramente nacional, que desde que um poeta de Chicago chamado Marc Smith realizou as primeiras competições em um bar chamado *Get Me High* em 1984, cresceu para abranger eventos regulares em mais de 100 lugares em dezenas de cidades em todo o país. O fenômeno criou uma subcultura com a sensação de uma contracultura, completa com santuários (lugares como o *Green Mill Tavern* aqui, onde o Sr. Smith realiza torneios de domingo à noite desde 1986; e o *Nuyorican Poets Cafe* no East Village em Manhattan) e ícones (WEBER, Bruce. *New York Times*, 1999, p.1).

Além dos aspectos destacados por Weber, D’Alva observa que a *slam* tem um caráter *copyleft*, pois nenhuma das comunidades paga para usar o nome ou o método e as informações são disponibilizadas em rede para todos (2014, p. 113). Não ser propriedade de seus criadores possibilitou a expansão da batalha de poesia falada por diversos países do mundo. Tanto que, atualmente, existem comunidades espalhadas por todos os continentes. Grupos que se organizam de forma autônoma, modulando as regras básicas: poemas autorais de até no máximo 3 minutos de duração e apresentações sem a utilização de nenhum elemento cênico, seja de

figurino ou acompanhamento musical, de acordo com suas propostas e realidades. De forma que mais pessoas, sem distinção de idade, etnia, raça, classe e gênero, de forma igualitária possam participar da batalha utilizando apenas seu corpo, palavra e voz.

No Brasil, exemplo disso é a “*Slam do Corpo*”, onde uma poeta surda declama em Libras seu poema autoral, enquanto uma intérprete-poeta faz a tradução para as espectadoras. Espaço que possibilita, a partir da junção de dois corpos e duas línguas (OLIVEIRA; VIEIRA; VIVEIROS, 2023) a criação de uma identidade surda (PATROCÍNIO, 2023). As comunidades se adequam as temáticas e pautas que se propõem levantar, como questões de gênero e raça, como na *Slam das Minas*<sup>19</sup> no qual apenas mulheres trans, cis e lésbicas<sup>20</sup> podem competir e a “*Slam a Coisa tá Preta*” (DF), exclusivo para pessoas negras. A regra sobre o tempo máximo de apresentação também é um elemento a ser modificado por algumas comunidades, como o “*Menor Slam do Mundo*” (SP), em que as poetisas têm entre um, três e dez segundos para apresentar seus poemas.

### **3 NA GRINGA É SLAMMER, AQUI NÓIS É PROFETA: OS PRIMÓDIOS DA SLAM NO BRASIL**

No Brasil, assim como em toda parte da América Latina, há uma expressiva tradição oral trazida pelos diversos povos originários, de África, Árabes e Europeus, que contribuíram com a formação cultural do nosso território.

Aqui, as batalhas de poesia falada encontram um terreno predisposto e frutífero, atravessado pelas tradições de rapsodos, aedos, bardos, galiardos, trovadores, griots e repentistas que utilizavam do canto e do jogral como forma de declamar poemas, contar histórias e transmitir saberes. Aqui, primeira *slam* ocorreu após vinte e dois anos da sua criação original nos Estados Unidos. Em seu livro autobiográfico, Emerson Alcalde, fundador da *Slam da Guilhermina*, nos apresenta um breve relato da noite em que a *slam* nasceu no em nossas terras:

<sup>19</sup> Primeira batalha de poesia falada exclusiva para mulheres cis/trans e lésbicas do Brasil. Idealizada pela poeta Tatiana Nascimento em parceria com Val Matos e outras pessoas. Atualmente, o formato Slam das Minas está em diversos Estados do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pará, Pernambuco, Acre e Minas Gerais e em outros países como Angola e Portugal.

<sup>20</sup> <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2021/08/jornada-latines-evento-discute-o-movimento-slam-sob-otica-das-mulheres.html>

Estávamos nos últimos dias de 2008, era 11 de dezembro. Cheguei na sede do núcleo e já havia várias pessoas com grande expectativa para o evento. No fundo, uma arquibancada preta, mesinhas de bar com cadeiras no centro, um barzinho na lateral esquerda onde se vendia vinho seco, amendoins e torta vegetariana e, mais à frente, o DJ com uma mesa da produção do lado direito. No palco, um pedestal iluminado por refletores cênicos. Me sentei na arquibancada. Abri minha pastinha para escolher os três poemas, eu achava quealaria três vezes e não sabia que as rodadas eram eliminatórias. Eu não conhecia as regras, na real, ninguém conhecia até serem apresentadas pelos organizadores. Foi dando um frio na barriga conforme era explicada a dinâmica. E vi que não se tratava do que imaginava. As duas meninas como apresentadoras, sendo uma de microfone e outra de patins, parecia um show de talentos, quebraram o gelo e a tensão de tantas regras com piadas pra mostrar que a competição não era o principal. Estávamos lá pela poesia e pelo encontro (ALCALDE, 2022. p. 125 e 126).

Em 2008, na cidade de São Paulo, Roberta Estrela D'alva e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos<sup>21</sup>, realizaram a primeira batalha de poesia falada do país. É o ZAP! “Zona Autônoma da Palavra”. Localizado na época no Bairro da Pompeia, onde desde o ano de 2008 recebiam poetas, multiartistas e pessoas interessadas em poesia. Desde sua chegada, as batalhas de poesia falada ganham espaço, num crescente exponencial e é no meio da rua, numa praça, que essa expansão foi possível. A “*Slam da Guilhermina*”, a segunda *slam* do Brasil e a primeira *batalha de poesia* de rua, nasceu em 2012, fundado pelo poeta Emerson Alcalde, pela professora e historiadora Cristina Assunção e pelos articuladores culturais Uilian Chápeu e Vander Che. Em sua primeira edição abriram:

(...) uma pequena roda com vinte pessoas e iniciamos os trabalhos com muito expectativa para a segunda *slam* do Brasil e o primeiro a ser feito na rua. Não tínhamos autorização do metrô para a utilização da praça. Sabíamos que os seguranças poderiam embaçar, mas a gente estava afim de encarar. Não precisamos de licença para falar poesia. A cada apresentação, eu e o Che enfatizávamos que aquele evento era coletivo e engajado e que nosso objetivo não era dividir o movimento (ALCALDE, 2022. p. 166-167).

Assim, de forma a arriscar e encarar nascia a segunda comunidade de *slam* do Brasil e também uma das características que nos difere do cenário mundial de batalhas de poesia falada: a *slam* de rua. Zumthor afirma que a rua é o lugar favorito de quem recita poesia, bem, concordo. Nossa tradição de rua é rica e diversa, contempla festas como o Carnaval e manifestações cênicas como Cavalo Marinho, Folia de reis, Congada, Mamulengo e os teatros de rua. A “*Slam da Guilhermina*”

---

<sup>21</sup> Grupo de Teatro Hip-Hop, formado por Claudia Schapira, Eugênio Lima, Luaa Gabanini e Roberta Estrela D'Alva.

encontrou na rua um terreno fértil para florir e está ativa até hoje, ela acontece mensalmente em uma praça próxima à Estação de Metrô da Guilhermina-Esperança, na Zona Leste de São Paulo, chegando a reunir mais de 400 pessoas em algumas edições. A Guilhermina foi essencial para a popularização das batalhas de poesia falada no Brasil, inspirando outras comunidades como a “*Slam Resistência*”, batalha apresentada e coordenada pelo poeta Del Chaves, que durante muitos anos ocorria toda primeira segunda-feira do mês na Praça Roosevelt, na área central de São Paulo.

Há registro de 440 comunidades de *slam* espalhadas em 24 Estados brasileiros e no Distrito Federal. A partir das trocas e dos encontros que tive ao longo dos anos com poetas e organizadores de batalhas de poesia falada do Brasil, durante a graduação pude realizar um mapeamento dos estados em que existem ou já existiram comunidades de *slam*.

Figura 7. Mapa da *Slam* no Brasil



Fonte: Elaborado pela autora

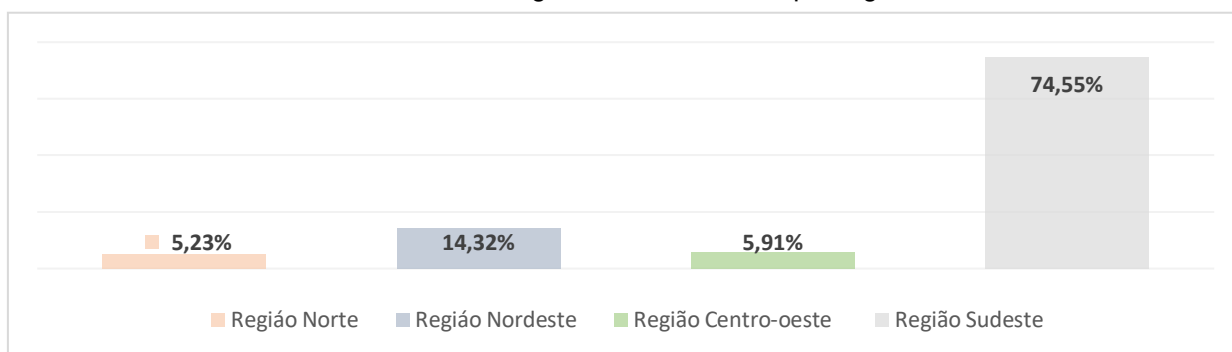
A partir destes números levantados e o seguinte cálculo: **total de comunidades por região ou estado** dividido pelo **total do Brasil** multiplicado por cem ( $X \div \text{SLAM} \times 100 = \%$ ), é possível chegar a porcentagem de comunidades de *slam*, ativas e inativas, por Estado e por região. Apresentarei a seguir uma tabela e um gráfico com os resultados alcançados:

Tabela 1. Representantes do Brasil em competições internacionais

Região	Estado	Total por Estado	Pocentagem por Estado	Total por Região
<b>NORTE</b>	Acre	15	3,41%	23
	Amazonas	2	0,45%	
	Pará	2	0,45%	
	Rondônia	2	0,45%	
	Tocantins	2	0,45%	
<b>NORDESTE</b>	Bahia	14	3,18%	63
	Ceará	18	4,09%	
	Maranhão	2	0,45%	
	Paraíba	12	2,73%	
	Pernambuco	4	0,91%	
	Piauí	3	0,68%	
	Rio Grande do Norte	5	1,14%	
	Sergipe	5	1,14%	
<b>CENTRO-OESTE</b>	Distrito Federal	11	2,50%	26
	Goiás	8	1,82%	
	Mato Grosso	3	0,68%	
	Mato Grosso do Sul	4	0,91%	
<b>SUDESTE</b>	Espírito Santo	25	5,68%	328
	Minas Gerais	37	8,41%	
	Paraná	14	3,18%	
	Rio de Janeiro	86	19,55%	
	Rio Grande do Sul	46	10,45%	
	Santa Catarina	20	4,55%	
	São Paulo	100	22,73%	
<b>TOTAL DO BRASIL</b>		<b>440</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 1. Porcentagem de comunidades por região



Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados alcançados demonstram que a região com maior número de comunidades, contabilizando 74,55%, é o Sudeste, sendo São Paulo o estado com mais batalhas de poesia falada. Este número gerou um questionamento: porque SP é o estado com o maior número de comunidades? Se dividirmos as cem comunidades registradas na pesquisa por dias mensais é provável que ocorrerá pelo menos duas batalhas de poesia falada por dia em SP. Realidade muito diferente em outros estados onde algumas comunidades com muita dificuldade conseguem realizar apenas cinco edições anuais contando com suas finais, este é um pré-requisito para participar da *Slam BR*, por ano.

Essa disparidade aponta para uma questão histórica importante: a hegemonia dos estados do sudeste do Brasil, onde se centraliza e aglomera a maior parte dos capitais financeiros do país criando uma profunda cratera de desigualdade nas demais regiões. Esta é uma questão que acredito que devemos olhar com bastante atenção. Além da desigualdade a hegemonia econômica e cultural destes estados impede que a diversidade cultural nacional se mantenha e se amplie, criando forçosamente fenômeno de migração, onde para seguirem produzindo e trabalhando, estes passam a viver e fora de suas cidades natais. Fenômeno que contribui para o enfraquecimento de diversos movimentos e cenas culturais locais Brasil a dentro.<sup>22</sup>

Desde 2014 as comunidades se reúnem no “*Campeonato Nacional de Poesia Falada - Slam BR*”, que até o ano de 2021 era realizado anualmente na cidade de

<sup>22</sup> Sobre esta questão sugiro a leitura da seguinte matéria publicada pelo jornal Exame em 2023: <https://exame.com/lideres-extraordinarios/esg-lideres-extraordinarios/por-que-as-regioes-mais-ricas-do-pais-recebem-a-maioria-dos-recursos-voltados-a-projetos-sociais/>; e para aprofundamento do contexto histórico desta, sugiro o artigo ‘A questão da hegemonia inacabada’, de Francisco de Oliveira.

São Paulo e organizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Em 2022, pela primeira vez, a *Slam BR* ocorre fora de SP e passa para o Rio de Janeiro durante as atividades da FLUP e em 2023, ano de celebração dos quinze anos de *slam* no Brasil, o evento que reúne as *slammers* campeãs de todos os estados brasileiros ocorreu na cidade natal do poeta Carlos Drummond de Andrade, em Itabira, no interior de Minas Gerais. A campeã desta edição foi a poeta King A Braba de São Paulo. A caminhada para se consolidar campeã nacional é longa: primeiro a poeta precisa vencer uma edição de alguma comunidade do seu estado para assim garantir uma vaga na final desta, após vencer a final a poeta será a representante desta comunidade e terá a chance de batalhar na competição estadual que reúne as representantes de todas as comunidades daquele território, vencidas estas quatro etapas a *slammer* poderá participar da competição nacional onde disputará com as vencedoras de todos os estados. A distribuição das vagas que cada estado possui depende do número de comunidades ativas, o Distrito Federal hoje tem uma vaga, por exemplo. Os estados com mais vagas são: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

A vencedora da *Slam BR* será a representante do Brasil nas competições internacionais do ano seguinte, sendo estas: Campeonato Mundial de *Poetry Slam* e da Copa “América” de *Poetry Slam – Abya Yala*. Em 2023 estas duas competições ocorreram no Brasil, na Festa Literária das Periferias, as FLUP<sup>23</sup> que considero o evento cultural e literário, voltados para periferia e a comunidade negra, com dimensão internacional mais importante do país. Não hesito em afirmar que atualmente o Brasil <sup>24</sup>é um dos principais países que movimentam e promovem *slam* no mundo e sendo um dos com mais comunidades ativas. Ao longo desses anos tivemos diversas representantes, a seguir, apresento uma tabela com os nomes de todas as pessoas que representaram nosso país em batalhas internacionais de poesia falada. Na tabela não consta o ano em que a pessoas venceu o nacional, considerando sempre o ano anterior, mas o ano em que participou e representou o Brasil no mundial.

---

<sup>23</sup> <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/10/12/flup-brasil-sedia-pela-primeira-vez-evento-mundial-de-slam-na-grande-festa-das-periferias.ghtml>

<sup>24</sup> <https://mundonegro.inf.br/maior-campeonato-de-slam-da-america-latina-sera-realizado-em-sao-paulo-de-12-a-16-de-dezembro/>



Tabela 2. Representantes do Brasil na Copa do Mundo de *Slam* e da Copa América da *Poetry Slam*

ANO	POETE	ESTADO	VICE	ESTADO
2010*	Luanda Casella	SP	-	-
2011*	Roberta Estrela D'Alva	SP	-	-
2012*	Fabio Boca	SP	-	-
2013*	Lews Barbosa	SP	-	-
2014	Emerson Alcalde	SP	-	-
2015	João Paiva	MG	Luiza Romão	SP
2016	Lucas Afonso	SP	Daniel Marques	SP
2017	Luz Ribeiro	SP	Fabiana Lima	BA
2018	Bell Puã	PE	Kimani	SP
2019	Piê Poeta	MG	King	SP
2020	Kimani	SP	Poeta Beká	SP
2021	Jéssica Campos	SP	King	SP
2022	Joice Zau	ANGOLA	Anna Moura	DF
2023	Ocotta	RJ	Matriark	SP

Fonte: Elaborado pela autora

Até o ano de 2014 a representante do Brasil nas competições internacionais era definida no campeonato estadual de SP, foi a partir desse ano que poetas de outros estados passaram a participar. Outro ponto importante é que no ano de 2021, durante a pandemia, as comunidades de *slam* estava realizando suas atividades de forma remota<sup>25</sup>, o que permitiu a participação de poetas de outros estados e países no circuito nacional, criando espaço de intercâmbios entre comunidades e *slammers*. Nesse ano, a vencedora da *Slam BR* foi a poeta Angolana, Joice Zau.

<sup>25</sup> Sugiro a leitura do artigo, Dos espaços físicos ao cyberspaço: o *Poetry Slam* em contexto pandêmico, de Fabiana Oliveira de Souza e Mauren Pavão Przybylski. O artigo pode ser encontrado no link a seguir: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/issue/view/2347>

## II PRIMEIRA RODADA – SLAMVIVÊNCIAS: A SLAM NO DISTRITO FEDERAL E A VIVÊNCIA COM AS COMUNIDADES DA ARGENTINA

### 1 A CHEGADA E A PRESENÇA DA SLAM NO DISTRITO FEDERAL

Em feiras, praças, estações de metrô, parques e rodoviárias das cidades do Distrito Federal artistas da palavra falada e cantada se reuni, No Distrito Federal a primeira batalha de poesia falada ocorreu em 2015, no dia 3 de março, no Bar Raízes, na Asa Sul. Essa é uma característica semelhante ao que ocorreu em São Paulo, onde a slam surge no centro e se populariza e expande nas quebradas. Não presenciei o dia que mudaria significativamente o curso da minha vida, mas tive a oportunidade de entrevistar o idealizados da primeira batalha de performance poética do Distrito Federal, o Will Junior, *slammaster* da *Slam Déf*

**Will:** Olha, a princípio o *Slam Déf* ele não tinha um, a nossa ideia não era ter uma casa, um local para realizar as edições. A gente ia em vários lugares, várias cidades, né? Porque o nome diz *Slam Déf*, né? Não era pra ser um local específico, era para ser em todo o DF e Entorno, também. A gente chegou a ir para outros lugares, também no Entorno, no Goiás. Então a gente não tinha uma casa, a gente queria ir de lugar em um lugar. Então a primeira edição, que foi no Bar Raízes, no Raízes Bar, teve diversas pessoas, colou diversas pessoas importâncias assim como o Markão. Colou muita gente. Eu lembro que estava vários MCs de rima, né? Muita galera assim da batalha de rima colaram para ir para conhecer, para saber como é que era a dinâmica. Eu lembro que nessa edição fiquei acho que foi em terceiro ou foi em segundo lugar. Eu cheguei a ficar... o primeiro, esqueci o nome. Sei que é num sei o quê Paiva. Agora não me lembro o nome dele, talvez eu te falo assim como o nome dele, mas foram os três primeiros qualquer foi o Ortega...

**Meimei:** Leonardo Ortega.

**Will:** Ele ficou em segundo e eu fiquei em terceiro. O primeiro eu esqueci, eu tenho que ver a foto ali para poder lembrar. Ortega ficou em cima, ficou em segundo ele, fiquei em terceiro. Foi a edição muito mágica, assim, muita gente, o bar lotou e a galera ficava bebendo ali e tal por ali, vai. Então, foi uma edição muito bom. Aí depois disso aí, quando acabou a edição, a gente já fomos recebendo vários convites para ir em vários lugares, que era a proposta nossa, na minha, na época minha e do Cris e também do Guilherme que tava junto com a gente também na organização. A gente recebeu o meu convite na época, eu não sei se ainda tem que era a Casa Frida, lá em São Sebastião. Também teve também a Casa Viva, que era no Paranoá. Foi uma das melhores edições nossas, rolou uma feijoada lá, teve muita diversidade de cultura, teve troca de livros tal. Foi e foi indo.

Em sua primeira edição, o *Slam Déf*, primeira *slam* da capital, contou com a participação da precursora da *slam* no Brasil, Roberta Estrela D'alva, e teve como finalista os poetas: Wander Pavão, Leonardo Ortega e Will Junior.

Figura 8. Finalistas do primeiro *Slam Déf*

Fonte: Tatiana Reis, 2015

## 2 EU NÃO SOU CONCRETO. EU SOU QUEBRADA!<sup>26</sup>

Foi nesse momento que uma voz forte se impôs, para me interpelar: “O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em prática o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas Disposições Transitórias, a mudança da Capital Federal para o Planalto Central”. (...) A pergunta era embaraçosa. Já possuía meu Programa de Metas e em nenhuma parte dele existia qualquer referência àquele problema. Respondi, contudo, como me cabia fazê-lo na ocasião: “Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova Capital e farei a mudança de sede do Governo.” (KUBITSCHKE, 2002. p. 6)

Quando respondeu à pergunta acima e prometeu cumprir a Constituição e construir uma cidade no centro-oeste do Brasil para ser a nova sede do governo federal, imaginaria Juscelino Kubitschek que Brasília<sup>27</sup> comporia a região mais desigual do país? Suspeitaria ele que das proximidades da Nova Capital Sol Nascente<sup>28</sup> surgiria e seria a maior favela da América do Sul? Desconfiaria que os trabalhadores que viriam de diversas regiões do país, como meu avô Rafael, seriam

<sup>26</sup> Verso do poemas Eixo, de minha autoria.

<sup>27</sup><https://congressoemfoco.uol.com.br/blogs-e-opinioao/blog-do-sylvio/pesquisa-escancardesigualdade-racial-e-social-no-distrito-federal/>

<sup>28</sup><https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/17/sol-nascente-no-df-se-torna-a-maior-favela-do-brasil-segundo-previa-do-censo-2022.ghtml>

submetidos pelas empreiteiras e construtoras a condições precárias de trabalho? Subiu-lhe um arrepio na espinha ao considerar que uma possível chacina ocorreria no acampamento do canteiro de obras, como o Massacre da Pacheco Fernandes<sup>29</sup>? Juscelino cumpriu de fato sua promessa de cumprir a Constituição ou apenas a de construir a Nova Capital, ainda que todo custo?

Meu avô foi o primeiro a chegar, em 1959, vidraceiro de profissão trabalhou na colocação dos vidros dos ministérios. Viveu com sua família por um tempo na cidade livre, até que:

Ao final da década de 60, o governo do Distrito Federal verificou que inúmeras favelas (as 'grandes invasões') e acampamentos de construtoras (denominadas 'localidades provisórias'), com cerca de 82 mil habitantes, ocupavam territórios estratégicos, nas proximidades do Plano-Piloto. Segundo foi reportado pela imprensa, o então presidente da República (general Médici) teria manifestado ao governador geral (coronel Prates da Silveira) seu desagrado por ter em sua trajetória para o Palácio do Planalto e, deste, para o sítio do Riacho Fundo, numerosas e 'incomodativas invasões'. Para atender à observação presidencial e tentando coibir a proliferação das favelas (sempre atribuída às fortes migrações) o governo do Distrito Federal instituiu a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), que, entre os anos de 1971 e 1972, cadastrou todos os barracos existentes nas vilas periféricas ao Núcleo Bandeirante, transferindo posteriormente sua população para a nova localidade de Ceilândia. [p. 128-129]

Descender de pessoas que vieram para o centro-oeste construir a capital, os historicamente apagados candangos, e que foram expulsas da cidade, terminados os trabalhos, que acreditaram estar construindo também para si e os seus, atravessou minha existência e influenciou fortemente meu trabalho artístico, meu posicionamento político e minha militância. Nasci em Ceilândia. Anos depois dos despejos e da inauguração da cidade, eu, sua neta, passava pela esplanada em direção à Universidade de Brasília. Nesse percurso, quando passava em frente aos ministérios, mentalizava a imagem de meu avô, que só tive a oportunidade de conhecer por fotos e pelas histórias que me contavam sobre sua generosidade e honestidade.

Em 2019, na exposição 'Capitais do Brasil', no centro do centro, lá estava o sobrenome de meu avô, BASTOS, colado em uma parede do Museu Nacional da República, exposto junto ao poema escrito por sua neta, EIXO. Tempo depois, tive a alegria de trazer a memória e o sobrenome de meu avô de volta à capital.

---

<sup>29</sup> Sobre a história desta chacina ocorrida sugiro o documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra* de Vladimir Carvalho.

Reparação histórica? Longe disso.

Ano após ano, quando chegam as celebrações dos aniversários da capital e não vejo darem os devidos méritos aos verdadeiros construtores de Brasília, aqueles que deram seu suor e sangue para ver fundada a capital, sinto uma indignação profunda. Meu avô desencarnou indo para o trabalho.

Para dar vazão à justa indignação, utilizo do principal instrumento que tenho para combater certos apagamentos: minha escrita. Reescrevo a história, desafogando a voz e a narrativa das e dos verdadeiros construtores de Brasília. Consciente da história e da realidade, como o amor deve ser, amo Brasília. Meu avô e minha família fazem parte da História dessa cidade. Se não fossem os candangos, as demais Regiões Administrativas do DF<sup>30</sup> e o Entorno, Brasília não existira, é fato. O calor, a cor e a efervescência cultural da capital estão muito distantes do centro, estão entre a EPTG e a Estrutural, entre o Catetinho e a EPNB; está da ponte pra cá.

Figura 6. Quintal de minha avó Neusa



Fonte: Acervo pessoal, 1992

No terreiro de minha avó Neusa tinha um pé gigante de siriguela, muitos

<sup>30</sup> O Distrito Federal é composto por 33 regiões administrativas. São elas, em ordem alfabética: Águas Claras (RA XX), Arniqueira (RA XXXIII), Brazlândia (RA IV), Candangolândia (RA XIX), Ceilândia (RA IX), Cruzeiro (RA XI), Fercal (RA XXXI), Gama (RA II), Guará (RA X), Itapoã (RA XXVIII), Jardim Botânico (RA XXVII), Lago Norte (RA XVIII), Lago Sul (RA XVI), Núcleo Bandeirante (RA VIII), Paranoá (RA VII), Park Way (RA XXIV), Planaltina (RA VI), Plano Piloto (RA I), Recanto das Emas (XV), Riacho Fundo (RA XVII), Riacho Fundo II (RA XXI), Samambaia (RA XII), Santa Maria (RA XIII), São Sebastião (RA XIV), SCIA/Estrutural (RA XXV), SIA (RA XXIX), Sobradinho (RA V), Sobradinho II (RA XXVI), Sol Nascente e Pôr do Sol (RA XXXII), Sudoeste/Octogonal (RA XXII), Taguatinga (RA III), Varjão (RA XXIII), Vicente Pires (RA XXX).

baldes de tintas cheios de terra com alguma planta; era uma lata de Tinta Coral e uma espada de São Jorge plantada nela, o mastruz esparramado pelo chão, os tatus-bolinhas passeando ao Sol das oito horas da manhã, a casinha de uma cadela vira-lata-caramelo de nome *Jully*, as bananinhas de trevo de quatro folhas azedinhas, o copo cheio de farinha, água e açúcar pra matar a fome ou a vontade de comer um doce, uma bananeira onde um dia plantaram o umbigo de um de nós com a promessa de trazer sorte para a vida dessa criança e minha avó que quando me via arrodando dizia: *vem pântá a vó!* Foi nesse quintal que ouvi as histórias mais incríveis da minha vida, a da tia-avó que vez e outra encantada corria por dias na mata perto da casa onde minha família materna vivia antes de vir para o Distrito Federal, a da seca e a mãe com seis filhos e a fome e o pé do bebê que me arrancava arrepios dos ossos, das entidades que compartilhavam o corpo de meu bisavô para curar pessoas, do amor proibido de minha avó com meu avô que deu como fruto minha mãe, da surra de pau em brasa que minha avó deu num patrão que veio se engraçar com ela, das lutas que seu Corujão travava com os fazendeiros e exploradores de Pio IX. Tantas histórias que me fascinavam. Miudinha, eu ficava sempre no quintal escutando as histórias que minha avó e Bó contavam enquanto 'pitavam' e tomavam um 'chá preto', que era o jeito carinhoso com que elas chamavam o café. Acocoradas, como no poema de Cora Coralina, minha vó e Bózinha alimentavam minha imaginação e minha alma contando de forma poética as histórias de vida de nossa família e de outras. Foram elas a minha porta de entrada para o mundo da poesia falada.

O primeiro contato que tive com a *slam* foi em 2015, mas os caminhos que me levaram a ela vieram de longe. Nasci numa família de pessoas que prezam e preservam o ato de contar histórias. A oralidade sempre esteve presente em minha vida. Lembro da minha avó Neusa, minha tia-avó Bózinha e minha mãe, acocoradas, pitando e compartilhando oralmente causos no terreiro de casa. Elas gesticulavam, se deslocavam de um canto ao outro, mudavam o tom, afinando e engrossando a voz. Toda essa elaboração para compartilhar e relatar com o máximo de verossimilhança possível situações ocorridas no dia, que acabavam sendo misturadas a histórias antigas da nossa família. Pra mim, aquele momento era o mesmo que um espetáculo. Era encantador e mágico. De certa forma, desejosas de recontar e de compartilhar conosco, minhas mais velhas performavam suas histórias e vivências, de forma espontânea. Foi isso: cresci vendo as mulheres da minha vida

performarem as histórias antigas e recentes da minha família. Morávamos em um barraco muito simples, num lote cedido pelo governo, em Santa Maria, região administrativa do Distrito Federal.

A cidade estava nascendo e não tinha saneamento básico nenhum. Era tudo um mundaréu de terra vermelha. Eu brincava nas valas e vigas de concreto na construção da cidade e eram tantas aventuras imaginadas nesse espaço, era tanta fantasia, que tenho certeza que essa vivência influenciou fortemente a minha escrita, a minha produção e a minha atuação como um todo. Foi a partir das experiências lúdicas que tive na minha quebrada<sup>31</sup> e com pessoas importantes da minha constelação familiar que me encantei pela palavra.

A visão que eu tinha da minha cidade, da minha vizinhança e da minha casa era de segurança, acolhimento e pertencimento. Apesar da pobreza e das dificuldades, minhas avós e minha mãe – meu pai também, mas na maioria das vezes elas – sempre encontravam algum tempo na dura e puxada rotina que tinham para se sentar e contar histórias para gente. Eu era/sou uma criança que gosta muito de ouvir. Recordo que quando elas davam os primeiros sinais de iniciar o ritual sagrado de contações, eu corria para me aproximar e ouvir tudo o que elas contavam. Era com certeza a melhor hora do meu dia! Essa lembrança me emociona, porque hoje, já não tenho mais a presença física de minha avó e Bózinha. Agora, somos eu e minha mãe que nos sentamos para contar estórias enquanto a Sofia, minha filha, nos escuta. Creio que o meu encanto e interesse pela palavra e pela poesia venha dos momentos que tive com essas mulheres. Foram as mulheres da minha vida, minhas avós e minha mãe, com seus modos poéticos de narrar a vida, que me encantaram com a palavra e me trouxeram até aqui. Devo todo este trabalho e toda a vida a elas. Salve minhas mães velhas!

Tenho na minha memória de infância outra lembrança de encantamento pela palavra. Mas essa é de outra fase, de quando eu já era alfabetizada. Recordo de mim miúda, folheando um livro didático de Português. De repente, numa página de transição entre os capítulos, encontrei um trecho da canção *Carinhoso* (1917), de Braguinha e Pixinguinha. O trecho era o seguinte: “Ah, se tu soubesses como sou tão carinhoso e muito e muito que te quero e como é sincero o meu amor, eu sei que

---

<sup>31</sup> Neste trabalho o termo quebrada será utilizado para referenciar de forma afetiva territórios localizados distantes do centro. Meu entendimento sobre quebrada é como um ponto de partida para onde sempre se retorna, lugar seguro, lar, casa, aldeia, quilombo.

tu não fugiras mais de mim!” Na minha memória de criança, o instante em que li estes versos pode ser comparado à quando temos a boca seca e bebemos água ou quando damos uma arfada e sentimos o oxigênio preencher nossos pulmões. Foi uma experiência significativa para a minha vida. Naquele momento, tudo fez sentido. Foi naquele instante que pela primeira vez me senti viva. Como se os meus olhos tivessem sido descortinados e eu estivesse diante da coisa mais linda do mundo. Dá até vontade de chorar. Não sei explicar esse momento. Nem sei se é necessário. Estado de Poesia. Sei apenas que fui encantada pela palavra, dessa vez escrita, e isso mudou toda a minha vida. Naquele dia o desejo pela palavra escrita desabrochou em mim. Tornou-se um objetivo: juntar palavras de modo simples, bonito e enternecedor.

À medida que fui crescendo, mais importância a poesia e a literatura tinham na minha vida. Na escola, para fugir dos ataques racistas e maldosos de alguns colegas, eu me escondia na biblioteca. A poesia e a literatura eram meu escudo de proteção. Todos os dias, no recreio, eu ficava na biblioteca lendo e algumas vezes escrevendo cartinhas. Foi na biblioteca da escola que descobri Carolina Maria de Jesus. Encontrá-la foi muito importante. Eu lia de tudo, mas não me encontrava em muito do que lia e ler *Quarto de Despejo* (1960), quando estava no ensino fundamental, ali pelos anos 2004, foi fundamental para o meu processo de autoconhecimento e de compreensão do espaço que ocupo no mundo.

Com o desenvolvimento pessoal, conseqüentemente, veio o amadurecimento político e literário. Acredito que amadureci durante as minhas leituras. A princípio a Literatura me serviu como refúgio para lidar com as constantes violências raciais e de gênero que precisei lidar durante o processo de construção e tomada de consciência da minha identidade negra e periférica. Nos livros encontrei abrigo e acalanto e na escrita encontrei espaço para me expressar. Provavelmente, você deve estar se perguntando: onde está e quando entra o *slam*? Pois bem. Posteriormente, tive meu primeiro contato com o Teatro e foi a partir desse encontro que surgiu a possibilidade de transpor todas essas vivências para a voz. Esta aproximação com a linguagem teatral foi determinante para a imersão nos saraus e nas batalhas de poesia falada.

O Teatro para mim já era um sonho antigo, mas por conta da condição financeira da minha família, só pude realizar minha primeira oficina de iniciação teatral com 23 anos. Até então me contentava em me deliciar com as histórias e



fotografias que encontrava no livro, *Brasil, palco e paixão: um século de Teatro*, publicado pela Aprazível edições em 2004/2005. Foi em uma apresentação no *Vitrine*, sarau realizado dentro da Oficina Circo Íntimo<sup>32</sup> que declamei pela primeira vez um poema escrito por mim. O curioso dessa história é que o teatro onde declamei pela primeira vez um poema meu, foi o mesmo onde participei e venci pela primeira vez um *slam*. *o Teatro Mapati*.<sup>33</sup>

Nessa primeira apresentação declamei *Registro Geral* (2014), poema que escrevi em homenagem a Cláudia Ferreira da Silva, trabalhadora assassinada em 2014 pela PM do Rio de Janeiro. Eu entrava no palco entre brados, murmúrios e palavras de ordem, enquanto um homem me arrastava até o centro do tablado. No fundo do palco, iluminados por uma luz a pino de pouca intensidade, um coro observava estático a ação. Os corpos do coro e o meu eram embalados pelo instrumental de *Vida Loka* (2002), do Racionais Mc's. Ao chegar no centro do palco, o som era diminuído e um foco de luz era posto em mim. Nesse momento eu declamava:

Como haveria de caber em mim preconceito?  
mulher, negra, mãe solteira, moradora da periferia...  
seria o mesmo que negar a mim  
e isso eu não consigo.  
seria o mesmo que negar a eles  
e isso eu não posso.  
eu sou Cláudia Ferreira da Silva,  
fui brutalmente assassinada pela PM do Rio de Janeiro.  
o meu corpo foi arrastado por mais de 200 metros  
numa via pública.  
Por que a dor dos judeus choca  
e a nossa vira piada? (2014)

Recordo que quando findei a apresentação, a plateia, de maioria branca e moradora do Plano Piloto, estava silenciosa e imóvel. As luzes se apagaram, sem aplausos, fui para o camarim pensando que a minha apresentação tinha sido um fiasco. Foi na saída do teatro que tive noção do impacto que a minha apresentação teve. Algumas pessoas vieram me perguntar o que eu queria dizer com aquela esquete, outras agradeciam e diziam que tinha sido uma apresentação fortíssima e necessária. Eu deveria ter me preparado para o estarecimento do público e para a ausência de aplausos. O que eu esperava?

<sup>32</sup> Oficina de Iniciação Teatral ministrada por Abaête Queiroz e Juliana Drummond, 2014.

<sup>33</sup> Teatro fundado por Tereza Padilha em 1991. Localizado na Quadra 707 da Asa Norte, um bairro do Plano Piloto, em Brasília.

A apresentação de uma mulher negra e periférica, em um espaço cultural do Plano Piloto, com um RAP como trilha sonora e um texto que tratava sobre racismo e seletividade, que parecia uma navalha, poderia causar algo que fosse menos que provocador?

A presença de um corpo excluído e de uma voz historicamente silenciada em espaços que não são os que foram destinados à essas existências por si só já é uma desobediência a toda a estrutura racista e excludente da sociedade em que vivemos. Quando esse corpo se posiciona e denuncia as violações sofridas por ele e seus pares dentro dessa estrutura, que os massacra e não o permite viver com dignidade, fazendo uso de sua voz, linguagem e elementos, este corpo possivelmente abala estruturalmente os ideais e pilares da ordem que o oprime. Esta possibilidade é um ato de resistência e rebeldia.

O dia em que a plateia não me aplaudiu, foi o dia mais importante para mim enquanto artista. Me possibilitou olhar para a minha atuação, para o meu ofício e para o público que me assistia. Fui presenteada com a oportunidade de refletir com profundidade sobre o meu fazer. Sei por que faço e para quem faço. O silêncio daquele dia nada tem a ver com a qualidade do meu trabalho. É provável que naquele contexto não houvesse identificação da plateia com o que eu estava apresentando. Certamente o que eu falava parecia ter pouca ligação com a realidade vivida por aquelas pessoas. Supostamente, o que foi dito não parecia habitar o campo imagético e reflexivo daqueles indivíduos. Poderiam se identificar com algo que possivelmente buscam negar? O silêncio daquele dia, diante daquela mesma apresentação, nunca se repetiu na quebrada.

A experiência de compartilhar em performance, diante de tantas pessoas algo escrito por mim foi riquíssima, me preparou e fortaleceu para que um pouco mais adiante eu tivesse coragem de segurar um microfone e declamar poemas em saraus pelas quebradas do Distrito Federal. Foi essa a experiência que fez com que eu me compromettesse com a escrita para além de uma forma de expressão da minha existência, tornando esse fazer uma ferramenta de luta e transformação. Daí, passei a apresentar esse texto e outros poemas em tudo quanto era sarau de quebrada do Distrito Federal. Pensando e querendo contribuir de alguma forma com o meu território e com os meus pares. Porque a quebrada é mais que o meu território, é meu ponto de fortalecimento e inspiração. Ao longo desses quase nove anos de existência no DF, algumas comunidades de *slam* foram criadas e outras

desapareceram. Foi aqui que nasceu a “Slam das Minas”, primeira batalha exclusiva para mulheres cis e trans do Brasil, da produção até as juradas, apenas mulheres, criando para este grupo um espaço confortável onde elas podem se sentir seguras e acolhidas para expressar e compartilhar seus escritos e performances. Em sua carta de princípios a Slam das Minas DF, diz:

Notamos que de acordo com o sexo/gênero as pessoas têm maior ou menor facilidade de falar em público, assim homens falam mais, por ter desde pequenos treino pra expansão, pra ocupar tudo, até com voz. Isso se repete nos *slams* mistos em que enquanto uma maioria de homens ocupa a cena como protagonistas muitas minas, mulheres, lésbicas estão nos bastidores - organizando, sendo jurada, divulgando, dando força, assistindo na plateia. (2015)

Se observamos a tabela com os nomes das representantes do Brasil na Copa do Mundo de *Slam*, podemos concluir que a partir do ano de 2015, ano de criação da *Slam das Minas DF*, em diante a presença de mulheres nas finais e como representantes cresce significativamente. A esse fenômeno darei o nome de Furacão *Slam das Minas*, que saiu abalando as estruturas do patriarcado e abrindo caminhos para muitas de nós. Essa comunidade mudou minha vida! Conceição Evaristo, numa entrevista dada ao programa Roda Viva, disse que o importante não é ser a primeira, mas abrir caminhos. E foi o movimento que organicamente fiz a partir do contato com essa comunidade. De acordo com as leituras que realizei durante essa pesquisa, pude confirmar que o impacto causado pelo furacão *Slam das Minas*, não tocou apenas meu coração-chão, mas de muitas mulheres trans e cis que levantaram e ergueram suas vozes (GONÇALVES; MATHIAS, 2023) a partir de suas poesias e transformaram estas em atos de resistência (LIMA, 2023.), que as autorrepresentam e preservam suas memórias, (COSTA; PIMENTEL, 2023), revidando em brado o cruel apagamento e a violência colonial (LEITE; ROSA, 2023), estes movimentos de insurgência e protagonismo a partir de nossos versos (LIMA; THUIN; OLIVEIRA, 2023), fizeram e fazem com que esta dinâmica disruptiva e inclusiva se encontre, ainda que oceanos nos separe, nos transformando todas em *Muhatu*<sup>34</sup> (PEREGRINO, 2023).

---

<sup>34</sup> significa mulher e é uma palavra da língua kimbundu, uma das línguas nacionais de Angola. (PEREGRINO, 2019. p. 62)

Figura 7. Meimei Bastos na *Slam BR* 2015.



Fonte: Roberta Estrela D'alva, 2015

Após vencer a primeira edição das Minas vou representando o DF, junto com Will Junior da *Slam Déf*, no nacional de poesia falada. Além de poetas de SP tínhamos, João Paiva de MG, Tom Grito e Max Medeiros do RJ. A experiência na *Slam BR* transformou a minha vida, primeiro que eu nunca tinha voada, segundo que até então eu não tinha pisado o pé em um hotel e o quarto em que eu fiquei era maior que a *kitnet* em que eu morava com Sofi e tinha banheira e no café da manhã tinha *cream chease*, ovos mexidos, um monte de frutas e bolos... Aquilo ali era foi o auge pra mim. Só daí eu já pensava: nossa, a quebrada precisa viver uma experiência como essa. Isso porque eu ainda não tinha visto o que era a *Slam BR*. Quando participei era só um dia de evento e as poetas tinham só uma oportunidade para se apresentar. Me lembro das torcidas para as *slammers*, era algo impressionante, de arrepiar. A galera levava tambores e declama os poemas junto com as poetas. Era lindo! Quando voltei não tive dúvidas: mais pessoas da quebrada precisam vivenciar isso e foi daí que comecei a me envolver com a organização da Slam das Minas e a contribuir na produção das atividades da comunidade.

Em 2016 surge a “*Slam a Coisa Tá Preta*”, nessa comunidade o recorte era racial e era uma batalha exclusiva para pessoas negras, mulheres e homens. Fiquei mais algum tempo na organização da *Slam das Minas DF* e em 2017, no primeiro

Encontro de Literatura Marginal e Periférica do DF<sup>35</sup>, que organizei no Espaço Cultural Ubuntu, no Recanto das Emas, lanço a “Slam Q’brada”.

Figura 8. Primeiro Slam Q’brada



Fonte: Amanda Antunes, 2017

Em 2018 nasce a “Slam o Beco”, em 2019 “Slam Poetisas na Cena”, 2020, “Slam Rodô”. Muitas dessas comunidades resistiram aos obstáculos da falta de fomento, recursos e estrutura e se mantiveram, como é o caso da “Slam DéF” e da “Slam Q’brada”. Outras, depois de um tempo desapareceram como foi com a “Slam das Minas”, “Slam a coisa Tá Preta” e “Slam o Beco”. Mesmo que existam no Distrito Federal políticas como a Política Cultural de Leitura, Escrita e Oralidade, da portaria Nº 343 de 02 de outubro de 2018, que ajudei a construir, a falta de incentivo, fomento e apoio é uma destas causas. Atualmente existem duas comunidades regulares no DF: “Slam DéF” e “Slam Q’brada” e desde 2015 enviamos representantes para a competição nacional, chegamos na final da *Slam BR* em 2021 e no mundial de vices campeãs em 2022 com Anna Moura. A seguir, apresento lista com os nomes das representantes do Distrito Federal:

<sup>35</sup> O DF tem uma diversa e significativa produção literária nas periferias. Sugiro a leitura do livro recém publicado, *Vozes do Gueto*, organizado por Ravena Carmo, Paulo Gabriel Franco dos Santos e Maria do Amparo de Souza. Sobre a produção artística, cultural e literária do DF sugiro o livro, *A arte de Brasília: 2000-2019*, de Sophia Beal.

**2015:** Meimei Bastos e Will Junior  
**2016:** Prethaís  
**2017:** Nanda Fer  
**2018:** Carolina de Souza  
**2019:** Banzo  
**2020:** Ayoola  
**2021:** Anna Moura  
**2022:** Rasta  
**2023:** Prince

Figura 9. Matéria alerta Estados Unidos

## **EUA pedem a americanos que evitem regiões do DF por 'questões de segurança'**

Documento recomenda que turistas e funcionários do governo evitem visitas noturnas às regiões de Ceilândia, Santa Maria, São Sebastião e Paranoá. GDF rebate inclusão na lista e afirma que moradores convivem em situação de 'absoluta normalidade'.

Fonte: g1, 2018

Ideias como as que vemos na chamada acima são disseminadas pela classe dominante em conjunto com alguns meios de comunicação que propagam de forma difamatória a imagem das periferias como territórios exclusivos de criminalidade, onde vivem pessoas sem erudição ou cultura. Tudo o que eu enxergava e enxergo nesses anos todos que tenho a oportunidade de estar em Samambaia<sup>36</sup> (cidade em que vivo deste os meus oito anos), nas diversas regiões administrativas periféricas do Distrito Federal e demais regiões periféricas do país que tive oportunidade de conhecer, era um terreno fértil, um território de muita riqueza cultural, apesar da escassez de recursos e investimentos públicos. O que ocorria, nas localidades periféricas em que realizávamos as atividades culturais (saraus, cineclubes, oficinas, rodas de conversa) era justamente o inverso do que geralmente descrevia a classe dominante e seus veículos de comunicação. Não havia violência, víamos pessoas reunidas dispostas a compartilhar suas criações e ouvir sobre suas vivências. Nessas atividades pude notar que o compartilhamento e o fazer poesia poderiam possibilitar a ressignificação dos corpos e a expansão das perspectivas dos

<sup>36</sup> Região Administrativa criada em 1989. Moro em Samambaia até hoje. Me mudei para Samambaia quando tinha oito anos e tive oportunidade de ver a cidade crescer e se transformar.



indivíduos que partilhavam de vivências próximas à minha. Foi a partir dessas experiências que comecei a refletir sobre a potência da poesia sob a ótica da função social que ela pode cumprir.

A função social e política da palavra apresentou-se para mim de forma orgânica já nos primeiros anos em que participei de saraus e ressignificou o meu fazer poético e literário. Passei a juntar palavras para torná-las significativas não só para mim, mas para mais pessoas, para mais pessoas como eu, que cresceram acreditando que não havia sentido nenhum em suas vidas, que o que dava pra ser estava bem ali na frente: um vazio de oportunidades, só trabalho árduo e infeliz. Passei a escrever e fazer poesia para trazer outras perspectivas para os meus e fiz do sarau, dos palcos, da sala de aula e posteriormente da *slam* um campo de luta.

#### **4 CÓRDOBA: UNIVERSIDADE NACIONAL DE CÓRDOBA E ESLAM CÓRDOBA DE POESÍA ORAL**

*Slamvivência n°8: Mei, vos sabés que solamente del eSlam hay una foto? Sí. O sea, eso fue lo más loco que yo te puedo contar la historia de lo que pasó ese día, Tino también, pero hay solamente una foto slam del que hay registro ya de video de más fotos es desde el segundo slam, pero el primero fue muy. Sí. Muy apasionado, fue como en un lugar que se utilizaba antes de taller mecánico. Eh no había, no funciona el micrófono, nos pusimos todo en una esquina. O sea, fue todo, fue todo muy Ander, todo muy Ander slam. SLAM eso solamente ahí está la historia. De ese día de esa noche, pero no hay, hay solamente una foto que ahora, cuando prenda la compu te la voy a mandar.<sup>37</sup>*

A história da primeira edição da *eSlam de Poesía Oral de Córdoba* começa assim, em 26 de junho de 2015, a partir da articulação de algumas pessoas, mas especialmente de Tino, em um galpão, sem equipamento de som, apenas pessoas reunidas com suas vozes e corpos dispostas a se desnudarem em poemas, foi o que me tocou do que me contou Sergio, um poeta-fotógrafo chileno que vive na

---

<sup>37</sup> Tradução do espanhol: Mei, você sabia que existe apenas uma foto do eSlam? Sim. Quer dizer, foi a coisa mais louca que eu posso contar a história do que aconteceu naquele dia, o Tino também, mas só tem uma foto e a que tem um registro em vídeo com mais fotos é do segundo slam, mas o primeiro foi muito. Sim, foi muito apaixonado, foi como em um lugar que costumava ser usado como oficina mecânica. Não havia microfone, o microfone não funcionava, colocamos tudo em um canto. Quer dizer, foi tudo, foi tudo muito Ander, foi tudo muito Ander. E essa é a única história. Daquele dia, daquela noite, mas não há, há apenas uma foto que agora, quando eu ligar o computador, vou enviar para vocês.

Argentina. Não presencie este dia e minha história, mas ele foi com essa comunidade ocorre

Figura 13. Card de divulgação da primeira edição da eSlam de Poesía Oral de Córdoba. Fonte: desconhecida.



Fonte: Retirada do Facebook, 2015.

Figura 14. Registro da primeira edição da eSlam de Poesía Oral de Córdoba. Fonte: desconhecida



Fonte: Retirada do Facebook, 2015.

Em 2022, um edital publicado pela secretaria para Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), em um acordo de cooperação com a Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM), lançou uma seleção de estudantes de



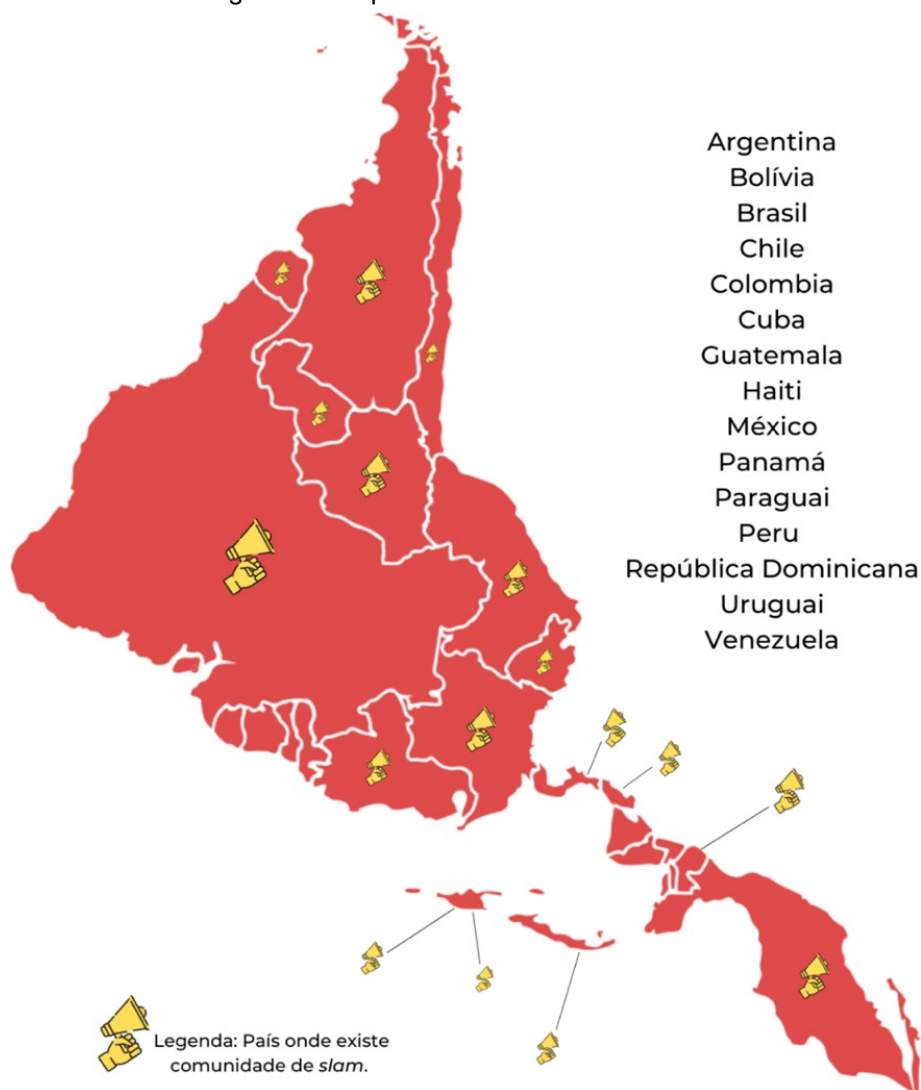
pós-graduação da UnB para a realização de mobilidade no exterior por meio do Programa de Mobilidade Acadêmica *ESCALA Posgrado*. As pessoas selecionadas poderiam passar até quatro meses realizando atividades nas universidades que compunham a associação e receberiam um auxílio financeiro para arcar com gastos relacionados ao deslocamento de ida e volta e à aquisição de seguro saúde e viagem. Recebi o e-mail de divulgação desta seleção a poucos dias do fim das inscrições. Estávamos em maio e eu tinha acabado de ser afastada da Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF, por motivos de saúde. Uma ocorrência de agressão por parte de um aluno da escola onde estava lecionando desencadeou uma série de crises e um quadro inicial de depressão. A omissão e a ausência de apoio por parte da escola com relação a violência sofrida por mim em local de trabalho também contribuíram para o agravamento do quadro. Tínhamos acabado de sair de uma pandemia que matou milhares de pessoas pelo mundo e de um longo período de isolamento social. Não me agrada a ideia de romantizar esses meses de pandemia. Estes, foram de completa incerteza, medo, readaptações e sobrecargas, especialmente no campo profissional. Readaptações que influenciaram inclusive as comunidades de *slam*, que passaram a realizar as edições virtualmente. Uma curiosidade sobre as batalhas de poesia em formato virtual é que a partir disso as comunidades se abriram para receber *slammers* de outros estados e nacionalidades, o que possibilitou um intercâmbio entre *slams* e poetas.

Assim como as edições de *slam* as aulas passaram a ser de forma remota, inclusive, sugiro a leitura do artigo, tínhamos que elaborar atividades para alimentar uma plataforma online e as atividades impressas, enviar a cada semana um relatório onde constavam detalhadamente todos os planejamentos e realizações pedagógicas, deveriam ser enviados para a coordenação da escola. O não envio poderia acarretar descontos no salário e outras sanções. A busca ativa por estudantes que não estavam participando das aulas nem realizando as atividades, coordenações coletivas infinitas em formato online, mensagens no *WhatsApp* e ligações fora do horário de trabalho, dificuldades pedagógicas, psicológicas e financeiras das turmas, o desrespeito do governo, as triplas jornadas de trabalho: doméstico, acadêmico e maternidade solo.

Naquele momento, esse era meu ponto de partida, somado a violência sofrida no trabalho. Depois desse ocorrido passei a sentir medo em sala e estava completamente desacreditada. Algo que nunca imaginei que aconteceria. A escola,

a poesia, a literatura, a Cultura, a Educação e a Arte, sempre foram trincheiras nas quais acreditei fielmente. Os caminhos pelos quais escolhi caminhar e contribuir para a construção de uma sociedade onde todas as pessoas tivessem as mesmas condições e oportunidades para existirem com dignidade. Nunca imaginei que estes eixos da minha vida poderiam ser abalados como foram. Aquela seleção chegou como uma luz para mim, vi como a oportunidade de iniciar meus estudos e pesquisas as comunidades de *slam* existentes na América Latina. Eu já estava tateando e realizando algumas buscas, já havia encontrado comunidades na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Guatemala, Haiti, México, Peru, República Dominicana e no Uruguai. Com este levantamento prévio realizei um mapeamento geral que apresento a seguir:

Figura 15. Mapa da *Slam* na América Latina



Fonte: Elaborado pela autora

O edital previa duas vagas para toda a universidade, um projeto de atividades deveria ser encaminhado e o histórico acadêmico contaria como pontuação. O não eu já tinha, a insatisfação também, não custava nada tentar. Já vinha há um tempo desejando pesquisar a *slam* na América Latina, tanto que antes da inscrição para a mobilidade acadêmica, já na qualificação desta dissertação, apresentei um mapa com os países latino-americanos participantes na *Abya Yala - Copa "América" de Poetry Slam*.

Encaminhei todo o material solicitado, com o apoio do meu orientador, para a secretaria de assuntos internacionais e aguardei. Escolhi a Universidade Nacional de Córdoba como anfitriã. Córdoba está localizada no centro do país, é a segunda cidade mais populosa da Argentina e a UnC é a quarta universidade mais antiga e uma das mais respeitadas da América. Me interessei pela cidade e por sua universidade pelas boas avaliações que encontrei. A província era um dos pólos culturais mais importantes e a UnC uma universidade que havia passado por uma reforma institucional, protagonizada por jovens estudantes, que serviu de exemplo para tantas outras instituições de ensino superior na América Latina (NETO,2011). A minha proposta consistia em participar de disciplinas e atividades no departamento de Literatura e realizar uma pesquisa de campo, onde entrevistaria *slammasters* e *slammers*, conheceria a história e as dinâmicas de cada uma, acompanharia e registraria algumas edições das batalhas de poesia falada da cidade. Os primeiros resultados da seleção foram publicados e eu estava habilitada. A partir daí, passei a acessar o site da secretaria todos os dias e muitas vezes o atualizava mais de muitas vezes por dia. Quando o resultado definitivo saiu eu estava em terceiro lugar empatada com outra pessoa.

Figura 16. Primeiro resultado da Secretaria de Assuntos Internacionais da UnB.

PARA ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNB  
PROGRAMA ESCALA POSGRADO 2022  
ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTEVIDÉU (AUGM)

PROCESSO Nº 23106.044066/2022-42

O Secretário para Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília torna público o Resultado Final do Edital nº 05/2022/INT para seleção de estudantes de pós-graduação da UnB para a realização de mobilidade no exterior por meio do Programa de Mobilidade Acadêmica ESCALA PosGrado 2022.

Matrícula	Programa de pós-graduação	Pontuação do PPG	Pontuação PAES	Pontuação - Tempo de ingresso	Pontuação - Nota	Pontuação final	Situação
190023244	Programa de Pós-Graduação em Agronomia	5	4	2,5	4,58974359	16,08974359	Indicado à bolsa
200091212	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	5	0	4	5	14	Indicado à bolsa
200096371	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas	5	0	4	5	14	Reserva

Fonte: UNB

Eram apenas duas vagas e eu estava classificada na reserva. Imediatamente recordei do edital e dos critérios de desempate e percebi que não nenhum critério de desempate havia sido aplicado. Imediatamente liguei para a secretaria de assuntos internacionais para me informar quais critérios foram considerados na segunda e terceira colocação que estavam empatadas com quatorze pontos cada uma. A pessoa que me atendeu verificou e surpresa me disse: não aplicamos nenhum critério de desempate. Uma das características que tenho é a persistência. Diante da situação e amparada pelo edital, solicitei que averiguassem e aplicassem os critérios dispostos. Fui orientada a realizar o pedido formalmente, por e-mail. Assim o fiz. No dia seguinte conferi diversas vezes a página da secretaria para inteirar-me do resultado. No final da manhã, lá estava o parecer definitivo republicado: CLASSIFICADA.

Figura 17. Segundo resultado da Secretaria de Assuntos Internacionais da UnB

PARA ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNB  
PROGRAMA ESCALA POSGRADO 2022  
ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTEVIDÉU (AUGM)

PROCESSO Nº 23106.044066/2022-42

O Secretário para Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília republica o Resultado Final do Edital nº 05/2022/INT para seleção de estudantes de pós-graduação da UnB para a realização de mobilidade no exterior por meio do Programa de Mobilidade Acadêmica ESCALA Posgrado 2022 em função de erro material no edital anteriormente publicado.

Matrícula	Programa de pós-graduação	Pontuação do PPG	Pontuação PAES	Pontuação - Tempo de Ingresso	Pontuação Nota	Pontuação final	Situação	Observação
190023244	Programa de Pós-Graduação em Agronomia	5	4	2,5	4,58974359	16,08974359	Indicado à bolsa	
200096371	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas	5	0	4	5	14	Indicado à bolsa	Desempate conforme subitem 10.6 do Edital
200091212	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	5	0	4	5	14	Reserva	Desempate conforme subitem 10.6 do Edital

Fonte: UNB

Nessa hora, uma infinidade de emoções tomou meu corpo. Uma mistura de alegria, com medo, preocupação e muita empolgação. Me senti feliz pela conquista: uma seleção concorrida, com pouquíssimas vagas e meu nome estava entre as contempladas. Essa era a minha maior oportunidade de sair do contexto familiar que eu estava e ir para outro país conhecer outra cidade, outra Cultura, outro idioma e outra realidade. Era a oportunidade de estar com pessoas que partilhavam da mesma manifestação que eu, mas que estavam em territórios e atravessamentos outros. Ainda que eu tenha ciência de que os processos históricos, sociais e políticos da Argentina era muito semelhante aos nossos, visto que passamos por um processo de invasão e colonização, de ditaduras que perseguiram e mataram centenas de pessoas, sabia que muita coisa entre nós era diferente, ainda que muito nos unisse.

O resultado saiu por volta de junho de 2022, mas os contatos com a universidade que me receberia foram difíceis, eu não recebia respostas dos e-mails que enviava e aparentemente não havia ninguém que pudesse me orientar a encaminhar as demandas para a realização da mobilidade. Os meses passavam e eu seguia sem retornos. O auxílio financeiro da UnB já havia sido depositado e eu estava apenas aguardando a marcação da data de chegada e as orientações para me matricular nas disciplinas que faria. A cada semana as passagens ficavam mais caras e eu começava a me desesperar. Cheguei até aqui e não vou conseguir? Pensava. Felizmente, uma professora me retornou com algumas indicações de contato e as coisas começaram a fluir. Meu plano era ir até agosto e retornar em outubro para concluir a dissertação, retornar para a secretaria e para as eleições. Com todas as dificuldades e burocracias meu tempo estava ficando cada vez mais curto, improvavelmente os planos feitos se realizariam nas datas previstas. O desespero só aumentava.

Felizmente, as coisas foram se encaminhando e comprei as passagens para Outubro de 2023, depois do segundo turno das eleições, tudo milimetricamente planejado para garantir minha participação e presença na derrubada de um governo assumidamente racista, machista, homofóbico, neoliberal e imperialista que conduzia nosso país de volta ao mapa da fome com a redução e extermínio de políticas públicas que garantiriam o acesso aos produtos da cesta básica e ao completo e vergonhoso vexame internacional com suas declarações e continências. Naquele momento cada voto era importante e eu precisava estar aqui para votar.

Na madrugada do dia 31 (trinta e um), após a vitória de Lula, embarquei para Córdoba com o coração um tanto mais leve e em festa. A despedida foi sentida, especialmente com Sofi. Confesso que apesar da empolgação a ideia de me ausentar de casa durante alguns meses me gerava certa angústia, especialmente pelo tempo que ficaria longe da minha filha. Tive uma crise de ansiedade durante o voo. Foi intenso, mas consegui contornar. Quando desembarquei em Córdoba, no Aeroporto Internacional Ingeniero Ambrosio L.V. Taravella, popularmente conhecido como Pajas Blancas, com pessoas falando exclusivamente espanhol e um espanhol muito específico, um *argentínês*, que soa de forma melódica, quase dengosa, completamente distinta do que conhecia, com seu 'voseado' e 'xô' ao contrário de *yo*, meu coração já estava completamente pacificado e era pura animação. Ao chegar no aeroporto busquei um meio para me deslocar e me comunicar, pedi

informações na central de atendimento a turistas e fui informada que só conseguiria comprar um *chip* na cidade e que ali os serviços da *Uber* não eram legalmente permitidos e que a única alternativa de deslocamento que eu teria seria pegar um táxi. Eu havia me preparado muito antes da viagem, feito aulas de espanhol, me informado sobre a história da cidade, sobre os bairros, sobre a universidade, aluguéis, pontos turísticos, câmbio e tudo mais que considerei importante saber para estar minimamente segura nessa nova cidade e em nenhuma pesquisa que fiz dizia que os aplicativos de transporte não eram legais na Argentina ou em Córdoba. Essa foi a primeira surpresa. Quando estava saindo vi uma pessoa solicitar uma viagem pelo aplicativo que o atendente tinha me informado que não operava e perguntei como ele havia conseguido. A pessoa me explicou que naquele momento uma guerra entre *ubers* e *taxistas* estava sendo travada e que seria possível solicitar viagens, mas que alguns cuidados deveriam ser tomados.

A clandestinidade é uma estratégia ao qual recorrem os que corajosamente subvertem as leis opressoras e repressivas. Como não sou uma delatora, evitarei entrar nesses detalhes sobre tais cuidados. O motorista que veio me buscar era jovem e ficou bastante animado com meu *portunhol* selvagem e eu encantada com todas as dicas de lugares e passeios que ele compartilhava comigo. O aeroporto fica muito distante da cidade, o que me permitiu atravessá-la quase que por inteiro. Cheguei já conhecendo Córdoba que assim como tantas outras cidades apresenta a mesma lógica: pessoas com maior poder aquisitivo morando próximo dos centros onde ficam localizados os museus, os parques, os teatros, os cinemas, enquanto as famílias de trabalhadoras vivem nas regiões periféricas. Acho importante ressaltar algo que me surpreendeu muito no período em que estive na Argentina: mesmo nas regiões mais afastadas e periféricas, haviam equipamentos públicos de lazer. Ainda que fossem pequenas praças, parques e quadras de esporte. Realidade desconhecida no lugar de onde havia partido.

Atravessamos a cidade e chegamos no endereço do apartamento que eu havia alugado para o período que permaneceria na cidade. Algo não estava certo. A fachada do endereço onde o motorista havia me deixado não correspondia a da foto do anúncio de aluguel. Os números estavam corretos, mas não era aquele lugar. Pensei que talvez pudesse ter ocorrido alguma mudança nas estruturas do prédio ou que eu realmente só tinha descido no endereço errado. Bati na porta. Um senhor pequeno, de pele branca e de semblante fechado me atendeu, Leonardo seu nome.

Aquela era a casa onde aquele senhor trabalhava como chaveiro e relojoeiro há muitas décadas. Seus filhos haviam crescido ali e toda a vizinhança o conhecia. Me apresentei a ele, contei de onde vinha e porque estava ali, também mostrei a foto que continha na divulgação de locação. Ele prontamente e gentilmente se dispôs a me ajudar e me comunicou que o endereço era aquele, mas que não tinha feito nenhum anúncio. Me convidou para entrar e pediu para eu colocar as malas para dentro, me ofereceu água e um lugar para sentar. Sugeri que eu aguardasse um pouco que ele iria chamar o filho dele para identificar o local.

Ele entrou e fiquei aguardando um pouco receosa. Eu estava em outro país, me comunicando em outro idioma, sem acesso à internet e impossibilitada de realizar qualquer ligação. Tudo o que me cabia era confiar e aguardar. Assim o fiz. O senhor Leonardo retornou com seu filho que estava, também, super disposto a me ajudar. O rapaz olhou a foto e os dados que eu tinha e sem demora identificou o lugar. O prédio em questão estava localizando alguns quarteirões dali. Deixei as malas na casa do senhor Leonardo e saí com seu filho em direção ao apartamento que aparentemente havia alugado. Chegamos e o lugar era aquele mesmo. Toquei a campainha na esperança de que alguém estivesse me aguardando. Sem respostas. Quando estamos em outro país não conseguimos acessar as redes telefônicas de origem, o que impossibilita qualquer meio de comunicação.

Eu estava sem sinal para ligações e sem internet. Resolvi tocar a campainha do apartamento vizinho. Uma moça me atendeu. Gabriela seu nome. Expliquei a situação e ele me disse: esse apartamento já está alugado há pelo menos um ano para outra pessoa. Aí o choque. Como assim? Eu tinha feito a reserva e o pagamento há tempos atrás e estava tudo certo. Assim como o chaveiro que atenciosamente me recebeu, Gabriela me convidou para entrar e iniciamos os primeiros contatos com a imobiliária. Era fato que o apartamento não estava disponível e que havia algum mal entendido. A moça me disponibilizou a senha do *wi-fi* e consegui contatar a empresa onde fiz a reserva e minha família. Enquanto aguardava o retorno da plataforma Gabriela me ofereceu comida, água e saímos juntas para comprar um chip para que eu pudesse me comunicar de forma autônoma. Compramos o chip, mas eu não conseguia me cadastrar porque a empresa solicitava um número de DNI do qual eu não possuía. Gabriela prontamente se disponibilizou a cadastrar o chip em seu número e mais uma vez me ajudar.

O retorno demorou e era desanimador: não havia nada que eles pudessem fazer, o máximo que poderia ser feito era o estorno do pagamento que poderia levar alguns dias. Questionei a conduta da empresa e solicitei que me encaminhassem à uma hospedagem alternativa até que a devolução do dinheiro fosse realizada. Nem isso se dispuseram a fazer. Minhas malas ainda estavam na casa do senhor Leonardo e diante daquela situação comecei a me sentir extremamente vulnerável. Outro país, outro idioma, com pouco dinheiro e sem nenhuma rede de apoio conhecida. O dinheiro que eu havia levado não era o suficiente para arcar com as hospedagens que estavam disponíveis. Nessa dinâmica tem algo curioso que eu desconhecia sobre os costumes argentinos. Quando desembarquei era próximo do horário de almoço, essa situação toda ocorreu neste período. Acontece que as pessoas e os comércios, especialmente dos interiores, seguem tradicionalmente a *siesta*. Ou seja, os horários de funcionamento seguem a seguinte dinâmica: costumam abrir por volta das 9h (nove horas) da manhã e fechar por volta do meio-dia (12h), retornando geralmente às 16h (dezesesseis horas) da tarde. Durante esse período, com exceção da parte central, toda a cidade se esvazia e descansa. Para quem vem de um sistema econômico rigorosamente capitalista esta seria uma tradição impossível de se realizar, mas que em Córdoba ainda se cumpre até os dias atuais. Confesso que isso era algo que me encantou durante o período que estive por lá. As pessoas param seus trabalhos e tiram um tempo para desfrutar.

Quando tive o retorno da imobiliária e da plataforma já era tarde e dificilmente eu encontraria outro local para sacar dinheiro e assim me hospedar. Entre o desespero e a resignação de que dormiria na rua naquela noite, veio o convite de Gabriela para que eu ficasse ali. Tive certa resistência em aceitar o convite por cautela em causar algum desconforto naquela família. Ela me disse que havia um quarto disponível e que sua mãe não se incomodaria em me acolher. Aceitei. Ela me ofereceu comida e me levou para conhecer o quarto onde dormiria até que toda aquela situação se resolvesse. Fui até a casa do senhor Leonardo buscar minha mala e contar a ele o que tinha me ocorrido. Ele prontamente se solidarizou e se colocou à disposição para me ajudar no que eu precisasse. Retornei à casa de Gabi com meus pertences e tomei um banho. Vi que no centro da cidade tinha um shopping, *Patio Olmos*, onde conseguiria sacar algum dinheiro para me alimentar, deslocar e garantir um lugar para dormir até que a situação com a plataforma fosse resolvida.



No caminho para o centro da cidade fiquei encantada com a quantidade de idosos, adultos, jovens e crianças que ocupavam as praças e os espaços públicos. No meu cotidiano aquela cena era completamente nova. Quando cheguei na agência não havia moeda disponível para saque e eu só conseguiria dinheiro no dia seguinte. O combinado com a universidade era de me apresentar na manhã próxima às 10h. Retornei à casa de Gabi. Quando cheguei fui apresentada à sua mãe que me recebeu com tanta amorosidade como se fosse a minha própria. Conversamos e jantamos umas empanadas recheadas maravilhosas, acompanhadas de um condimento feito com cenoura, berinjela e pimentão que era delicioso. Conte para dona Sônia o que havia me ocorrido e ouvi um tanto de sua história. Imediatamente criamos uma conexão e ela passou a me tratar como se fosse da família e assim me senti. Nunca imaginei que passaria por tal situação, especialmente que seria acolhida por pessoas desconhecidas como fui acolhida por Gabi, Sônia e sua família. Sou imensamente e eternamente grata a elas por isso. Como previsto, na manhã seguinte, com ajuda de Sônia e Gabi, me apresentei no Departamento de Literatura da Universidade Nacional de Córdoba. Elas fizeram questão de me acompanhar até a universidade e me aguardar até que todos os trâmites fossem resolvidos. Fui recebida pela equipe do departamento e pelos responsáveis pelos assuntos internacionais com bastante empolgação.

O campus e o departamento eram lindos, bastante arborizados e com uma arquitetura antiga e moderna que dialogava de maneira harmônica. Recordo que uma das servidoras me perguntou se a UnB era tão grande e linda quanto a UnC e eu sem modéstia disse: tão linda quanto. O que não é uma mentira. Quem transita entre o ICC Sul e Norte e atravessa seus jardins sabe bem do que estou falando. Concluídas as burocracias saímos do campus a pé para que Gabi e Sônia pudessem me apresentar aquela parte da cidade. Passamos pelo o Parque Sarmiento, aquele que pude tempos depois conhecer melhor a partir da leitura de 'Las malas' (SOSA, 2019.), romance de estreia da escritora argentina Camila Sosa que conta com elementos do realismo mágico e se inspira em histórias locais e figuras religiosas como a da Difunta Correa, para retratar as trajetórias, vivências, desafios e formas de solidariedade e parentesco (WÉTZEL, 2020) presentes entre mulheres trans inseridas na prostituição. Caminhávamos em direção ao bairro de Nueva Córdoba e eu me deslocava em completo encantamento pela cidade. Ali, todas as dificuldades vividas e o medo tinham dado lugar a um sentimento de alegria

e gratidão infinita. Eu tinha chegado até ali e estava lá pela *slam*.

Os dias que se seguiram foram de ajustes e resoluções. As atividades na universidade estavam previstas para iniciar na semana seguinte e enquanto isso aproveitei para organizar as questões de hospedagem e conhecer mais da cidade. Aproveitei para iniciar um curso de espanhol, oferecido pela Cepe Idiomas que além de aulas garantia aos participantes uma imersão na Cultura argentina. Fiquei animada com a ideia de aprofundar e melhorar minha conversação, leitura e escrita em espanhol. O curso era intensivo e duraria um mês. Esse foi um dos melhores investimentos que fiz e foi a partir disso que pude fazer muitas das amizades, como a que fiz com María Victoria e sua família, que permanecem até hoje. A Vic é professora formada pela UnC e compartilhou comigo literaturas, séries, filmes, podcasts, tardes, unos *matecitos* saborosos e passeios que enriqueceram muito a minha experiência em Córdoba. Se fez para mim uma querida e importante amiga. Não posso deixar de dizer que guardo com profundo carinho pela turma com quem dividi as aulas e toda a equipe da Cepe Idiomas, em especial Abigail e Constanza que compartilharam com generosidade tudo que podiam e me acolheram com tanto afeto.

No meio do caminho entre meu primeiro contato real com uma comunidade de *slam* em Córdoba houve um furto. Eu estava na rua em frente ao Museo Superior de Bellas Artes, Palacio Ferreyra, quando um motoqueiro que passava em alta velocidade levou meu celular. Por alguns segundos peguei meu smartphone enquanto estava parada na faixa de pedestres para verificar em qual direção deveria ir. Gabi e Sônia estavam comigo e já haviam me alertado de alguns perigos e este era um deles. Você deve estar pensando: Nossa! Ela só passou perrengue nessa viagem! Acontece que até aquele instante tudo estava caminhando em perfeita harmonia. Já tinha conseguido sacar dinheiro e alugar um apartamento para em um condomínio bastante tranquilo *en el* bairro de San Rafael, *en la calle Hipólito Vieytes*. Voltei para casa correndo para bloquear os cartões e fazer todos os trâmites necessários nessas circunstâncias. Mais uma vez lá estava eu sem ter como me comunicar e agora, por tempo indeterminado já que o dinheiro para a compra de um novo aparelho estava completamente fora do meu orçamento naquele momento.

Eu estava em contato com a organização do *eSlam Córdoba: Poesia Oral* pelo Instagram desde antes da viagem, já tinha apresentado minha pesquisa e

interesse em acompanhar e contribuir em alguma edição da *slam* e tinha sido bem recepcionada. Até então meu único contato tinha sido por redes sociais e eu estava aguardando que eles postassem algo sobre um próximo evento. Quase que a limitação em acessar as redes sociais me fez perder a única edição do *eSlam Córdoba* que pude assistir presencialmente. A atividade estava marcada para acontecer en el domingo, 06 de novembro de 2022, en la Plaza De La Intendencia, às 21h (vinte e uma horas). Como descrito no card a seguir:

Figura 18. Card retirado do perfil do Instagram do *eSlam*



Fonte: Córdoba Poesía Oral

A próxima edição seria numa festa-feira de autorias independentes, a Libros Son, um projeto que reúne artistas de diversas linguagens. Em seu perfil do Facebook, podemos encontrar a seguinte descrição em uma de suas atividades: *libros, fanzines, teatro, talleres, lecturas, música, cine cordobés, conversatorios slam democracia*. A Argentina tem uma tradição de publicações independentes que se popularizam e se modificaram como ocorreu em em meados dos anos 2000 quando

Havia algo no ambiente desse início de século que fazia com que muitas pessoas usassem a imaginação para encontrar novas estratégias de resistência correspondentes ao que Michel de Certeau chamou de “artes de fazer” ou “astúcias do fraco” (2003). Alguns argentinos perceberam que as estéticas dominantes e certas práticas culturais e sociais não poderiam mais ser reduplicadas como antes. Decididos a mover-se em um terreno no qual

estética e política se encontram e buscando atuar de modo subversivo junto a um sistema que continuava excluindo as maiorias do contexto da produção de representações, três jovens artistas oriundos das margens do campo cultural criaram, no ano de 2003, as edições Eloísa. Idealizado por Washington Cucurto (heterônimo do escritor Santiago Vega) e pelos artistas plásticos Javier Barilaro e Fernanda Laguna, o projeto assumiu uma dinâmica de autonomia como forma de enfrentar a crise e gerar renda para um grupo de cartoneros (catadores de papelão). O coletivo propunha um modelo mais democrático de publicação, com a intenção de ampliar o acesso da população aos livros e também como forma de atuar de modo efetivo nas disputas internas do campo literário. Dessa iniciativa surge a Eloísa Cartonera e, posteriormente, vários outros selos editoriais que contribuiriam de forma significativa para a criação de uma nova atmosfera cultural. (PIMENTEL, 2019. p. 384)

Assim como a *slam* no período de sua criação, as editoras cartoneras surgem como uma proposta de enfrentamento a norma vigente a partir democratização e acessibilidade da publicação literária independente, cada qual dentro de sua linguagem, uma através da palavra impressa e a outra conduzida pela palavra em performance (PACHECO, 2014). Nesse cenário de possibilidades e insurgências, me encontro com os e as organizadoras da *eSlam Córdoba de Poesía Oral*: Luna Gil, Nawuel Natural, Patrick Pérez, Santiago Cafferata, Sergio Miranda e Sofia.

A praça estava repleta de pessoas de todas as idades, característica real e presente no cotidiano das cidades argentinas que visitei e que muito me agradava. Por volta das 18h (dezoito horas) as praças e espaços públicos começam a encher de gente. Muitas, para não generalizar, conversam e tomam mate, outras passeiam com seus cachorros, algumas observam as crianças brincar ou se exercitavam e é possível encontrar grupos de pessoas dançando Tango ou Cuarteto, danças típicas argentinas. Tem algo dessa rotina que me encantava: as pessoas pareciam a todo momento estar presentes, desfrutando, nenhuma delas estava gravando ou checando o smartphone. Isso me parecia um tipo de postura insubmissa, algo que caminhava na direção contrária do lugar de onde eu vinha. Há estudos e pesquisas recentes que comprovam o uso demasiado, por parte da população brasileira, das redes sociais e revelam os danos cognitivos e mentais causados pelo excesso de tempo nessas plataformas (ROSA, 2017). O aspecto do pouco uso de telas e redes sociais era um dos que me agradavam, tinham outros como a presença quase invisível de empresas estrangeiras como McDonald's, Burger King, Uber e Coca-cola, a valorização da cultura nacional e local, assim como da indústria. Compartilho uma reflexão que fiz já nas primeiras semanas e que só se confirmou com o passar do tempo: a história que contam para nós de que os argentinos não gostam dos

brasileiros e vice-versa, não passa de uma mentira provavelmente forjada pelos agentes que trabalham pela manutenção imperialista e colonial para nos manter separados. Na América do Sul, Brasil e Argentina são duas potências econômicas e territoriais. Imagina o poder que teriam se estivessem juntas comercialmente e militarmente? Uma união como essa representaria grande risco aos interesses colonialistas. É melhor e mais vantajoso para as estruturas imperialistas criar no imaginário popular, especialmente dos brasileiros, e manter a ideia de que somos nações inimigas, não meros adversários no futebol. Nawel e Sofi estavam colhendo os nomes e as apresentações das pessoas que participariam daquela edição. Me perguntaram se eu gostaria de participar e eu disse que estava ali apenas para ouvir e apreciar a *slam*, eles amorosamente insistiram e eu aceitei, pensei que estar junto compartilhando poesia seria uma boa maneira de me aproximar e de criar uma relação para além do trabalho de pesquisa que estava ali para desenvolver. Perguntei a eles se estaria tudo bem se eu fizesse alguns registros e eles me autorizaram. Caminhei pela praça registrando todo o movimento que via. As apresentações estavam começando, Luna e Patrick explicaram a dinâmica e ali começaria a minha jornada com as comunidades de *slam en Argentina*.

Figura 19. Poetas e organizadores eSlam Córdoba



Fonte: Acervo pessoal, 2022



## 5 ESTADO ORIGINAL E TRADUÇÃO: SLAM EM BUENOS AIRES

Figura 20. Folheto explicativo *Slam Zona Sur*



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

No período em que estive em Buenos Aires e Córdoba tive a oportunidade de entrevistar pessoas do universo das batalhas de poesia falada, entre elas, uma das precursoras do movimento na Argentina, a poeta, educadora e escritora, Sol Fantin, uma artista da palavra oral talentosa e uma pessoa acolhedora e generosa. Estava muito ansiosa para entrevistar Sol, tínhamos nos encontrado em outra ocasião, quando a convite da pesquisadora Lucia Tenina fui assistir a final da *Slam Zona Sur*, nesse mesmo dia também conheci Male Romero e Lucia Mateos da *Slam avellaneda*.

Marquei a entrevista com Sol com dias de antecedência e estava ansiosa para o nosso encontro. Queria ouvir *la madre*<sup>38</sup> da *slam* na Argentina. Chego no endereço indicado, toco a campainha e Sol me abre a porta com um sorriso largo. Recebida em sua casa, lugar onde a *slam* na Argentina nasceu. Ela me conta: a ideia da *slam* saiu daqui, de uma noite em que compartilhávamos ideias e poesia.

<sup>38</sup> Tradução do espanhol: a mãe.

Me sinto honrada. A casa é aconchegante e repleta de livros, uma carta de tarô na parede e um verso no portal da porta de entrada. Sol me oferece algo para beber e me mostra alguns livros. Conversamos longamente antes da entrevista. Ouvi histórias que contavam da ideia de criação até como os aplausos foram substituídos por estralar de dedos, para não incomodar a vizinhança. Sol Fantin me conta como surgiu a ideia da primeira edição de *slam* na Argentina:

*En ese momento, estamos hablando de abril del año 2011, eh, hablando con Sebakis, él me cuenta, Sebastián Kirsner, él me cuenta que estaba investigando a través de internet, eh, un formato de, poético, de poesía oral que se llamaba slam, poetry slam de Estados Unidos, eh, me, me muestra lo que, lo que hacían estos poetas, me cuenta cómo funciona. Yo quedo completamente fascinada, me traduce también. SLAM yo quedo completamente fascinada por ese formato de, de juegos, de encuentro, donde los poetas interpelan directamente al público, donde la búsqueda es esa, la búsqueda es conectar con el público, conectar con el otro, poner el cuerpo en la poesía slam... Bueno, slam entonces le, le digo a Sebakis: "¿qué estamos esperando para hacer un, un slam acá? SLAM, bueno slam él en un momento me contesta: "poetas". SLAM lo pensó un par de horas o, o quizá una noche, no sé, a veces el día slam la noche se nos mezclaba (sic) un poco en esa época, pero poco tiempo después viene slam me dice: "lo vamos a hacer, está lleno de poetas Buenos Aires" slam así fue cómo en mayo del 2011 convocamos al primer slam de poesía oral -que nosotros tengamos noticia- que se celebró en Buenos Aires que, bueno, lo hicimos como sabíamos en ese momento, como nos pareció, no, no, no, no bajamos el manual de reglas del slam que existe, que está en internet listo, tomamos un poco lo que nos gustó de lo que veíamos en internet slam un poco lo dimos una impronta propia, personal. Era todo bastante, bastante salvaje, ¿no?, sudamericano era (risas).<sup>39</sup>*

Assim como no Brasil, na Argentina a *slam* tem em sua origem a presença e os esforços de uma mulher, mas a diversas diferenças significativas. Lá as comunidades de modo geral têm até três minutos e vinte como tempo máximo de apresentação, cheguei a ver um poeta apresentar um poema de oito minutos e ele

<sup>39</sup> Tradução do espanhol: Naquela época, estamos falando de abril de 2011, uh, conversando com Sebakis, ele me disse, Sebastián Kirsner, ele me disse que estava pesquisando na internet, uh, um formato de, poético, de poesia oral que se chamava slam, poetry slam dos Estados Unidos, uh, ele me mostrou o que, o que esses poetas estavam fazendo, ele me disse como funcionava. Fiquei completamente fascinado, ele me traduziu também. E fiquei completamente fascinado por esse formato de, de jogos, de encontros, em que os poetas questionam diretamente o público, em que a busca é essa, a busca é se conectar com o público, se conectar com o outro, colocar o corpo na poesia e. Bem, e então eu disse ao Sebakis: "o que estamos esperando para fazer um slam aqui? E, bem, ele me respondeu em um momento: "poetas". E ele pensou sobre isso por algumas horas ou, talvez, uma noite, não sei, às vezes o dia e a noite se confundiam (sic) um pouco naquela época, mas logo depois ele veio até mim e disse: "vamos fazer isso, Buenos Aires está cheia de poetas" e foi assim que, em maio de 2011, convocamos o primeiro slam de poesia oral - até onde sabemos - que foi realizado em Buenos Aires e, bem, fizemos como sabíamos na época, como achávamos melhor, não, não, não, não, não, não baixamos o manual de regras do slam que existe, que está pronto na internet, pegamos o que gostamos do que vimos na internet e demos nossa própria impressão pessoal. Era tudo muito, muito selvagem, não era, era sul-americano (risos).

estava participando da final que daria vaga para a *Slam Arg*, que é a competição nacional de lá. As temáticas são um ponto de divergência, pois notei maior diversidade que o encontrado aqui, os temas transitavam entre a comicidade e a crítica social, como quem chora, ri e sente pena de si mesmo. Uma curiosidade é que as edições das batalhas de poesia falada são chamadas de copa, termo emprestado do esporte, muitas vezes há temáticas previamente definidas. Outro ponto de diferença é que durante os intervalos das apresentações a organização geralmente pede alguma contribuição em dinheiro, que geralmente serve para arcar com os custos de produção. Tive a impressão de que esta era uma prática comum e que não gerava nenhum constrangimento ou resistência em quem assistia a *slam*, pelo contrário em todas as vezes que a *gorra* era passada as pessoas com boa vontade contribuía.

Figura 21. Mapa da *Slam* na Argentina



Fonte: Elaborado pela autora, 2023



A ideia de traduzir os poemas gravados nas *slams* surgiu durante o curso ‘*El albergue de lo lejano: acerca de la traducción de poesía*’. Antes de ingressar no curso de Artes Cênicas, tinha realizado dois semestres do curso de Letras tradução português-espanhol no departamento de letras da Universidade de Brasília. Após essa breve experiência no curso de Letras me distanciei do universo da tradução e agora retorno a ele com uma questão: seria possível realizar uma boa tradução de poemas que não estão no papel? Como eu poderia traduzir poemas tendo somente como apoio as gravações feitas nas batalhas de poesia falada?

12 de dezembro de 2022, Buenos Aires:

Esta será a primeira final de uma batalha de poesia falada que acompanharei na Argentina. É a Copa de campeones. Estou ansiosa. Chego ao espaço onde a batalha ocorrerá com certa antecedência, sou acolhida pelo organizador do espaço. Monto meu equipamento, ajusto o foco e começo a gravar. Em Buenos Aires existem encontros denominados como *slam* desde 2010. O espaço está cheio, as pessoas estão reunidas aqui com o objetivo de compartilhar e escutar poesia. A batalha reúne vencedores das edições que ocorreram ao longo de 2022. Aqui, estão as melhores e os melhores poetas, de acordo com o público. As primeiras apresentações já me surpreendem. Há comicidade e diversidade nas temáticas dos poemas. No Brasil, as batalhas de poesia falada acontecem de modo geral nas ruas e praças. Na Argentina não. As *slams* aqui ocorrem em teatros e espaços culturais. Que influências estes espaços provocam nos poemas e nas apresentações? Viria daí a explicação para a impressão de teatralidade que estas performances me causam? As apresentações seguem e sigo registrando tudo. A cada performance um encantamento. O evento se estende pela noite e adentra a madrugada. Por volta das 4h da manhã é anunciado o campeão de 2022 e representante do *Slam Capital* no campeonato que anualmente ocorre para definir quem representará o país na copa mundial de poesia falada que ocorria, até 2022, em Paris. O poema do vencedor desta edição é o que escolho para traduzir.

Maximiliano Garrone é ator, comediante, escritor, roteirista, poeta, músico, produtor e gerador de conteúdo de mídia social, escolho um poema dele, que o vi performar na *Copa de Campeones, en el Panda Rojo Espacio Cultural*. O poema, intitulado, *Relación Tóxica*, compartilho na íntegra a seguir:

*Quiero una relación tóxica conmigo  
Quiero garcharme slam no darme más bola  
Me presento a otra gente, slam digo que yo soy mi dueño  
Que primero estoy yo, que soy el único especial para mí, que soy mi todo, mi universo  
Pero ahora no, no estoy para una relación conmigo. Me estoy ahogando.  
Quiero llamarme a las 5 de la mañana borracho pidiendo volver  
SLAM yo sea tan pelotudo que me digo que sí  
SLAM hacerme el amor, repito, hacerme el amor  
Estoy acaramelado en un cuarto de hotel: Yo slam Yo.  
Apasionados, escuchando bachata.  
Pero al otro día “disculpa, flashe”*

*/Quiero estar 4 años intentando cortar conmigo  
 Quiero auto-sabotearme slam revisar mis redes sociales  
 mandarme un feliz cumpleaños, feliz año nuevo, feliz día de la lealtad  
 voy a clavarme el visto slam seguir insistiendo, voy a clavarme el visto slam  
 seguir insistiendo.  
 Hasta que mis amigos me hagan intervenciones con mucha gente llorando  
 porque ven que no voy a ningún lado slam me digan: BASTA, TE ESTAS  
 HACIENDO MAL.  
 Salir llorando de mi casa, a un uber a aeroparque a buscarme  
 al grito de "VOLVE, HICE MILANESAS" slam no encontrarme.  
 Desesperado ir a cada lugar que recorrí juntos.  
 Verme en una cafetería, pero verme que no estoy solo, que estoy conmigo  
 ¿cómo puede ser? ¿Con todo lo que me di?  
 ¿Con cada canción que lloro por mí, slam vos me dejás por yo?  
 Me voy slam me veo en todos los espejos, en mis fotos de perfil, en mi  
 curriculum vitae.  
 No, yo voy a terminar con esto, voy a matarme.  
 Voy a ir con vos a terminar conmigo de una vez por todas.  
 Cada paso que hago, es una recarga de furia que voy a proyectar trompadas  
 en mi cara.  
 SLAM llego a la puerta de mi casa, slam me veo, slam me veo bien.  
 Me veo mejor conmigo, yo no puedo interrumpirme.  
 Porque siempre quise lo mejor para mí.  
 Me perdono, no puedo sabotearme más.  
 No soy para mí, quizás me encuentre en otro lado.  
 Hay muchos yo en el mar  
 Me voy recomponiendo, slam dejo de mirar el celular esperando mi llamado.  
 Me borro de las redes para poder seguir, slam un día, voy a verme  
 caminando por la calle, slam voy a estar mejor, conmigo, sin que nada pueda  
 desarmarme.  
 (GARRONE, 2022)<sup>40</sup>*

A princípio este subcapítulo foi escrito em português, numa mescla entre minha língua materna, o português, e a que amo, o espanhol. Esta, foi uma das experiências mais honestas e sinceras de escrita acadêmica que realizei. A realização de não reconhecer palavras pelos seus significados, mas dentro de contextos e entonações pois:

Nos enfrentamos a una forma, que remite a un estado de la lengua original, la del poema. Estado de la lengua, estado de la norma literaria slam poética, relaciones contiguas con contextos sociales slam culturales que involucran cuerpos, géneros, subjetividades, memoria individual slam colectiva. Sólo la lengua del poema nos provee de modos de acercamientos a ese previo al poema. (MUSCHIETTI, 2006, p. 2).

Neste exercício-desafio-jogo descubro a possibilidade de uma tradução sensitiva e sensível. Não conheço todas as palavras do espanhol, tão pouco conheço todas as expressões usadas nesta língua, que tem uma forma particular e singular de existir em especial na Argentina, com seu voseado e “xô” ao invés de

<sup>40</sup> Você encontrará a tradução que fiz deste poema nos anexos. Junto coloco o link para acessar uma edição de vídeo com alguns trechos da edição da Copa dos Campeones, da *Slam Capital*, que acompanhei quando estava em *Buenos Aires*.

“iô”. Porém, tive contato com essas pessoas, as observei conversando, vi suas vozes se estenderem para as mãos e as palavras se transformarem em gestos. A ideia de traduzir, sem ferir a autoria, poemas de *slam* não de forma literal, não de forma a transformar o que é dito em espanhol para algo entendido em português, mas se tratando de poesia, transformar o que é sentido em um corpo que habita um país, uma cidade e uma história em algo que possa ser compreendido por outro que não partilha das mesmas vivências e cultura.

### III SEGUNDA RODADA

#### O VERSO QUE INQUIETA É O MESMO QUE ENSINA E DESETIQUETA

Nesta parte, tratarei disso: as potencialidades, por assim dizer, subversivas e transformadoras da *slam*. Para ilustrar este capítulo separei duas histórias, uma vivida por mim e a outra contada por um poeta que admiro profundamente. Não contarei a quem pertence cada qual, guardarei segredo, estratégia ancestral.

*Slamvivência* n°9: Eu tinha acabado de sair de um período de imersão com freiras, não me recordo de qual ordem, só sei que foi um processo intenso, saí em crise. Estavam acontecendo aquelas ocupações nas escolas, impeachment em curso, o tempo era esse. Em um daqueles dias de tensão eu estava numa dessas ocupações. Cheguei lá por acaso. Tava com os bolsos cheios de *dólas* e a cabeça a milhão. Tinham uma batalha de poesia falada rolando, elas estavam no 9° desempate, as poetas já estavam improvisando poemas, e inventando tudo ali na nossa frente. Era cada ideia braba! A vontade que eu sentia era de jogar aquelas *dóla* tudo fora, mas com a geladeira vazia eu não podia. Era cada poesia linda! Eu queria largar tudo e declamar como as pessoas que eu assistia. A trança da menina que se desfazia na minha mão caiu no vulto do meu impulso. Fui em direção a pessoa que estava organizando aquela gira, olhei nos olhos dela e perguntei: o que é isso? Ela me respondeu: *slam*. Eu imediatamente disse para ela: eu vou fazer isso a minha vida toda!

*Slamvivência* n°10: O fluxo de pessoas na praça é grande, gente de todas as idades e perfis circulam pelo espaço. Nessa vez, depois que recitei o poema e apresentei a dinâmica da competição para as pessoas que seriam as juradas daquela edição um senhor que estava só de passagem e que acabou parando para ouvir o poema me chamou no canto e disse: você me deu uma baita aula com a história que contou para nós sobre aquela mulher que apanhava do marido. Eu sempre achei que mulher que apanhava do marido não ia embora porque gostava de apanhar. Eu gostei muito do que você falou. Achei bacana. Gostei muito daquilo que você falou do trabalho e da mulher. Eu também defendia minha mãe quando meu pai vinha pra bater nela. Quando o povo fala que a gente não tem que se meter em briga de marido e mulher é errado. Tem que se meter, sim. Achei bacana mesmo o que você falou. Aprendi muita coisa interessante. Continua fazendo esse projeto aí

que ele é muito legal. Legal, mesmo. Tá de parabéns, ó!

## **1 A NOTA NÃO IMPORTA O QUE IMPORTA É O POEMA: A EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL**

Quando Milton Santos (2007, p. 17) nos diz que o modelo cívico se forma, entre outros, de dois componentes essenciais: a cultural e o território; e José Carlos Libâneo (1990, p.17) que a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais, estão estes nos trazendo, a partir de perspectivas de campos distintos do saber, a essência de formação de todo ser humano. Somos o resultado da soma das experiências compartilhadas nos espaços em que nos foram permitidos transitar. É a partir da relação estabelecida entre a pessoa e o meio em que ela está inserida, cultural e territorial, que o processo de formação acontece.

Marc Smith narra que na origem da *slam* a motivação de sua criação parte da vontade de estremecer o que ele considerava como círculos literários privilegiados. Onde poetas apresentavam suas produções de forma monótonas, sem vida para um público por vezes desinteressado e soberbo, ideia que podemos encontrar traduzida no trabalho de dissertação de Luiza Romão, que também é uma das poetas e pesquisadoras da *slam*, onde o criador afirma:

A maior parte de nós já sofreu com leituras de poesia em que os poetas eram tão animados quanto animais mortos na estrada. Nenhuma expressão facial. Nenhum gesto. Nenhuma entonação. Nenhum sinal de vida que seja. Até a pele do poeta parecia pálida, como se ele tivesse acabado de sair do set de *A noite dos mortos vivos*. Um zumbie que ameaçava matar a todos nós - não comendo nossa carne-viva, mas sim zumbindo e zumbindo num monólogo mortífero até que ele tivesse sugado todo nosso desejo de ouvir e experienciar a poesia que ele depositava dentro de uma sepultura precoce. (SMITH, 2009. APUD, ROMÃO)

A proposta não era de criar um espaço poético competitivo, mas um território de possibilidades performáticas. A atribuição de julgar essas apresentações não estava no plano original e ocorreu de forma espontânea quando o autodenominado *slam papi* pede para que o público dê notas e oferece ao final, uma premiação simbólica a pessoa que vence. Há um direcionamento disruptivo aí e podemos ir mais adiante.

Mesmo com a correria que as demandas da batalha me exigem, já que sou organizadora, produtora e *slammaster* da *Slam Q'brada*, pude me atentar a

potencialidade educacional da *slam* e essa percepção se deu a partir de um encontro inusitado. Estava na praça do Cidadão que fica localizada em Ceilândia<sup>41</sup>, realizando uma das edições itinerantes da *Slam Q'brada*. Nessa edição não nenhuma pessoa se voluntariou para fazer o sacrificial e essa missão ficou para mim. Decidi declamar um poema que tratava sobre violência doméstica e pude notar um senhor, de aparência simples e com aspecto de quem já tinha passado por muitas vivências, me ouvir atentamente. Quando no intervalo, entre a segunda rodada e a final, o senhor me abordou e disse: você me deu uma baita aula com a história que contou para nós sobre aquela mulher que apanhava do marido. Eu sempre achei que mulher que apanhava do marido não ia embora porque gostava de apanhar.

O que aquele homem aparentemente de idade avançada e com o aspecto de trabalhador me dizia era valiosíssimo. Ele compartilhava comigo as reflexões feitas após ouvir um poema declamado no meio de uma praça, longe de grades, paredes, lousas e uniformes. O que é a Educação se não a experiência compartilhada e mediada entre pessoas? Em anos de militância orgânica dentro da quebrada, falando sobre racismo, questões de gênero, luta de classes e tantas outras pautas, poucas vezes tive experiências realmente participativas, em especial, com os homens. Quando propúnhamos discussões com relação ao machismo e a violência contra a mulher na periferia, pouquíssimas eram as vezes em que conseguíamos trazer para a discussão os homens que residiam nas comunidades, a maioria das participantes eram mulheres, o que para mim era frustrante já que acredito que para termos mudanças estruturais, não só nas questões de gênero, mas nas de raça e classe, devemos trazer para o diálogo os que praticam as opressões, visto que são eles que praticam historicamente tais violências e se usufruem dos privilégios adquiridos a partir destas.

Após diversas experiências como essa iniciei um levantamento bibliográfico buscando materiais que refletissem a educação fora da sala de aula, distante do controle da escola e da figura do professor. A intenção nunca foi de compreender a *slam* como um instrumento pedagógico ou didático para ser usado dentro das escolas. O objetivo era de entendê-la como a própria escola em sim, sem ser escola.

Foi a partir dessa busca que encontrei o conceito de Pedagogia Social. Esse

---

<sup>41</sup> Uma das regiões administrativas mais importantes do Distrito Federal.

foi o primeiro campo teórico que se aproximava da caracterização que a princípio gostaria de aplicar as batalhas de poesia falada e ao *slam*. De acordo com os estudiosos da Pedagogia Social, como Paulo Freire, a formação intelectual e social dos indivíduos é influenciada por suas vivências, pelo território onde vivem e pelo grupo no qual estão inseridos. Foi a partir da Pedagogia Social que o encontro com o conceito de Educação não formal, o qual nos fundamentaremos, ocorreu. Conforme Maria da Glória Gohn, em seu livro “Educação não formal e o Educador social”, pesquisadores como Jaume Trilla, afirmam que há registros datados no século XVIII em que a divisão do campo educacional em educação que recebemos da família (informal), educação que recebemos na escola (formal) e educação que recebemos do mundo (não formal, de acordo com a autora), já eram concebidos. Segundo Gohn (2010, p.12), J. Trilla afirma que desde 1975 a terminologia “educação não formal” ampliou-se no plano internacional e tornou-se usual na linguagem pedagógica” (apud Trilla, 2008, p.33).

O conceito de Educação não formal passa por uma expansão, sendo apropriado por Organizações Não Governamentais e entidades socioculturais. De acordo com levantamento apresentado por Gohn, atualmente, é possível encontrar publicações na Europa e na América Latina que abordam a temática da educação fora das salas de aulas e das escolas. Conforme a autora a educação formal corresponde à educação que recebemos nas instituições formalizadas de ensino, como as escolas, universidades e cursos profissionalizantes. De acordo com Gohn, em princípio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados (GOHN, 2010, p. 16). Nessa categoria, há um método estabelecido, um sistema de avaliação, uma sequência de etapas e conteúdos estabelecidos.

Já a educação informal é aquela orientada pelo meio onde vivemos: família, igreja, bairro, país. A informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem/etnia, religião etc. (GOHN, 2010, p.16). A educação informal de acordo com a autora está associada ao processo de socialização do indivíduo.

Gohn propõe que nossas relações e interações ocorrem também fora do âmbito escolar e familiar e a educação não formal é um campo de possibilidades para a reflexão e discussão, dentro da perspectiva pedagógica, da contribuição que

os espaços externos ao nosso núcleo familiar e escolar para o nosso processo de formação, para isso, utiliza-se a educação não formal. Segundo a autora a educação não formal parte de uma vivência compartilhada entre indivíduos e grupos, parte de uma identificação, na qual o indivíduo referencia-se e se constrói politicamente a partir da transferência de informações e vivências estabelecidas com os demais indivíduos que partilham desse mesmo espaço com ele.

A educação não formal tem outros atributos: ela não é organizada por série/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma sua cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento e fortalecimento do grupo, criando o que alguns analistas denominam o capital social de um grupo (GOHN, 2010, p.20).

Como Gohn reflete educação não formal parte de uma vivência compartilhada entre indivíduos e grupos, parte de uma identificação, na qual o indivíduo se constrói politicamente a partir da transferência de informações e vivências estabelecidas com os demais indivíduos que partilham desse mesmo espaço com ele. É a partir dessas experiências compartilhadas que os indivíduos se formam.

Sendo assim, como a *slam* poderia ser caracterizada como prática da educação não formal? Não há como desconsiderar a potencialidade educacional e de resignificação da *slam* quando a característica essencial destas competições tornam-se, conforme Roberta Estrela D'Alva:

batalhas de inteligência e argumentação, [...] propositalmente espetaculares, mostradas como oportunidades para a formação, educação, entretenimento, expressões intelectual e artística da comunidade. Dissidência, a dissonância e a diferença não são punidas, mas estudadas, tornadas performance, executadas e desafiadas de maneira discursivamente produtiva. (2014, apud BERNSTEIN, 1998, p. 119).

Considerando as características apresentadas por Gohn, na educação formal há a sistematização prévia de conteúdos e avaliações. A sistematização dos conteúdos a serem abordados, a forma como serão transmitidos e avaliados são pensados pela figura do professor. Na educação não formal quem exerce essa função? E na *slam*, quem se aproxima da ideia de educador?

Entendo que a competição na *slam*, não passa de um pretexto para atrair a atenção do público para a poesia e conseqüentemente para as questões e



discussões levantadas pelas *slammers*, que utilizam da linguagem poética para comunicar vivências, experiências, valores e ideais. É como se a competição fosse apenas a metodologia, e a *slammer* a educadora.

Se considerarmos a perspectiva abordada pela autora Maria da Glória Gohn da educação não formal, sim, a rua, as comunidades, os coletivos e as demais interações sociais compartilhadas e vivenciadas pelos indivíduos fazem parte da construção e da formação social destes. Neste capítulo refletiremos sobre a *slam* a partir da ótica da educação não formal.

## **2 RENASCENDO DAS CINZAS: A SLAM COMO RITO DE DESETIQUETAMENTO SOCIAL**

Lei é um vocábulo que deriva dos verbos em latim:

*Eligire*: Eleger.

*Legere*: Ler.<sup>42</sup>

*Ligare*: Ligar, obrigar, vincular.

Lei é a norma elegida e escrita que servirá como diretriz reguladora da conduta social. Ou seja, alguém define quais serão os comportamentos aceitáveis ou não no convívio social. Quem elege as regras? Quais são as normas? O que acontece com quem não segue as leis? O que é crime? Estas questões serão abordadas da perspectiva da Criminologia Crítica.

A criminologia crítica foi concebida por Alessandro Baratta e está fundamentada na Teoria do Etiquetamento Social que surgiu nos Estados Unidos, na década de 60, proposta como alternativa à criminologia tradicional pois muda o foco de pesquisa do crime ou do criminoso e passa a analisar o problema da estigmatização, deslocando o problema criminológico do plano da ação para o plano da reação (SILVA. p. 6).

a primeira concepção é que a existência do crime depende da natureza do ato (violação da norma) e da reação social contra o ato (rotulação). O crime “não é uma qualidade do ato, mas um ato qualificado como criminoso por agências de controle social”; segundo, o crime não produz o controle social, mas frequentemente o controle social produz o crime. O comportamento desviante é o comportamento rotulado como crime. Dessa forma um homem poderá se tornar desviante porque uma infração inicial foi rotulada como desviante, de forma que os índices de crime (desvio) são afetados pela atuação do controle social (SANTOS, 2006).

---

Ou seja, de acordo com a Teoria do Etiquetamento social o crime não é se não uma resposta dada a uma norma imposta. Pode parecer complexo, e assim é. Esta teoria está marcada pela ideia de que as bases de construção das condutas marginais, criminais e dos indivíduos que as cometem são fundamentadas nas concepções sociais de instituições oficiais e grupos dominantes como ferramenta de controle social, onde o grupo pertencente à classe dominante, formado majoritariamente por homens, brancos, de classe alta, estabelecem quais são os parâmetros de convivência e manifestação aceitáveis, criando leis e convenções como ferramenta de exclusão e criminalização de grupos subalternizados e marginalizados para a manutenção do poder que possuem. É este grupo que define o que é crime, o que é delito e conseqüentemente quais indivíduos e corpos estão predestinados a cometê-los. Esta teoria contribuiu substancialmente nesta pesquisa, assim como conceitos que pautam as questões raciais, como o racismo estrutural, e questões de classe e gênero, para a identificação da fórmula criminalizadora aplicada aos fazeres e manifestações da população negra e periférica.

As duas concepções principais destas teorias são: que o crime é determinado não apenas pela natureza do ato, mas também pela reação social a ele; que o controle social muitas vezes gera o próprio crime. Isso significa que a rotulação de um indivíduo como criminoso pode influenciar seu comportamento futuro, criando um ciclo de desvio e estigmatização das demais pessoas pertencentes a este grupo.

Para exemplificar e facilitar a compreensão desta parte da teoria tomarei como referência cinco leis promulgadas no período escravocrata e da abolição da escravidão no Brasil. A primeira dessas leis está presente no código criminal de 1831 que tipificava vadiagem como delito, estabelecendo como punição a prisão com trabalho por até vinte e quatro dias e com até um ano em caso de reincidência. Essa legislação caracterizava vadiagem como o ato de envolver-se rotineiramente na inatividade, seja na esfera profissional, sem possuir uma fonte de renda suficiente para garantir sua subsistência, ou por buscar meios de sobrevivência por meio de atividades ilícitas. Antes da promulgação da Lei Áurea, foram criadas três leis direcionadas exclusivamente à população negra escravizada: em 1850, foi promulgada a Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico transatlântico de pessoas escravizadas para o Brasil; em 1871, a Lei do Ventre Livre garantia liberdade aos filhos e filhas de mulheres escravizadas nascidas a partir daquele ano e em 1885, a Lei dos Sexagenários que assegurava a liberdade para pessoas negras

escravizadas com mais de sessenta anos. Em 1888 é firmada a lei que extinguiu, não proibia nem criminalizava apenas extinguiu, a escravidão no Brasil. A partir da data de assinatura daquela norma todas as pessoas negras escravizadas em território brasileiro estavam livres para determinarem o curso de suas vidas. Importante sinalizar: nenhuma política pública de reparação às vítimas da escravidão e de inserção dessas pessoas ao mercado de trabalho foi aplicada no período em que se pôs vigente.

Guarde essas informações e some ao contexto histórico pré-abolição: o Brasil sofria fortes tensões internas e externas. As relações diplomáticas e econômicas com países europeus, que já haviam abolido a escravidão, estavam abaladas. Internamente, apesar das pressões dos grupos que eram contrários a abolição, a força das rebeliões e revoltadas organizadas nos quilombos e nas cidades pelos movimentos abolicionistas eram intensas e poderiam resultar em algo que o império brasileiro temia há tempos, que os fazia estremecer e arrepiar de pavor só de pensar: uma réplica brasileira da Revolução Haitiana. Logo, para amenizar tais embates e equalizar as tensões, o império se comprometeu a extinguir a escravidão, só que de maneira gradual, para não desagradar os grupos que beneficiavam da exploração do trabalho escravo que poderiam dar um golpe no império.

Analisando o contexto histórico e as leis criadas neste período: qual seria a expectativa de vida de uma pessoa que passou sua existência inteira sendo submetida a trabalhos forçados, que exigiam ao extremo de sua capacidade física e mental, que era submetida a castigos e violências físicas e psicológicas e que vivia em condições subumanas? É provável que esta pessoa chegue aos sessenta anos de vida? Em um estudo realizado a partir da análise de diversos registros, Schwartz apresenta que no Brasil do último quarto do século XIX a expectativa de vida das pessoas escravizadas, ao nascer, variava em torno de 19 anos. Quais condições um recém-nascido teria de garantir sozinho sua sobrevivência? Quando libertos, sem políticas que reparassem e incluíssem as pessoas antes escravizadas ao convívio social enquanto cidadãos livres e as colocassem no mercado de trabalho legal enquanto trabalhadores remunerados, a quem recorreria e quais lugares ocupariam esse grupo? Essas questões se resolvem em uma única resposta: essas pessoas estavam submetidas a contextos de vulnerabilidade extrema. Restando a elas, como forma de sobrevivência e segurança, permanecer nas casas e fazendas de seus escravizadores ou ir para as ruas.

A rua foi a realidade para muitas pessoas negras no período pós-abolição, que infelizmente se estende até hoje. Excluídas da sociedade e impedidas de garantir meios para sua subsistência, proibidas de possuírem terras, negócios, imóveis e de receberem educação formal a essas pessoas restavam serviços considerados ilícitos e quando nem essa possibilidade existia eram consideradas como ociosas e inativas. Isso te lembra algo? Para o grupo de pessoas inativas, improdutivas e que fossem pegas realizando atividades ilícitas<sup>43</sup>, já haviam criado um código jurídico específico que as caracterizavam como vadias, ou seja, praticantes da vadiagem. O que este código previa como punição? Que estas pessoas fossem encarceradas, novamente, para cumprir pena com trabalho forçado, novamente, por um período de no mínimo oito a vinte e quatro dias, se pegas cometendo o mesmo delito novamente estas poderiam pegar até um ano de reclusão e penitência. Tendo isso exposto, pergunto: essas leis foram escritas por quem? Por pessoas que estavam em situação de rua e desemprego? Quais pessoas ou grupos se beneficiaram com a criação destas leis? Quais são os grupos atingidos por ela?

Na Teoria do Etiquetamento social e na Criminologia crítica o objeto de interesse não é o indivíduo em si, mas o processo de criminalização deste. Estas teorias defendem que através dos mecanismos que possuem, como instituições oficiais e instrumentos do Estado, como a polícia e, com o respaldo de alguns veículos de mídia, os grupos detentores do poder promovem condutas que toda a sociedade tem como responsabilidade combater e que afetam não a todas as pessoas, mas um grupo específico.

Eu já nasci culpado.  
 E não tem como provar o contrário,  
 Nem com todo dinheiro,  
 Fama,  
 Status,  
 Eu já nasci culpado,  
 Isso talvez esteja ligado com meu passado,  
 Meu pai nasceu culpado,  
 Meu vô,  
 Meu tio,  
 Meu biso,  
 E meu filho vai nascer culpado,  
 Afinal quem acredita na palavra de um homem negro?  
 Ele sempre é culpado,  
 Não importa as nuances do caso,  
 Ele é culpado,

<sup>43</sup> Se tratando de uma pessoa negra naquele período as atividades comuns poderiam ser consideradas ilícitas, como por exemplo a comercialização de produtos e apresentações artísticas.

Você vai colocar a mão no fogo por quem é visto como pecado?  
(PRINCE, 2022)

Em seu poema, Prince, jovem poeta negro da periferia do DF ilustra o que a Teoria do Etiquetamento Social chama de *ethos* criminoso. Trazendo para o contexto das artes cênicas, seria como o ator ou a atriz que representará o ato desviante. No caso de pessoas negras, este *ethos*, este rótulo, estas etiquetas acompanharão a nós e a nossa descendência ainda que não tenhamos individualmente cometido nenhum delito.

Você provavelmente deve estar se perguntando: o que toda essa teoria tem a ver com poesia, teatro, performance, oralidade e *slam*? A teoria da Criminologia Crítica e do Etiquetamento trabalha com um conceito chamado “cerimônias degradantes”, que são processos ritualizados em que um indivíduo é condenado e despojado da sua identidade e recebe outra degradada (CURRY; SILVA, p. 6-7. 2021).

É neste ponto que gostaria de chegar, ainda que em sua origem a *slam* tenha surgido em um espaço fechado, no Brasil ela acontece em boa parte nas ruas e em territórios periféricos. Nesses o que não falta são cerimônias degradantes, como os baculejos e esculachos dados pela polícia em jovens e moradores dessas regiões. Compreendo essas abordagens como ritos de etiquetamento social.

Armindo Bião, organiza em subgrupos as manifestações cênicas criadas por uma comunidade, ou seja, grupo. É aqui, bem nesse ponto que a o lanço da costura com a Criminologia Crítica se dá.

Teatralidade [...] de fato, toda interação humana ocorre porque seus participantes organizam suas ações e se situam no espaço em função do olhar do outro. Assim, penso em todas as interações, as mais banais e cotidianas, nas quais, podemos compreender, todas as pessoas envolvidas agem, simultaneamente, como atores e espectadores da interação (aqui utilizo esses vocábulos do mundo do teatro certamente – e apenas – como metáfora). A consciência reflexiva de que cada um aí presente age e reage em função do outro pode existir de modo claro ou difuso ou obscuro, mas nunca de modo explicitamente compactuado – ou convencionalmente explicitado o tempo todo. [...] amplamente praticado pela maioria absoluta dos indivíduos de cada sociedade, de um modo inerente a cada cultura, que codifica suas interações ordinárias e transmite seus códigos para se manter viva e coesa. Espetacularidade [...] como qualidade ou procedimento de espetáculo [...] que compreendo como uma categoria também reconhecível em algumas das interações humanas. [...] Aí, e então, de modo – em geral – menos banal e cotidiano, que no caso da teatralidade, podemos perceber uma distinção entre (mais uma vez, de modo metafórico) atores e espectadores. Aqui e agora, a consciência reflexiva sobre essa distinção é maior e – geralmente – mais visível e clara. [...] Assim como a teatralidade,

a “espetacularidade” contribui para a coesão e a manutenção viva da cultura. (BIÃO, Armindo apud VELOSO, Graça. 2016, p. 91).

De acordo com Bião para ser vista como forma de entretenimento e lazer como sendo uma espetacularidade substantiva; as manifestações “cênicas” que ocorrem sem o objetivo de entreter, mas que possuem características cênicas, como nos casos dos ritos religiosos, como sendo espetacularidades adjetivas, e, sendo esta última uma grande contribuição do autor, as adverbiais, que são as manifestações cotidianas, que não possuem intenção nem de entreter nem de ritualizar. O autor apresenta quatro noções epistemológicas: alteridade, teatralidade e espetacularidade, transculturação e matrizes estéticas. De acordo com o autor a noção de alteridade é o conjunto de noções que remetem à consciência das semelhanças e diferenças entre indivíduos. Teatralidade seria aquilo que o indivíduo faz no cotidiano para ser visto pelos outros. Espetacularidade é o que os indivíduos/sociedade criam para ser visto. A transculturação e as matrizes estéticas são os contatos culturais que geram novas formas de cultura.

Assim, há dois conceitos diferentes de performance, um envolvendo a exibição de habilidades, e outro também abrangendo exibição, mas menos de habilidades do que de modelo de comportamento reconhecido e codificado culturalmente. Um terceiro conjunto de usos do termo nos leva a uma direção diferente. Quando falamos de performance sexual de alguém ou da performance linguística, ou quando perguntamos sobre o progresso de uma criança na escola, a ênfase não está na exibição de habilidades (embora isso possa estar presente) ou na execução de um determinado modelo de comportamento, mas no sucesso de uma atividade, tendo em vista algum padrão de realização que não precisa estar articulado com precisão. Talvez seja mais significativo que a tarefa de julgar o sucesso da performance (ou mesmo de julgar se é uma performance), nesses casos, não é de responsabilidade do performer, mas do observador. (CARLSON, 2009. p. 15)

Diante disso, proponho pensarmos nas cerimônias degradantes que etiquetam indivíduos marginalizados dentro da perspectiva da espetacularidade adjetiva. Imagine a seguinte cena do cotidiano periférico: um grupo de jovens está reunido na esquina de uma rua, conversam e brincam entre si. Um carro da polícia passa e aborda esses jovens. Estes são colocados em uma fileira, todos de costas, com as mãos acima da cabeça, as pernas separadas, cabeças baixas.

A vizinhança para e acompanha o procedimento. Os policiais, personagens designados pelo Estado para fazer cumprir a lei desempenham seus papéis,

ordenam silêncio e perguntam aos jovens o que fazem ali e não em outro local, em outra ocupação. *Vocês não têm o que fazer?* Questionam. Os jovens são revistados um por um, mãos invadem seus corpos, bolsos, celulares, mochilas. Cena humilhante para os que estão submetidos, representação de poder para quem opera, um espetáculo de estigmatização para quem assiste.

A partir disso, outra possibilidade também se apresenta e conto mais uma vez com sua imaginação para apresentá-la. Imagine: A mesma comunidade descrita anteriormente, de frente para a esquina onde os jovens foram abordados, numa pequena praça, um grupo de pessoas reunidas, uma pessoa está com uma prancheta abordando pessoas, conversando e anotando os nomes. Essa pessoa explica a dinâmica de um tipo de jogo: três etapas classificatórias, apresentações de poemas ou textos autorais, não é permitido se valer de nenhum recurso, seja de figurino ou de acompanhamento musical, o tempo máximo de apresentação é de três minutos. Vence o jogo a pessoa que receber as maiores notas nas três etapas. Quem quer participar, pergunta. Algumas pessoas se animam e a mediadora pergunta: quem gostaria de participar do júri? Pessoas aleatórias, da comunidade, se voluntariam para compor o grupo que avaliará as apresentações das participantes. Algumas daquelas pessoas nunca tiveram nenhuma experiência prévia com poesia ou performance. Não tem problema, isso não é exigido para nenhum participante, seja para quem vai se apresentar ou para os que avaliarão. Os jovens que tomaram o baculejo se encorajam, tem uns escritos guardados, umas rimas. Se apresentam, gesticulam, declamam, leem, cantam... Aos de quem assiste parecem poetas, artistas e são. Outras pessoas dão notas, parecem saber e sabem. A plateia também participa, não está ali passivamente. Em partes é de lá que vem a energia da "disputa". É a plateia que reage e rege a intensidade da batalha, aplaudindo alguns poemas apresentados ou vaiando as notas dadas. Vence o jogo a participante que ao longo da disputa conquistar a maior pontuação. Todas as pessoas vibram, as etiquetas degradantes caem.

## FINAL – A ETIQUETA É A POESIA

Algumas percepções não são passíveis de transferência para o papel, ainda que a gente se empenhe em materializá-las em palavras, não cabem e a folha não as sustentam. Essas minúcias ficam pairando feito flocos de poeira dançando no ar, iluminadas por frestas de raios de Sol. Os instantes preciosos que não podem ser descritos nem registrados são compreensões inconclusivas que nos levam para a próxima pergunta. Tornam-se mistérios e passam a compor a sinfonia cósmica universal. Nos arrepios que causam se realizam, são. Tantas pessoas e experiências marcaram esta trajetória de experimentação científica, mas infelizmente, não foi possível trazer todas elas. Há certas limitações no formato acadêmico que por vezes nos obrigam a fazer recortes dolorosos. Porém encontrei conforto na possibilidade de apresentá-las em outros espaços e trabalhos.

Na primeira parte desta dissertação, ciente de que existem inúmeras pesquisas que já exploraram e discutiram a origem da *slam*, e confirmando que isso poderá ser para alguém o primeiro contato com o tema, propus traçar a trajetória histórica e de expansão, as vozes e agentes, termos e gestos das comunidades de poesia falada. Nele foi implementado o diálogo com as publicações de diversas autorias, especialmente de pessoas que constroem e fomentam esse espaço. Uma preocupação que me arroteava era a de não personalizar e centralizar essa pesquisa exclusivamente em minha experiência, na minha voz. Felizmente, ao chegar aqui, ao término de minha participação, percebo que meu temor não se concretizou e que apesar de não ter conseguido abarcar todas as vozes, experiências e reflexões, nem realizar todas as análises que desejava, não escorreguei na centralidade narrativa.

Uma reflexão sobre Brasília e o Distrito Federal, não apenas como uma capital federal planejada, mas como um espaço complexo marcado por desigualdades sociais, lutas históricas e vivências negligenciadas é um aspecto presente neste trabalho que considero relevante e que reforça a característica metodológica descentralizadora que busquei aplicar: evidenciar o que tentam ocultar. A presença da *slam* no Distrito Federal se apresenta como uma oportunidade significativa na cena cultural local, oferecendo um espaço de expressão e empoderamento para diferentes vozes, especialmente aquelas que descendem dos e das que foram historicamente marginalizadas. A criação da "*Slam*



*das Minas*” é prova desta efervescência propositiva e inspirada, uma iniciativa inclusiva, destinada a proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para mulheres cis e trans se expressarem livremente, que foi criado neste território e se expandiu para tantos outros fomentando inclusive uma mudança na presença feminina nos competições e campeonatos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Essas experiências ressaltam a importância da *slam* como um terreno de ressignificação e resistência, capaz de desafinar o coro de narrativas dominantes, com o objetivo de promover a inclusão e a justiça social. Considerando que o contato com a oralidade e a participação em campeonatos de poesia falada (locais, regionais, nacionais e internacionais) permitem que outras perspectivas se desenvolvam, onde novos horizontes de percepção de si e do outro se manifestam. Novas possibilidades de pesquisa e reflexão podem incluir investigações sobre o impacto da presença da *slam* em outras regiões periféricas do Brasil, bem como análises mais planejadas sobre a relação entre literatura, identidade e política em contextos urbanos marginalizados. Além disso, explorar a interseção entre linguagem poética, memória e ativismo pode fornecer percepções valiosas sobre as estratégias de resistência cultural diante das desigualdades e opressões.

Há uma singularidade que considero forte e inovadora nesta pesquisa sobre a temática da *slam*, visto que há pouco material teórico disponível a respeito, é a abordagem, elaboração e o desenvolvimento do mapeamento da presença da *slam* na América Latina, com foco especial nas comunidades da Argentina. Apesar de compartilharem uma origem semelhante conosco, estas apresentam características próprias das batalhas de poesia falada em comparação com o Brasil, como a duração das apresentações, a diversidade das temáticas presentes nas performances, os locais onde ocorrem e até mesmo a influência destes nas intervenções poéticas.

O material desenvolvido neste trabalho pode até mesmo servir de base para a elaboração de políticas públicas que fortaleçam essas comunidades e contribuam para a criação de intercâmbios entre nós. Ainda mais em tempos como os enfrentados pelas hermanas e hermanos argentinos. Com os quais sou completamente solidária. *Nunca olvidar!*<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Tradução do espanhol: Nunca esquecer! Esta é uma frase, uma palavra de ordem muito presente em manifestações e intervenções urbanas. Faz menção ao sombrios tempos da ditadura militar na Argentina.

Vejo na reflexão sobre a tradução dos poemas registrados nas *slams* uma questão instigante na qual pretendo avançar: como traduzir poemas que não estão registrados e que são fortemente influenciados pelo contexto e pela performance de sua autoria? Esta questão abre espaço para novas oportunidades de pesquisa e reflexão no campo da tradução literária, especialmente no contexto da poesia falada e performática. Além disso, a experiência pessoal na final da *Slam Capital*, em *Buenos Aires*, e a escolha de traduzir um poema declamado nela traz à tona possibilidades profundas sobre a sensibilidade e a complexidade envolvida na tradução de performances poéticas. Explorar a ideia de uma tradução que não seja apenas literal, mas que capture a essência e o impacto emocional dos poemas, adaptando-os para um público que não compartilha das mesmas vivências e cultura pode ser um campo vasto e valioso. Dessa forma, não foi apresentada apenas uma análise histórica e cultural da manifestação *slam* na Argentina, mas também foi possível fornecer reflexões sobre questões mais amplas, como a tradução literária, a performance poética e a relação entre linguagem, cultura e identidade. Para futuras pesquisas, seria interessante explorar mais a fundo investigações de diferentes abordagens e metodologias para a tradução de poemas na *slam* e o possível impacto na circulação e recepção da poesia em diferentes contextos culturais.

Na segunda parte deste trabalho, a batalha de poesia falada é abordada a partir da perspectiva da Educação não formal, da criminalização cultural e da Etnocologia. Sendo entendida como uma esfera não formal de ensino e aprendizagem para além das estruturas e limites presentes na educação formal.

A leitura atenta e comprometida de seu povo levou Paulo Freire a desenvolver uma prática educacional para a liberdade, pois ele sabia que quando materializada, a ação de educar, resultante das interações entre os indivíduos e os meios, tem o poder tanto de contribuir para a identificação da condição e das opressões vivenciadas, o que o autor chama de conscientização; quanto para fortalecer o mascaramento completo e o determinismo das causas reais que geram os contextos estabelecidos, que seria a alienação. Ou seja, para Paulo Freire, a prática de educar e transmitir conhecimento pode orientar uma pessoa a questionar as estruturas em que está inserida ou afundá-la na ignorância com relação aos processos históricos e projetos que a levam a tal condição. A quem interessa manter o povo na alienação?

O esforço de abordar a *slam* dentro das perspectivas Freirianas é influenciado pelas condições históricas e pelos desafios do tempo presentes em que estou

inserida, o esvaziamento e a liquidez dos processos político-sociais e das relações, transformando tudo em produto, em meme ou viral. No início desta trajetória, quando na graduação, busquei identificar a *slam* como um espaço não formal de ensino e aprendizagem com o mesmo objetivo de agora. Acontece que tal conceito limitava as potencialidades das batalhas de poesia faladas dentro de um utilitarismo didático e não como um sistema e um mecanismo próprio que visa alcançar determinado objetivo, seja o de compartilhamento ou de autorrepresentação. Transformando-a não como um instrumento pedagógico utilizado pelas instituições formais, mas como um espaço onde as vozes marginalizadas têm a oportunidade de serem ouvidas, valorizadas e desafiadoras das normas sociais. Nesta parte, a *slam* também é apresentada como uma cerimônia de desconstrução social, importante para o processo de busca por uma expressão autêntica e desafiadora dos estereótipos sociais. Um ponto inovador da pesquisa é a análise da *slam* como um território da educação não formal, partindo da vivência compartilhada entre indivíduos e grupos para construir identidades e promover a formação política, cultural e social. Propõe-se que as *slammers* atuem como educadores, utilizando uma linguagem poética para comunicar vivências, experiências e valores, enquanto a competição serve como metodologia para atrair a atenção do público para as questões levantadas. Além disso, puderam ser investigados os efeitos da *slam* como espaço de educação não formal na promoção da diversidade, inclusão e empoderamento de diferentes grupos sociais. Nesse capítulo também é apresentada uma análise da Teoria do Etiquetamento Social e da Criminologia Crítica, destacando como essas abordagens são relevantes para compreender a construção social do crime e da marginalização. Em vez de focar no indivíduo ou no ato em si, essas teorias direcionam a atenção para o processo de rotulação e estigmatização promovido pelas instituições sociais e pelos grupos dominantes. Isso significa que o que é considerado crime e quem é rotulado como crime são determinados não apenas pela natureza do ato, mas também pela ocorrência social a ele. Um aspecto importante discutido é a aplicação dessas teorias ao contexto histórico brasileiro, especialmente durante o período escravocrata e pós-abolição, onde as leis promulgadas nesse período visavam criminalizar e estigmatizar a população negra, mantendo-as em situações de vulnerabilidade e exclusão social. Mesmo após a abolição da escravidão, a falta de políticas públicas de recursos e inclusão perpetuou a marginalização dessas comunidades. As cerimônias degradantes descritas pelas teorias do rótulo social

podem ser interpretadas como ritos de etiquetamento, nos quais os indivíduos são condenados e destituídos de sua identidade. Nesse sentido, a *slam*, especialmente quando realizada em comunidades periféricas, pode ser vista como uma forma de resistência e superação dessas etiquetas, permitindo que as pessoas marginalizadas se expressem e sejam, a partir da ideia de como a sociedade enxerga autores e artistas, que estas possam ser consideradas como tal. Além disso, o trabalho sugere uma nova abordagem para a *slam*, transformando-a em uma atividade inclusiva e comunitária. A ideia de criar espaços onde pessoas de diferentes origens e experiências possam participar e interagir entre si é uma maneira de desafiar as marcas degradantes impostas pela sociedade. Esta proposta oferece uma oportunidade não apenas para a expressão artística, mas também para a construção de laços comunitários e a promoção da igualdade e inclusão.

A performance poética característica da *slam* vai além da simples recitação de poemas; ela representa uma manifestação de identidade, resistência e transformação. As participantes utilizam a poesia do corpo e da voz como uma ferramenta para desafiar as normas e os estereótipos sociais, expressando suas experiências e perspectivas de forma autêntica e profunda. A proposta de utilizar a *slam* como um rito de *desetiquetamento* social oferece novas possibilidades de pesquisa e reflexão, destacando a importância das manifestações artísticas como uma ferramenta de resistência e transformação social.

Dessa maneira, concluo que a *slam* se torna um rito de *desetiquetamento* social, pois a sociedade que antes rotulava uma pessoa como possível criminosa, após ver a mesma se participando de uma batalha de poesia falada onde este indivíduo atua de forma participativa, seja como *slammer*, *slammaster* ou até mesmo no júri, passa a enxergá-la com outros olhos, não mais com os rótulos pejorativos e criminalizadores de antes, mas sim como poeta ou artista.

Existem algumas lacunas, comuns aos que buscam desenvolver pesquisas multifacetadas, mas que não comprometem a envergadura desta.

Sendo todo fim o começo de algo novo, concluo que este trabalho realiza o mosaico e o jogral que se propõe e abre possibilidades de novas abordagens para se pensar e teorizar sobre a *slam*.

## QUEM ME SUSTENTOU NAS IDEIAS

ALCALDE, Emerson. **Nos corres da poesia: autobiografia de um *slammer***. 1. ed. São Paulo: Independente, 2022.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. *Lua Nova*, São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010

ARAÚJO, Júlia Figueiredo Murta de. **Juventude e produção literária: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas**. 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**. Rio de Janeiro: Ed. Revam, 2011.

BEAL, Sophia. **A arte de Brasília: 2000 - 2019**. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Libraries Publishing, 2021.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Belo Horizonte: Fale. UFMG, 2008.

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2011. Tradução de Renato Resende.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: [http://slam.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao.html](http://slam.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.html).

CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

CARLSON, Marvin. **Performance - uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

CARMO, Ravena; SOUSA, Maria do Amparo de; FRANCO, Paulo Gabriel (Org.). **Vozes e escritos do gueto: trilhas e trajetórias da literatura marginal do Distrito Federal**. Coordenação de Ravena Carmo. Ilustração de Lari Oyá e Nzinga. 1. ed. Brasília, DF: Avá Editora, 2023.

COELHO, Rogério Meira. **A palavração: atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e no Poetry Slam Clube da Luta**. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas**. 1993. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres->

não-18324d40ad1f.

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**. Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126, 2011.

DÁLVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992.

EVARISTO, Conceição (2008). **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, n. 23.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 7. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

FERREIRA, Jerusa Pires. **“Matrizes impressas do oral”**. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Interseções: a materialidade da comunicação*. Rio de Janeiro: Imago / EdUERJ, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática da Liberdade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo **Pedagogia do Oprimido**. 85. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREITAS, Daniela Silva de. **Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência**. *Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos*, n. 59, 2020. DOI: [http://dx.doi.org/10.1590/231640185915&#8203;;:contentReference\[oaicite:1\]{index=1}](http://dx.doi.org/10.1590/231640185915&#8203;;:contentReference[oaicite:1]{index=1}) }.

FURQUIM, Saulo Ramos. **A criminologia Cultural e a criminalização das culturas periféricas**. Dissertação de Mestrado na Área de Especialização em Ciências Jurídico-Criminais, apresentada à Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. 2014.

GLUSBER, Jorge. **A arte da performance (The Art of Performance)**. Trad. de Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GONÇALVES, Rossi Alves; MATHIAS, Talita Miranda da Costa. **Slam das Minas do**

**Rio de Janeiro: Erga a sua voz!** v. 27, n. 51, 2023, Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção - Parte 2 / Dossiê. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. XXVI, n. 49, maio-agosto, 2022. ISSN 2358-727x.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo de terceiro setor.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano.** 2. ed. São Paulo: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA, Renata Dorneles. **A voz negra, o corpo negro e seu ato de resistência: a poesia de mulheres negras no circuito dos slams na cidade de São Paulo.** v. 27, n. 51, 2023, Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção - Parte 2 / Dossiê. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. XXVI, n. 49, maio-agosto, 2022. ISSN 2358-727x. Disponível em: <https://orcid.org/0009-0009-6311-7488>.

LUCENA, Cibele Toledo. **Beijo de Línguas – quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

MARTINS, L. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.** Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>.

MARTINS, L. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SCHWARZSTEIN, Dora; AMADO, Janaína; MEYER, Eugenia. **História oral na América Latina.** In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

MG, Comikk. **Las palabras intactas: Poetry Slam México slam una mirada al ejercicio mundial.** Testimonios nacionales e internacionales, declaraciones, bios, seudo crítica, entre otras versadas. 1. ed. Estado de México, 2022.

MINAS SP, Slam das. *Manifesta.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/>

watch?v=xLJWFiGYNwo&ab\_channel=ONErpm>.

MONTORO, André. 10. **Conceito de Lei e Norma Jurídica**. In: Introdução à Ciência do Direito. São Paulo: Editora Revistas dos Tribunais. 2020.

MUSCHIETTI, Delfina. **Poesía y traducción: repetición y fantasma (y las contradicciones de Borges)**. Trabajo inédito a presentarse en las I Jornadas Internacionales de Traducción Literaria de Rosario. 2006

OLIVEIRA, Gerciane Maria da Costa; VIEIRA, Kyara Maria de Almeida; VIVEIROS, Denise Penha. **Reflexões sobre a identidade surda a partir da poesia Negro Surdo (Slam do Corpo)**. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. XXVI, n. 49, maio-agosto, 2022. ISSN 2358-727x.

PAIVA, Edson Prazeres Ribeiro. **Batalhas de poesia slam: representatividade sócio-literária**. 2019. Monografia (Licenciatura em Letras) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Dois corpos, duas línguas e uma representação: notas sobre performances de slam poetry em línguas de sinais**. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. XXVI, n. 49, maio-agosto, 2022. ISSN 2358-727x.

PAVIANI, Aldo. **A construção injusta do espaço urbano**. In: PAVIANI, Aldo (Org.). A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília. Brasília: Editora da UnB, 1991.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução sob direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

PEREGRINO, Miriane. **Muhatu e a virada do spoken word em Angola**. In: v. 11, n. 21 (2019): Mulemba. Rio de Janeiro. jul.-dez. 2019. ISSN:2176-381X.

PIXINGUINHA. Carinhoso, **1916**. Duração: 2:51.

PIMENTEL, Ary; COSTA, Mariana de Oliveira. **A autorrepresentação e a mulher indígena no slam: A poesia de Auritha Tabajara e a ruptura com a representação hegemônica**. In: v. 27, n. 51 (2023): Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção - Parte 2. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. XXVI, n. 49, maio-agosto, 2022. ISSN 2358-727x.

RACIONAIS MCS. **Vida Loka I**. Cidade: São Paulo. Gravadora: Cosa Nostra. Ano: 2002. Duração: 5:04 min.

ROCHA, Eliene Novaes; BOAS, R. L. V; BORGES, P. M. P. E. R. A. **Teatro Político, formação e organização social: Avanços, limites e desafios da experiência dos anos 1960 ao tempo presente**. 1. ed. São Paulo: Outras expressões, 2015.



RUANO DA SILVA, Caio. **Slam poetry: poesia performática, política e educação**. 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Orientadora: Cristiana Losekann.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SANTOS, Juarez Cirino dos. **A Criminologia Radical**. Rio de Janeiro: Ed. Lúmen Juris, 2006.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 303.

SELL, Sérgio César. **A etiqueta do crime: considerações sobre o "labelling approach"**. 2007. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10290>.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. **Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais**. Rev. Psicopedagogias. São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SLAM: voz de levante. Direção de Roberta Estrela D'Alva e Tatiana Lohman. São Paulo: Miração Filmes. 2018.

SOSA VILLADA, Camila. **Las malas**. Buenos Aires; Tusquets, 2019.

SOUSA, Mariely Zambianco Soares. **Uma experiência de oficina pedagógica de poesia slam em prol da educação étnico-racial**. In: *Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul*. 2018(SLAM EDUCAÇÃO ÉTNICO...).

TENNINA, Lucía. **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos**. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea (online version), n. 42, 2013.

THUIN, Antonia Costa de; LIMA, Marina Ivo de Araujo; OLIVEIRA, Daniele Rodrigues. **Slam das Minas: a insurgência e o protagonismo das poetas mulheres no Brasil**. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. XXVI, n. 49, maio-agosto, 2022. ISSN 2358-727x. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0003-2256-4432>; <https://orcid.org/0000-0001-5342-2627>; <https://orcid.org/0000-0002-0005-0740>.

VELOSO, Jorge das Graças. **Paradoxos e paradigmas: a etnocenologia, os**

**saberes e seus léxicos.** Repertório, Salvador, n. 26, p. 88-94, 2016.1.

VOLMER, Lovani; CONTE, Daniel; SOUZA, Suzana da Silva. **Poesia feminina: considerações sobre o slam na cultura contemporânea.** *Caderno de Letras*, n. 36, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/>.

ZUMTHOR, Paul. **A introdução à poesia oral.** 1 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul **A letra e a voz – a “literatura” medieval (La lettre et la voix – De la “littérature” médiévale).** Trad. de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura (Performance, réception, lecture).** Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

WEBER, Bruce. Part Art, **Part Hip-Hop And Part Circus; Slammers Shake Up an Interest in Poetry.** New York Times, New York, 16, August de 1999. Section E, Page 1. Disponível em: <https://slam.nytimes.com/1999/08/16/books/part-art-part-hip-hop-and-part-circus-slammers-shake-up-an-interest-in-poetry.html>

## ANEXOS

### ENTRE VOZES ENTRE VISTAS

Bem-vinda! Você chegou no espaço dedicado às entrevistas. Bem, elas todas ocorreram com amorosidade e afeto. Posso dizer que fui bem recebida e acolhida por todas as pessoas que tive oportunidade de entrevistar, seja presencial ou remotamente. As perguntas foram preparadas previamente e estavam estruturadas em três eixos principais: história e relação da entrevistada, potencial social-político-educacional e realidade local.

Esta entrevista com Will, que compartilho na íntegra a seguir, ocorreu de forma presencial. Nos encontramos no Conic, na entrada da Biblioteca Salomão Malina, após uma edição da *Slam Déf*. Enquanto monto o equipamento para a gravação compartilho com Will a proposta da pesquisa e da entrevista; conversamos sobre os trabalhos que estávamos realizando e os projetos futuros. Câmera montada e posicionada, iniciamos a entrevista.

#### **Will Júnio**

Entrevista com Will, idealizador e slammaster do Slam Déf, primeira comunidade de *slam* do Distrito Federal. Wildson Junio Ferreira dos Santos, Will Júnio, é professor de Língua Portuguesa no Estado de Goiás, produtor e apresentador do Slam-déf. Em 2015 representou o DF no Campeonato Nacional de Poesia Falada - Slam Br e na FLUP. Em 2017 foi jurado do Duelo Nacional de MC's 2017.

**Will:** Olho pra tu ou pra câmera?

**Meimei:** Pode olhar para a Câmera. Pode olhar para mim. Eu tou aqui. Pode... Fica à vontade! Sim, para para a gente ter.

**Will:** Vou falar nada com nada, véi. Vou viajar.

**Meimei:** Isso daqui não vai ser uma parada, é registro para posteriori, sabe?

**Will:** Sim!

**Meimei:** Pra gente ter... essa história, né?

**Will:** Deixa eu fingir que eu sou importante aqui, espera aí.

**Meimei:** Mas tu é cara, é.

**Will:** Coisa para mim aí, pega essa Câmera aí tudo se eu tivesse. Ó fazer. Assim, ó, tem algum vídeozinho assim, ó, pegando assim, ó. Vou. Vou passar lá, ó, dando entrevista aí.

*Risos*

**Will:** Não, aí mesmo, pô. Daonde tu tava sentado.

**Meimei:** Vou sair na dissertação...

**Will:** Vou pegar a Câmera aqui, assim ó, só para poder, né? Os bastidores. É, os bastidores. Pô, como se tivessem lembrando as entrevistas tal e falando um pouquinho, às vezes eu estou até gesticulando. Aqui, já estou. Ou, tou fazendo umas edições de vídeo massa, velho! [...] Daí, tou pegando as manhas.

**Meimei:** Massa, sim. Will, este é um trabalho que está sendo desenvolvido para minha pesquisa de mestrado, que se chama: O verso que inquieta é o mesmo que ensina e liberta: *slam* como espaço de ensino-aprendizagem e de desetiquetamento social.

Me conta aí, como é que foi o seu primeiro contato com a *slam* e como surgiu a *Slam Déf*.

**Will:** Bom, o meu primeiro contato com o *slam* foi... eu lembro que eu estava na Batalha do Neurônio. Uma batalha que acontece lá no parque... Acontecia, ocorria no Parque da Cidade e nesse dia, a Roberta Estrela D'alva foi fazer uma apresentação lá. Aí ela recitou uma poesia lá e tudo mais. Aí depois ela falou sobre *slam*, explicou como é que era e aquilo me deixou muito curioso, deixou muito curioso. Aí eu consegui pegar o contato com ela, entrei em contato, a gente conversou, ela me explicou como é que era, como funcionava. Aí eu fiquei pilhado, né? Eu gostei da ideia tal. É. É. Pensei em articular aqui. Ela falou que me ajudava e ia me ajudar e tal. Aí foi quando eu chamei algumas pessoas para me ajudar, que na época era meu amigo Guilherme, né? Apelido de bolinha, o Dj Chris, o Cristiano e nós três fomos pensar em alguma, em algum local na época para poder fazer o evento, né? Até então, nós não tínhamos o nome ainda. Pensando em achar um local, a gente não achava um local. Foi a Roberta, mesmo que tinha um amigo dela

que era do bar aqui. Tem um bar aqui no Distrito Federal, não, tinha, né? Já fechou. O nome do bar era Raízes Bar, muito, na Asa Norte. Aí achamos o local. Aí vamos fazer a primeira edição e até então a gente ficou pensando assim: Pô e qual seria o nome? Qual seria o nome? Aí a gente falou: Vamo deixar *Slam DF*, mesmo. Só *slam* com a sigla DF, né? Aí, beleza. Aí ocorreu o evento foi em 2015. Eu não me lembro especificamente a data. Precisaria olhar, né, pra poder ver, mas foi em 2015. Aí ocorreu a primeira edição é, eu até participei. Quem foi a mestra de cerimônia foi a Roberta, ela foi a nossa madrinha, digamos assim, foi a nossa madrinha. Aí lá durante o evento, durante... as pessoas, né? Que na hora que a Roberta falava *slam* eu percebia que as pessoas falavam DÉF, né? No meio da sigla saiu o verbo é. Falei, cara, eu gostei disso aí, eu achei legal, então acho que pode ser DÉF. Aí a gente fez essa loucura, né? Essa, essa, essa loucura mesmo, de botar um verbo bem no meio da sigla do Distrito Federal e assim ficou o *Slam DéF*.

**Meimei:** Massa! Will, o que que a *slam* representa para você?

**Will:** *Slam* para mim representa um espaço para dar voz àquelas pessoas que não tem, sabe? Há muita gente, muitos artistas têm seus trabalhos guardados nas gavetas. Eu percebo isso porque eu sou professor, então nas escolas eu vou perceber no tanto de talento que a gente tem, que é desperdiçado. E o *slam* ele é, ele oportuniza, né? A dar esse universo de preconceito, ela pode mostrar a sua voz e a sua verdade. *Slam* para mim é um espaço de oportunidade para pessoas que geralmente, não têm.

**Meimei:** Massa! Obrigada, querido. Aí me conta mais um pouco desse histórico da *slam* no DF e do *Slam DéF*. Quem estava na primeira edição, como foi? Quem ganhou? Me conta assim, tudo de como foi esse dia e as outras edições, como é que você foi pensando e tal...

**Will:** Olha, a princípio o *Slam DéF* ele não tinha um, a nossa ideia não era ter uma casa, um local para realizar as edições. A gente ia em vários lugares, várias cidades, né? Porque o nome diz *Slam Déf*, né? Não era pra ser um local específico, era para ser em todo o DF e Entorno, também. A gente chegou a ir para outros lugares, também no Entorno, no Goiás. Então a gente não tinha uma casa, a gente queria ir de lugar em um lugar. Então a primeira edição, que foi no Bar Raízes, no Raízes Bar, teve diversas pessoas, colocou diversas pessoas importâncias assim como o

Markão. Colou muita gente. Eu lembro que estava vários MCs de rima, né? Muita galera assim da batalha de rima colaram para ir para conhecer, para saber como é que era a dinâmica. Eu lembro que nessa edição fiquei acho que foi em terceiro ou foi em segundo lugar. Eu cheguei a ficar... o primeiro, esqueci o nome. Sei que é num sei o quê Paiva. Agora não me lembro o nome dele, talvez eu te falo assim como o nome dele, mas foram os três primeiros qualquer foi o Ortega...

**Meimei:** Leonardo Ortega.

**Will:** Ele ficou em segundo e eu fiquei em terceiro. O primeiro eu esqueci, eu tenho que ver a foto ali para poder lembrar. Ortega ficou em cima, ficou em segundo ele, fiquei em terceiro. Foi a edição muito mágica, assim, muita gente, o bar lotou e a galera ficava bebendo ali e tal por ali, vai. Então, foi uma edição muito bom. Aí depois disso aí, quando acabou a edição, a gente já fomos recebendo vários convites para ir em vários lugares, que era a proposta nossa, na minha, na época minha e do Cris e também do Guilherme que tava junto com a gente também na organização. A gente recebeu o meu convite na época, eu não sei se ainda tem que era a Casa Frida, lá em São Sebastião. Também teve também a Casa Viva, que era no Paranoá. Foi uma das melhores edições nossas, rolou uma feijoada lá, teve muita diversidade de cultura, teve troca de livros tal. Foi e foi indo. Só que teve uma época que a gente organizou uma edição no museu e essa edição do museu a gente teve pouco público aí ficou quando eu parei e pensei: a gente tá indo de casa em casa, mas a gente não tem uma casa nossa, uma casa própria onde a gente possa falar: aqui é a casa do *Slam DÉF*. Aí, a gente ficou procurando aí algum lugar para fazer. Aí a gente não encontrou e aí vários acontecimentos assim pessoais na vida minha e do Chris, também do bolinha, né? Que é o Guilherme, a gente decidiu dar uma pausa quando a gente deu uma pausa ali. Esse foi em 2016 ou foi em 2017? A gente foi vem em atividade 2015 até 2017 se não me engano. Aí, a gente deu uma pausa, aí. Essa pausa durou mais de 1 ano. A gente está até começando, né? Até a meio que desistir, foi quando a gente recebeu o convite da biblioteca para poder fazer uma edição de aniversário da própria biblioteca. Aí daí a gente ficou, fechou a parceria. Eles gostaram. Então aí de 2018 até agora 2023, promovendo o *slam*, todas as edições aqui no CONIC na biblioteca, mesmo.

**Meimei:** Benzadeus!

**Will:** Eu, eu, eu estou respondendo certo? Ou se estou viajando, pô?

**Meimei:** Você está arrasando.

**Will:** Massa, massa!

**Meimei:** Não se preocupa! Para mim é muito importante te ouvir. É, eu só quero te ouvir, saber como é que é para você... Como é ser um *slam*master? Me fala um pouco assim dessas figuras da *slam*, como público, poeta, *slammer*, o júri... Enfim, me conta assim, como é que é para você ser *slam*master e como é que você identifica assim essas figuras que compõem a *slam*?

**Will:** Olha, está eu confesso para você que eu ando vivendo um momento assim, tem muito tempo que eu não paro para escrever ou algo. Tipo assim no caldo. Questões de poesia, fiquei no famoso hiato, assim, artístico, sabe? Mas assim eu vejo um poeta ou artista. Eu me vejo assim como uma pessoa que consegue transmitir a minha verdade através da minha fala. Hoje, muito mais dentro de sala de aula, né? As minhas ideologias e tal que eu transmitia muito na poesia. E então eu vejo, eu me via como uma pessoa que poderia transmitir algo, né? Através da arte, né? Me via dessa forma assim e eu vejo os meus. Eu vejo os meus amigos, os poetas, os *slammers*, também da mesma forma, eu vejo eles como... eu aprendo muito com eles, né? Eu, eu sempre costumo dizer que o poeta é cientista da sua época, né? Ele observa o que está à sua volta e através do que ele está observando, ele transfere aquilo e transforma aquilo ali em poesia, em crítica, reflexão em uma poesia de amor ou algo do tipo. Então o que ele vive, o que ele vivencia ele transforma numa, num instrumento para trazer as pessoas ali para ouvir. Um instrumento de voz ali. Então eu vejo a gente como um cientista da nossa época, correto? Ele é cientista da sua época. Sim! Então eu acredito muito com isso. Então o júri também, eu... é muito legal o júri porque no *slam* não existe um critério de avaliação, por exemplo, na batalha de rima existe critérios. Cê avalia o flow, você vale aquilo aquilo outro, aquilo outro já... e geralmente quem é convidado para ser jurado ou escolhido para ser jurado, já tem um conhecimento já na modalidade. Já o *slam* não, ele é totalmente diferente, ele quebra um pouco disso da característica de competição. Quando você convidou alguém para ser julgado, que tem o conhecimento a respeito daquele assunto, pode ser uma pessoa, você faz uma edição do *slam* aí tem umas pessoas ali aleatória que está vindo pela primeira vez,

you convida para ser jurado e a pessoa não tem um embasamento teórico sobre critérios de rima, tal, estrofe e tudo mais, refrão, mas através da candência, ela consegue absorver ali o que o poeta tá dizendo e fala, pô, essa poeta aqui merece dez. Então Vejo o jurado como uma pessoa que tá ali para ouvir, entendeu a poesia do outro. Por mais que ele esteja julgando, ele ao mesmo tempo, ele tá mais para entender do que julgar, para sentir a poesia.

**Meimei:** Massa, massa, muito bom. E sobre a *slam* no DF, quantos *slams* tem no Distrito Federal? Quais *slams* você conhece? Os que estão ativos, os que já existiram...

**Will:** Sim! Os *slams* que eu que eu conheço é o *Slam Déf*, é óbvio. Tem um o *Slam do Céu* lá no que ocorre que o único *slam* que tem ali no entorno. Não! Acho que tem mais um *slam* lá, que eu esqueci o nome que é o Rasta que organiza lá. Tem o '*Slam de Quebra*', né? Tem mais um sarau que acho que acontece aqui no museu que esqueci o nome dele agora eu não me lembro. Também é o Rasta que faz. Sabe o nome dele?

**Meimei:** É Flor da Vida.

**Will:** É isso! O sarau Flor da Vida. Que é o outro *slam* também, *slam* dele. E o que eu me lembro agora, só são esses assim os *slams* que eu conheço. Eu já fui praticamente em todos eu não fui atualmente no *Slam do Céu*. Nos lá do céu e atualmente, na nova como é? Como que pode dizer? A nova proposta e ideia do de quebra, né? Que é uma nova, uma nova ideia tal que antes era mais aberto? E agora vocês fizeram para um outro tipo de participante, né? O público ainda continuou sendo aberto, né? Só outro participante, né? Nessa proposta ainda não fui ainda não, correria e tal tal, coisas assim, faz a gente, não deixa a gente ir para vários lugares quer, queira ir, não é?

**Meimei:** Sim e quem já foi representante da/do *Slam DéF*? Tipo quais foram ao longo desses anos quem foram os representantes do DéF para o DFão?

**Will:** Pro *DFão* já foi o Banzo, já foi o Rasta, já foi... Pode ser os 3 também? mas tipo, 3 ou 2. Cê fala o campeão em si?

**Meimei:** É quem já foi campeão *Slam DéF*? De 2015, até agora.

**Will:** 2015, 2015 foi eu! Caraca velho! 2015 foi eu agora que eu lembrei, ó, 2015, foi



eu. Eu acho que aí sim, eu fui, inclusive eu fui, eu representei no nacional, a gente foi, né? Lá na nacional, né? Eu também fui na Flup, também já representei o DF na Flup, fui eu e acho que é a Tatiane. Se não me engano...

**Meimei:** Tatiana Nascimento.

**Will:** Isso! Tatiana Nascimento. Foi eu e ela lá que representamos. É, foi essas duas vezes sim que eu, que eu representei 2015. Aí em 2016 eu não me lembro quem foi, não sei nem se foi do *Slam DéF*. Aí nóia teve aquela pausa, né? Aí, 2018, se não me engano foi o Banzo. Aí, inclusive a gente tinha uma premiação que a gente levava, uma premiação para dois poetas daqui ir prestigiar o *slam* lá e trazer, né? A cultura, a bagagem de lá, para fortalecer o cenário daqui. Aí também depois teve, teve o Rasta, já teve também agora o Prince, né? O Prince que virou... Foi Prince que ganhou, né? Que eu me lembro foram esses, foi esses aí.

**Meimei:** Massa! Você falou sobre a premiação e aí me surgiu uma outra ideia que não estava roteiro, que é, cês têm uma, o outro formato, vocês funcionam aqui como ranking. Como que é a estrutura de funcionamento do *Slam DéF*?

**Will:** Ah sim! Legal! A ideia do ranking surgiu pra gente poder assistiu pra gente poder digamos que valorizar os que estão sempre presentes, sabe? A galera que é fiel, os participantes que são fiéis, e estão sempre aqui, que vem toda vez, ajuda a divulgar tal. Aí a gente falou assim: pô, tem uma galera que está vindo sempre, mas aí essa galera se classifica para a final, mas uma pessoa totalmente desconhecida ganha e essa galera que estava vindo anteriormente acaba não, não, que sempre veio prestigiou, estava presente, chegou a divulgar, ficava de fora, não é? A gente achou isso um pouco injusto, a gente quis ser mais justo que os nossos participantes de público fiel, decidimos fazer um ranking, que é que nem estilo de futebol, pontos corridos, né? A gente tem a pontuação que é de 10 pontos para o primeiro colocado, 7 pontos para o segundo, 4 por terceiro e 1 para todos que participam, né? E aí só soma as notas, as notas vão somando... Se você ficou em primeiro lugar, você ganha +10 pontos. Os critérios de desempate é o número de vitória, né? é óbvio de todas as vezes que você já foi campeão. Aí geralmente a gente faz uma edição no final do ano para ver quem é o melhor do *Slam DéF*, tá? A gente pega os 8 primeiros do ranking e faz uma edição final para comemoração de fim de. Então a ideia do ranking é só pra gente valorizar mais aquela galera e também quando a gente

recebe algum convite. Por exemplo, a gente já recebeu convite para o é... Alguém entra em contato com a gente e fala assim: tem uma edição aqui em Goiânia... Aí eu vou no ranking pego esses participantes que estão nos primeiros colocados, seleciono, faço o convite e vai essa galera que tem essa pontuação. Então a ideia mesmo do ranking é para valorizar essa galera que nos prestigia, nosso público fiel aí! Na característica de pontos corridos.

**Meimei:** Massa, Will! É uma comunidade, então. Isso mesmo, é realmente uma comunidade. Para fechar. Qual é a sua perspectiva com o futuro do *slam*? Pensando assim, no mundo, porque... tem um poeta, o Leminski, que ele dizia que o futuro da poesia seria a vídeo-poesia. Que que cê acha? O que cê pensa assim que vai ser esse movimento.

**Will:** Pra mim, o *slam*, ele vai ser o que vai substituir aos poucos a febre que é as batalhas de rima. Para mim, o *slam*, ele vem para substituir porque é uma é um... Por exemplo, para você fazer rima, você precisa treinar, você precisa ter tal. Aquilo e tem muita gente que não tem esse tempo, não tem esse costume, não tem esse dom, mas escreve poesias. Então, para a Batalha existe um público seletivo. Para o *slam* é um público muito mais aberto, muito mais amplo. Uma senhora de certa idade pode ser recitar um, pode ser uma *slammer*. Já uma senhora, acredito eu, não seria uma rapper de batalha, uma MC de rima. Então, para mim o *slam* tá vindo para substituir a as batalhas já vêm alguns estados já tendo muito mais, mais potência e muito mais público, muito mais recursos do que as próprias batalhas. É algo novo que é novo, né? Vai chamando atenção a galera que é das batalhas, da galera do rap já anda já, né, migrando aos poucos também, tal. Não tou dizendo que a batalha de rima vai acabar. Tou falando que para mim a batalha, a batalha de poesia ela vai vim para substituir a ideia das batalhas de rima. Inclusive existe batalhas e projetos de batalhas de rimas novas. Que estão envolvendo uma parte em que eles declamam e depois vem a batalha, né? Que é outra proposta, porque justamente a galera anda muito fascinada com a poesia. Então, pra mim o *slam*, ele já é o presente e também já é o futuro aí da juventude e também e da galera também, que já é um pouco de idade, também porque é um espaço que dá essa oportunidade para as pessoas mais velhas, também. Então, acho que o *slam* ele vem para ser o novo aí com essa juventude aí. Já é o novo dessa juventude! É o que veio para substituir né? a batalha de rima e vem substituindo muito bem.

**Meimei:** Muito obrigada, Wiil. Eu tou muito feliz! Já tinha um tempo que eu queria colher e ouvir de você a sua história. Então agradeço profundamente.

**Will:** Se alguma coisa ficou errada aí você me fala que eu corrijo.

**Meimei:** De jeito nenhum! Não tem nada errado.

**Will:** A gente vai falando assim, a gente vai mudando o foco, né? aí vai...

**Meimei:** Vou desligar.

**Will:** Pode desligar.



Para ouvir a entrevista disponível acima, utilize um leitor de QR code.

## **Sol Fantin**

Versão original, em espanhol. Entrevista realizada em Buenos Aires em fevereiro de 2023. Eram meus últimos dias na cidade e as tentativas anteriores para encontrar Sol não tinham vingado. Eu estava preocupada e com receio de não conseguir falar com a precursora da *slam* na Argentina. Tudo dependia se ela viajaria ou não. No meio de uma tarde, recebo no WhatsApp uma mensagem de Sol contando que não viajaria naquela semana e confirmando o nosso encontro. A conheci junto com Lucia Tenina, Male Romero e Lucía Matteos numa edição do Slam zona Sur. Monto minha mochila com todos os meus equipamentos: câmera, microfone, computador e tripé. Chamo um uber e me dirijo para a casa de Sol. Ela me receberá em sua casa. Me sinto honrada. Chego em uma rua, em um bairro que não havia conhecido antes. A estrutura e o formato da porta do endereço indicado me transporta para um cenário de conto de fadas. Estou animosamente encantada. Eu quis muito aquele encontro. Toco a campainha e quem me recebe é uma mulher de olhos claros e sorriso aberto. Entro no que parece uma casa de boneca. Sol me oferece algo para beber. Esta

recepção é muito comum na Argentina, pelo menos assim foi comigo. Dividimos um mate, isto também é comum. Tomamos juntas, com a mesma *bombilla* e na mesma tigela. Isto também é muito comum e me encanta. Sou muito bem recebido por ela e me sinto confortável em sua presença e casa. Nossa conversa antes da entrevista gravada e oficial dura muito tempo. Sol me confidencia ocorridos e histórias que não compartilharei aqui e em lugar nenhum. Ali, trocamos vivências e sinto que nos tornamos confidentes. Ela me indica o local onde se sentiria mais a vontade para gravarmos, eu organizo os equipamentos e enquanto isso explico mais sobre a pesquisa e a ideia da entrevista. Sol se senta, ligo o microfone, a câmera e começamos.

**Meimei Bastos:** Sol, voy a empezar. Tu nombre, todo lo que quieres. Tu historia, trayectoria, cómo empezó con la poesía, el slam, todo lo que quieras.

**Sol Fantin:** *Bueno, mi nombre es Sol Fantín, tengo 40 años. Nací en Buenos Aires, aquí en Buenos Aires, en 1982 durante la dictadura todavía. Eh, bueno, la poesía... A mí me interesó la poesía desde muy, muy, muy chiquitita. Que era muy chiquita mi niña. Me gustaba la palabra, la, la rima, la palabra que resonaba, que cantaba en en mi oído, era, bueno, escribía versitos. Eh... mi, mi mamá me, me, me ayudó para que los versitos salieran en la revista del barrio como siempre estaba en esa, en esa búsqueda. Después de más grande, de adulta, estudié para ser maestra de escuela primaria porque necesitaba trabajar, no sabía que se iba a convertir en una de las actividades más importantes para mí, no tenía idea de eso, yo, en realidad, quería estudiar Letras. Eh... pero me parecía una carrera demasiado larga, me parecía que no iba a conseguir trabajo. Eh... entonces, bueno, estudié como maestra, trabajo como maestra en la escuela primaria, en la escuela pública de mi barrio desde hace casi 15 años. SLAM es muy relevante mi trabajo como maestra para entender lo que me fue sucediendo cuando fui accediendo a los escenarios, a la poesía en voz alta - me voy salteando un poco momentos históricos, pero de mi propia vida-, pero me pasaba cuando empecé a decir poesía en voz alta en los espacios del under porteño que, mmm, en el, donde nació el slam, en el slam, después que me decían: “ay, vos sos actriz” slam yo decía: “no, soy maestra”, porque la maestra tiene un componente escénico muy importante. Estudié Letras también, en la Universidad de Buenos*

Aires. Pude hacerlo, me recibí de licenciada slam profesora en Letras. Eh... estuve haciendo un doctorado un tiempo que no terminé sobre la poesía española de la posguerra, interesante, unos años de formación slam de investigación. Pero bueno, a mí, a mis 26, 27 años, yo escribía poesía slam estaba, bueno, muy curiosa, quería saber cómo se hacía para entrar al mundo de la literatura, entrar al mundo de la poesía, ir a esos lugares donde la gente leía poesía, eh... publicar, no sé, quería... SLAM, bueno, llegué, fui, gracias a hablarlo slam de boca en boca, fui llegando a, a espacios alternativos que en Buenos Aires, por suerte, siempre hubo muchos. Eh... llegué al, así fue cómo llegué al Pacha, que era un espacio donde nos reuníamos artistas de la palabra, poetas, escritores, escritoras, actrices, actores, músicos, músicas, un espacio que era una casa para todos nosotros. No era ni un centro cultural, ni un bar, ni... Era una casa que sosteníamos entre todos, en la que nos reuníamos a compartir, realmente, nuestro arte. Para no molestar a los vecinos, era, se hacía (sic) los recitados slam las músicas se hacían sin micrófono. SLAM era por eso que tampoco se podía aplaudir para no molestar a los vecinos. Entonces, cuando nos gustaba lo que acabamos de escuchar, chasqueábamos los dedos. SLAM, bueno, en este espacio yo conocí, eh... bueno, poetas. Conocí a Diego Arbit, conocí a muchos poetas. Conocí Poesía estéreo que era un dúo de poesía oral creado por Sebakis, Sebastián Kirzner, bueno, slam Diego Arbit, que tenían un formato de poesía oral a dúo, muy interesante: venía de, de un trabajo de investigación que venía haciendo Sebakis con, a través de Youtube. Él era un, un artista que recorría el under, conocía a muchos poetas. Él mismo estaba haciendo un, una antología poética americana, incluyendo, eh, dentro de América a Estados Unidos, que salió por la, por la editorial Milena caserola, la editorial independiente Milena caserola, esta antología que se llama: 2017 nueva poesía contemporánea, se llama 2017, pero salió el primer tomo en el 2010. Eh... bueno, conocí este trabajo que venía haciendo Sebakis. Publiqué mi primer libro de poemas por la editorial independiente Milena caserola, mi librito, cien ejemplares, una circulación muy mínima, gracias al, al trabajo de Matías Reck, el director de Milena caserola slam, conocí también en ese momento, la FLIA, la FLIA era, es, porque decimos que la FLIA es eterna, la Feria del Libro Independiente slam A, slam en esa A, podíamos completar cada uno lo que, slam cada una, lo que más nos gustara. A: Argentina, amiga... eh, bueno, había distintas palabras alegres que le agregábamos, autogestiva, Feria del Libro Independiente slam Autogestiva, pero esa A aparecía a

veces ahí entre paréntesis, porque cada quien la podía completar como quisiera. Era una feria de escritores slam escritoras, productores que hacíamos nuestros propios libros, incipientes, editoriales independientes que nos reuníamos. Se organizaba de manera completamente horizontal, en distintos espacios públicos o, bueno, o autogestivos de la ciudad. SLAM, bueno, en la FLIA, en esta, en esta casa Pacha en la que nos reuníamos, fui conociendo esta manera de, de producir poesía, de hacer arte, de compartir arte que iba por una vía paralela, digamos, al mundo académico o al mundo mainstream, o al mundo del arte, digamos, que se orienta por, por criterios de mercado. Esto no estaba orientado por criterios de mercado slam ahora, realmente, o sea, no había ningún interés lucrativo, si lo hubiera habido, hubiéramos fracasado completamente (risas). A veces yo me pregunto, ¿no?, ¿por qué hacíamos...? -ahora voy a contar cuando empezamos a hacer el slam, ¿no?- pero digo: “¿por qué lo hacíamos, por qué lo hacíamos?” SLAM a veces digo: “no buscábamos lucro”. Personalmente, creo que no, no buscábamos institucionalizar el arte, no buscábamos beca, no buscábamos... SLAM yo digo: “buscábamos -pienso yo ahora, ¿no?- slam seguimos buscando”. Yo lo digo en pasado porque estoy hablando de los orígenes, no porque esto haya dejado de suceder, ¿no? Pero en aquel momento -slam a parte, bueno, tengo 40, entonces estoy un poco nostálgica-, pero (risas) sigue, sigue sucediendo, por suerte, pero digo, en ese momento buscábamos otras maneras de vincularnos a través del arte slam, yo digo, slam cuando empezamos a hacer los primeros slams, ¿no?, si no, si no queríamos lucrar slam no queríamos institucionalizar, era una búsqueda slam no era una búsqueda, búsqueda que podríamos llamar, ni política, tampoco en un sentido tradicional de lo político, entonces, yo digo... Pero, a la vez, era todo eso. Era slam no era; era político, era espiritual, era artístico, pero no era. Entonces digo, era poético, era una búsqueda propiamente poética, ahí donde las palabras no alcanzan, como dice Clarice Lispector, justamente, ¿no?, que dice: “la libertad me parece demasiado poco, lo que yo busco todavía no tiene nombre”, una cita, eh, versionada por mí. Bien, slam entonces conozco Poesía estéreo, quedo muy impactada por el espectáculo que hacen Diego Arbit slam Sebakis de, de poesía oral, este dúo de poesía oral slam por lo que ya venía sucediendo en este espacio que le llamábamos El Pacha, donde se presentaban poetas a leer sus obras en voz alta, así como también voy conociendo otro circuito de Buenos Aires, donde también hay otros poetas mayores que yo, algunos, otros contemporáneos, algunos menores, que

también dicen poesía en distintos ciclos. Algunos vienen, tienen una formación más ligada al teatro, al stand up, otros leen sus textos, otros, con distintos estilos, venía sucediendo algo de todo esto. En ese momento, estamos hablando de abril del año 2011, eh, hablando con Sebakis, él me cuenta, Sebastián Kirsner, él me cuenta que estaba investigando a través de internet, eh, un formato de, poético, de poesía oral que se llamaba slam, poetry slam de Estados Unidos, eh, me, me muestra lo que, lo que hacían estos poetas, me cuenta cómo funciona. Yo quedo completamente fascinada, me traduce también. SLAM yo quedo completamente fascinada por ese formato de, de juegos, de encuentro, donde los poetas interpelan directamente al público, donde la búsqueda es esa, la búsqueda es conectar con el público, conectar con el otro, poner el cuerpo en la poesía slam... Bueno, slam entonces le, le digo a Sebakis: “¿qué estamos esperando para hacer un, un slam acá? SLAM, bueno slam él en un momento me contesta: “poetas”. SLAM lo pensó un par de horas o, o quizá una noche, no sé, a veces el día slam la noche se nos mezclaba (sic) un poco en esa época, pero poco tiempo después viene slam me dice: “lo vamos a hacer, está lleno de poetas Buenos Aires” slam así fue cómo en mayo del 2011 convocamos al primer slam de poesía oral -que nosotros tengamos noticia- que se celebró en Buenos Aires que, bueno, lo hicimos como sabíamos en ese momento, como nos pareció, no, no, no, no bajamos el manual de reglas del slam que existe, que está en internet listo, tomamos un poco lo que nos gustó de lo que veíamos en internet slam un poco le dimos una impronta propia, personal. Era todo bastante, bastante salvaje, ¿no?, sudamericano era (risas). No había, por ejemplo, digo, no había límite de participantes por, por noche, entonces los encuentros se prolongaban hasta la madrugada. Yo una vez creo que me desmayé en un slam (risas) porque, de, del cansancio, del calor hacia fin del 2011, eh. Era, quedamos completamente sorprendidos slam, slam desbordados. SLAM, slam, slam agradecidos slam, slam felizmente confundidos de ese caos que apareció, porque, claro, vinieron, me, me da, me da un poco de, de, de temor nombrar con, ¿no?, porque tengo miedo de olvidarme ¿no?, pero voy a hacer un, voy a nombrar algunas personas que me vienen a la mente como Lucas Fauno, que fue quien ganó, se llevó el primer puesto del, del primer slam que se hizo en mayo del 2011 acá en Buenos Aires. No me acuerdo si en el primero ya estaba, pero creo que sí, eh, Mana Bugallo, Susy Shock, Poroto Riera, el propio Mati Reck, que era el, nuestro editor de Milena Caserola, también participó, también participó en... Bueno, muchísimos nombres más, eh,

que... Estaba, bueno, Juana Sin Más, Camilo C, en ese momento, ¿quién más?, eh, bueno, mi, mi, bueno... La parte de los nombres la tendría que haber preparado porque... bueno, eh, Moni Torres, también los poetas slam las poetas, eh... eso, mayores que nosotros, que la generación nuestra que está... arrancando, aunque no me gusta hablar de generaciones tanto. Pero bueno, había, lo que quiero decir es que, había en Buenos Aires... Eh, bueno, eh, Alejandro Verón Díaz. Había en Buenos Aires un, una práctica de la poesía oral, eh, muy ligada también a la, al, al teatro, a las prácticas teatrales, que, que tienen una larguísima trayectoria en nuestra ciudad slam en el under que de alguna manera confluyen, se sienten convocados a este formato. Este formato empieza a ser un poco, eh, digamos, iba en, tenía una cosa, ¿cómo se dice cuando uno...? provocativa, tenía una cosa provocativa, que era, que decíamos, ¿no?, que estábamos aburridos, aburridas de las lecturas donde estaba el poeta sentado a la mesa con su vasito de agua, decíamos: "los poetas del vasito de agua", leyendo su poesía para sí mismo, una poesía intimista que no convocaba a nadie, donde todo el mundo se aburría slam, eh, queríamos otra cosa, queríamos una poesía que interpele, queríamos una poesía de, del del cuerpo vivo hablando. SLAM, claro, armamos este formato de slam que, bueno, que tiene la característica de ser un juego, slam como tal, hay puntaje, slam hay uno que es un ganador slam entonces había uno que era el campeón de los poetas, que por supuesto era una broma, ¿no?, un juego (risas). Pero empiezan a aparecer los detractores: "no, ay, eso no es poesía, eso que se hace ahí". Eh, es verdad, era bastante caótico. Una vez vino uno con una serpiente, por ejemplo (risas). Otro, vino una vez slam en los tres minutos que tenía para, para declamar bailó, eh, flamenco, me acuerdo. O sea, era un espacio de muchísima libertad slam experimentación. SLAM aparecían, como decía, los, los detractores del mundo de la, de las letras o de la poesía que tenían como dos grupos de argumentos, ¿no? Por un lado: "eso no es poesía", slam, por otro lado, había, también, mucho resquemor con respecto a esto de que había un ganador. Decían: "ay, ay", pero como si fuese un espacio competitivo, ¿no?, que a mí personalmente me parecía bastante paradójal porque, la verdad es que nosotros, en nuestro espacio le dábamos lugar a cualquiera que quisiera venir a participar, mientras que para leer en los espacios supuestamente no competitivos de los poetas del vasito de agua, había que ser amigo de no sé quién, porque a mí hasta muuucho tiempo después, nunca me habían invitado (risas). Eran círculos muy cerrados slam era



necesario bastante lobby para acceder a ese, a ese circuito donde había una alfombra roja, por así decir (risas) slam uno era escuchado por un público chico, quizás somnoliento, pero seguramente muy intelectual. Ah... qué mala me puse. Pero es que ese era un poco el espíritu, ¿no?, ¿no? Lo digo todo esto, un poco, un poco en broma, porque, porque por supuesto que cada expresión artística tiene su espacio slam su razón de ser slam, slam también son hermosas las presentaciones tradicionales de poesía slam las lecturas, pero bueno... En aquel momento, nosotros creamos algo que no exist... que no existía, nucleado; existía, eh, como decía, disperso; existía disperso en el under, se practicaba, se disfrutaba, pero no tenía eso, un, un... Evidentemente funcionó. Era necesaria esa convocatoria porque por eso rebalsó de gente, digamos. Por eso vin... acudieron todos, incluso los que no querían saber nada, por ahí igual venían a decir si un poema... ¿no? Entonces, con la excusa de la, con la excusa del, del juego, de participar, de escuchar, de, de escucharnos unos a otros. Bueno, a mí me parece, sigo convencida de eso, de que era una propuesta, todo lo contrario de, de exclusiva slam cerrada, ¿no? Abierta que se podía replicar a cualquier espacio, a cualquier lugar, ¿no? Eh, bueno, eso sobre los inicios del, del slam. Se empezó a generar también una especie de escuela poética porque íbamos todos los meses slam entonces empezó a pasar que uno quería, eh, llevar el mejor poema, entonces, estabas todo el mes escribiendo tu poema para (risas)... Nosotros no los decíamos de memoria, como en otros lugares del mundo, los leíamos. Pero... alguno lo decía de memoria, pero no era lo más habitual, lo más habitual era que los leyéramos con nuestras hojas, o a veces, todavía no tanto con los móviles, algunos con los móviles. Yo tenía una netbook, una computadorita slam leía desde mi computadorita slam... Estábamos todo el mes preparando el poema, ¿no?, para, para llegar a ese día slam, slam deslumbrar a nuestros propios amigos, era muy divertido, a nuestros compañeros, a ver... SLAM uno estaba curioso también de qué habrá traído el otro, ¿no? Es verdad que había bastante humor, también, eso también, se nos lo (sic) criticó bastante. Es muy interesante cómo el humor, eh, siempre tiende a quedar relegado en el sistema literario, a los géneros menores. También disgustaba, eh, los argumentos que se decían era, bueno, eh, que, que que era, que los, que los participantes decían cualquier cosa con tal de hacer reír para ganarse el aplauso del público, que era poco serio, poco profundo, bueno, todas (risas) esas cosas que a nosotros, francamente, nos daban de más, de ánimo para seguir haciéndolo, ¿no?, por

supuesto (risas). Entonces, como decía, se genera un poco una escuela de estilo. También es cierto, otra crítica que empezó a aparecer tiempo después, es que los poetas del slam, como que nos repetíamos un poco o, o teníamos algunas maneras de decir, eh, parecidas, ¿no?, pero eso era, eh, para mí es un, es, primero que es inevitable, es inevitable cuando hay un trabajo colectivo, un trabajo colectivo real, claro, estábamos aprendiendo unos de otros, tomando recursos, creando recursos. Entonces si una poeta venía slam hacía algo que, que al público le había gustado o a mí me había gustado slam, bueno, a mí por ahí yo después (risas) tomaba algo de esa poeta, entonces, bueno, se generó un poco un estilo. SLAM, bueno la idea de que un escritor, una escritora tiene que producir una obra completamente singular, discutiendo con las obras anteriores, innovando es una idea muy académica, diría yo. Me parece que la cultura popular -voy a utilizar este término, porque no se me ocurre otro mejor-, me parece que la cultura popular, muy ligada a la oralidad, porque si bien nosotros leíamos, leíamos en voz alta slam los textos estaban pensados para la oralidad en general no estaban previamente publicados, entonces esta cultura, como decía popular oral, tiene más que ver con un estilo colectivo. No es tan individual el estilo porque lo que estamos creando es una manera de poetizar que tiene que ver con lo grupal, que tiene que ver con, con eso que pasa de un cuerpo al otro slam con ese evento, porque ni que hablar de que se tejían lazos de afecto, de que compartíamos la fiesta, de que compartíamos el espacio, de que nos hacíamos amigos, de que nos hacíamos enemigos (risas), ¿no?, porque bueno, pero bueno, estaba... la, la afectó a la... la afectividad puesta también slam la vida misma, eh, puesta también en esa ocasión de celebración que era el slam. Mmm, bueno, a fi..., a principios del 2012, yo gané una beca de la Universidad Autónoma de Madrid para ir a terminar mi carrera de grado en Literatura en Madrid, así que viaje a Madrid, por la universidad, no por el slam, pero aproveché, dije: "ay", porque España era uno de nuestros referentes también que veíamos por internet. Sabíamos que había slam en Madrid, en Barcelona, mirábamos algunos de los, de los slammers, entonces, bueno, ni bien llegué a, a Madrid, eh, busqué a la gente que hacía slam ahí. Fui recibida muy amorosamente por toda la gente en el slam de España, me invitaron al slam de, de Ciudad Real, me invitaron a Jaén al, a un evento que se hacía que era un slam de, de toda España, donde (sic) se hacía con los chicos de las escuelas secundarias. Me invitaron también al slam nacional que se hizo en la ciudad de Barcelona, muy interesante también. SLAM, bueno, cuando yo volví, volví

muy entusiasmada porque traía las, eh... no sé cuando, yo voy... (risas). Volví muy entusiasmada de, de toda esa experiencia slam, bueno, yo estaba convencida de que teníamos que replicar el sistema de... o, o, bueno, seguir el sistema de reglas que yo había visto funcionando en, en los slams de España, slam, bueno, en el slam que se estaba haciendo acá, mmm, se siguió un poco con la, con la modalidad, eh, que era un poco anómala slam que no seguía exactamente las mismas reglas para elegir al, al mejor poeta, digamos, no lo elegía directamente el público, sino que había jurados designados. Esto, bueno, fue generando discusiones que siempre son saludables (risas) slam, no sé, en algún momento a mí me pareció como que, si, que, que el hecho de seguir las reglas del juego permitía que el slam fuera más autónomo, que se pudiera reproducir en una plaza, en una escuela, en cualquier lugar slam que elegir jurados lo iba convirtiendo en un formato más de espectáculo, no tanto de juego slam más, sí más ligado al espectáculo, incluso por, en los momentos más amargos se llegaba a pensar que era un formato un poco televisivo, ¿no?, esto del, del jurado predesignado evaluando a los poetas. Entonces, bueno, yo en ese momento tomé un poquito de distancia de lo que estaba..., del slam, pero bueno, no de la escena, eh, poética, no de la escena de poesía oral que siguió existiendo slam sigue existiendo en, en Buenos Aires. Eh, seguí diciendo mis, mis poemas en voz alta. Se empezaron a generar otras escenas de slam alternativas. Una de ellas, por ejemplo, por citar una, La justa poética es otro, es la otra escena de slam que no sé exactamente en qué, qué mes precisamente, pero se empezó a hacer otra escena de slam en otro lugar slam empezaron a hacerse, eh, escenas de slam o eventos de slam en, porque, digamos -yo estoy en Buenos Aires, en la capital-, en el Conurbano, o sea, afuera de la, de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Si no me equivoco, el primero fue el que hizo So Sonia, que me olvidé de nombrarla antes, que fue el slam de zona sur, slam empezaron a hacerse distintos slams en el Conurbano. Hoy en día, que estamos en el año 2023, hay en Argentina, en muchas ciudades de Argentina, distintas escenas de slam que se celebran, eh, ahora sí (risas), eh, es el público el que el que decide, pero también es muy interesante porque cada, cada slam también tiene su autonomía para, para ponerle su propia impronta a cómo quiere que se celebre ese, ese juego, ese encuentro. SLAM, por lo que yo pude ver, slam participar también en, en este último tiempo, que es muy rico, que está poblado de, de personas, eh, bueno, mucho más jóvenes que se han incorporado al slam en los últimos años. Han creado nuevas escenas,

creado nuevas modalidades, recuperado algo de la, de la poética que nosotros empezamos a, a llevar adelante, pero también generando contenido slam contenidos slam, slam temáticas slam maneras de decir propias, así que bueno, eso (aplausos) lo, lo celebro slam, slam, slam espero que que sea inmortal. Como decía, eh... el slam aprovechó, vamos a decir, o, o convocó un caldo de cultivo, me gusta decir, una especie de cantera que ya existía en Buenos Aires, donde se practicaba la poesía oral. Eh... no sé si ya nombré, creo que no, a Susy Shock, la poeta trava sudaca, que también es para nosotros un faro, eh, Poroto Riera, también Os gran poeta del slam que ganó, creo que ganó el primer, el primer campeonato, eh, anual, creo que hacíamos como una cosa de campeones, poetas, creo que lo ganó Os, gran poeta también. Bueno, slam encargamos, -esto no lo conté- el primer slam, habíamos agarrado, eh, unos premios para dar, no sé, cosas que teníamos en casa Sebakis slam yo, un libro, un collar, cualquier cosa, eh, vimos ahí unos premios slam, para el segundo, a mí se me ocurrió, yo trabajaba en una escuela acá cerquita, en Chacarita, en un barrio, slam en la esquina de la escuela había un local de mala muerte donde vendían esos trofeos medio de plástico que se dan en los campeonatos de deportes infantiles. Entonces, yo le dije a Sebakis: "vamos a hacer una copa", (risas) que para mí era algo un poco, eh, como un poco ridículo, ¿no?, (risas) mi idea era esa, ¿no? SLAM entonces me dijo: "sí, dale", entonces yo encargué ahí a la mañana, me iba para la escuela, slam encargué una copa que decía: "slam" abajo, ¿no?, entonces la idea era entregársela al, al, al campeón para aumentar esa, ese aura de, de juego que tenía, que tenía todo esto. Eh... así que bueno, así fue como nació la costumbre de las copas, que yo en realidad pensaba inocentemente que iba a encargar una sola copa slam que la íbamos a ir pasando de campeón en campeón slam al slam siguiente, me acuerdo que Sebakis me dijo: "tenés que encargar otra copa", slam yo: "¿cómo otra copa?" (risas). Bueno, la cuestión que empezamos a hacer una copa por mes, cosa que también me pareció divertido, (risas). Así que cuando llegaba, se acercaba la época de slam, yo iba slam encargaba la copa (risas) para el siguiente poeta. Eh, bueno, yo fui publicando, eh, mis libros de poesía. Ya había publicado por Milena Caserola mi primer libro, que se tituló: *Un meteorito puede acabar con el planeta esta misma noche*, slam, eso a principios del 2011. A principios del 2012, publiqué también por Milena Decime que soy linda, que es este librito que tengo acá, con poemas ya pensados para la oralidad, ya escritos al calor del slam. Después, seguí publicando de manera

*independiente, publiqué dos libros de poesía más, uno se titula Normalidad que salió en el 2018, slam en el 2020 saqué Huevos como trabajo poético de mi parte. Eh... saqué también libros de prosa, saqué también de manera independiente un diario que se titula Desembarazarse con posiciones sobre el vacío donde yo cuento una experiencia de, de pérdidas gestacionales que atravecé slam que, bueno, lo publiqué un poco con la idea de abrir el diálogo slam la reflexión sobre estos asuntos. SLAM, publiqué, también, una novela que se titula Animal print, geografía de la metrópolis, donde cuento mis aventuras en España slam hablo también de los de los slams en España (risas) slam de lo que me pasó a mí, ¿no?, eh, viajando por, slam siendo alojada con tanto amor en ese, en ese territorio. SLAM, bueno, el año pasado, en el año 2022 publiqué por editorial Planeta un libro que se titula: Si no fueras tan niña, memorias de la violencia, que son unas memorias de mi adolescencia donde yo cuento un, bueno, mi, mi adolescencia desde los 14 hasta los 21 años, una experiencia de abuso que me tocó vivir en el marco de una institución religiosa new age a la que pertenecía mi familia, que, bueno, fue un acto para mí de, de reparación slam de resiliencia escribirlo slam publicarlo slam, por supuesto, con la intención de que, de que, bueno, de que pueda acompañar procesos slam generar lucidez en relación a estos procesos de abuso slam, también, para colaborar con los acompañamientos de las infancias slam las adolescencias, ¿no?, para preservar las violencias a las que lamentablemente siguen tan expuestas. Así que, bueno, ese es mi recorrido con la, con la literatura. Actualmente, trabajo también como profesora de taller de narración oral en el profesorado donde estudian las maestras, las futuras maestras de Primaria e Inicial. Estoy haciendo, también, eh, bueno, narraciones orales. Dudo un poco porque ahora lo estoy haciendo también por las redes, porque ahora usamos las redes (risas), así que... Eh... hago narraciones slam, bueno, también las sigo haciendo en vivo, que es lo más lindo de todo para poder encontrarnos, para compartir la palabra viviente slam la palabra... sí, la palabra viva, la palabra oral, ¿no?. La palabra que impacta en el cuerpo, que impacta en la otra persona que, eh, bueno, hablé un montón (risas).*

**Meimei Bastos:** Muchas gracias. Ah tengo dos preguntas. ¿Qué, cómo se llama, cómo llamó el primero slam, cómo llamaba, eh, esas otras escenas? ¿En dónde están las otras escenas de slam en Argentina, en Buenos Aires?

**Sol Fantin:** Como, no tenía un nombre, se llamaba Slam de poesía oral. Bueno, ese

era el nombre, pero, digo, se llamaba Slam de poesía oral argentina, porque en aquel momento, bueno, en un gesto un poco porteñocéntrico (risas), no, no, no teníamos noticia de que hubiera otro slam en otro, en otro lugar de Argentina, así que se llamaba Primer slam de poesía oral. SLAM, ¿dónde están, eh, ahora las otras escenas de slam? Bueno, como decía, yo tengo noticia de que, o sea, propiamente slam, no poesía oral en general, propiamente slam hay varias escenas en el, en el Conurbano, en Buenos Aires, aquí en la capital, hay por lo menos dos, pero quizás haya más. SLAM... van surgiendo nuevas en distintas provincias slam distintos territorios. De hecho, hay una organización ahora entre los slams de los distintos lugares de Argentina slam este año me convocaron para hacer, eh, no, no. Sí, este año me convocaron, justamente, para ser jurado del slam. Eh... ¿cómo se llamaba?, del slam nacional, que fue en el mes de agosto del 2022. Porque claro, como era un slam, no, no había recursos para que los poetas viajaran desde las distintas regiones de Argentina, entonces se hacía a través de videollamada. Entonces, los jurados no podían ser meramente el público, tenían que ser previamente seleccionados. Esto fue lo que yo entendí slam a mí, bueno, me hicieron el enorme honor de invitarme a participar como jurado de ese slam. Lo disfruté muchísimo porque escuché poetas, no sé, decenas de poetas de todos, no todos, pero de muchísimos lugares del país, de Argentina, que es muy grande slam salió ganadora la poeta del slam de El Bolsón, en la Patagonia. Así que, bueno, ha crecido, ha crecido slam... Bueno, slam a mí me alegra enormemente este crecimiento para tomar este concepto de, de Deleuze del filósofo Deleuze de manera rizomática, ¿no?, de crecer espontáneamente, de crecer como, como crecen los bosques.

**Meimei Bastos:** ¿Qué piensa, qué espacio es la slam ¿Qué te movimenta?

*Preguntas en portugués.*

**Sol Fantín:** Eh, el, el slam es un espacio de encuentro, es un espacio de exploración de la palabra colectiva, de la palabra común. Hay muy pocos espacios, hoy en día, donde podamos encontrarnos a compartir nuestro lenguaje, nuestra lengua. Lo que tenemos, lo que tenemos para decir, lo que queremos decir, lo que podemos decir. Un... además, es poesía slam la poesía tiene una potencia propia, porque la poesía le da espacio, en la palabra, a lo que todavía no tiene nombre

*porque si yo, por ejemplo, si yo voy a hacer una arenga política, bueno, perfecto. Tengo ideas previas que pensé, probablemente con mi grupo de militancia, slam voy a ir a decir un discurso político. Si yo voy a hacer un sermón religioso, si voy a comunicar, no sé, voy a dar una clase, previamente pensé, estudié para dar esa clase, pero la poesía es lo que nos permite hablar desde el misterio, desde la ignorancia en el sentido de, desde el asombro, desde lo que sospechamos. Darle forma a lo que todavía no tiene forma. Entonces, la poesía es un espacio que tiene que existir (risas). Bueno, yo digo que tiene que existir, ¿no?, existe, existe porque no va a morir nunca, pero digo, tiene la potencia de lo, de lo viviente.*

**Meimei Bastos:** *Gracias, ¿tiene algo más que quiere hablar?*

**Sol Fantin:** *(Risas) Podría estar hablando infinitamente (risas), porque es tan apasionante slam tan emocionante, eh... que, que en una ciudad como esta, tan conflictiva, con tantas diferencias, podamos seguir reuniendonós, más allá de esas diferencias slam, o esforzandonós por superarlas, porque no es que no están, ¿no?, como... Siempre va a haber problemas en relación a la organización, al poder, a las subalternidades, a... bueno a, a la norma, a la heteronorma, la heterocisnorma, por supuesto. Estamos atravesados por todo eso, pero que podamos, eh, digamos, ofrecernos a los encuentros ahí donde el otro sí, me molesta el otro, claro, slam ahí es donde me encuentro slam digo un poema slam el otro dice su poema, slam eh, esa molestia se puede convertir en una fiesta por un rato, ¿no? Eh... bueno, slam para eso estamos vivos, ¿no?, vivas.*

### **Tradução para o português**

**Meimei Bastos:** Sol, vou começar. Seu nome, tudo o que quiser. Sua história, trajetória, como começou com a poesia, slam, o que quiser.

**Sol Fantin:** Bem, meu nome é Sol Fantin, tenho 40 anos. Nasci em Buenos Aires, aqui em Buenos Aires, em 1982, ainda durante a ditadura. Eh, bem, poesia... Eu me interessei por poesia desde que eu era muito, muito, muito, muito pequena. Eu era uma menina muito pequena. Eu gostava da palavra, da, da rima, da palavra que ressoava, que cantava no meu ouvido, era, bom, eu escrevia versinhos. Eh... a

minha, a minha, a minha mãe me ajudava, me ajudava, me ajudava para que os versos saíssem na revista do bairro, pois eu estava sempre nessa, nessa busca. Depois que eu cresci, já adulta, eu estudei para ser professora primária porque eu precisava trabalhar, eu não sabia que isso ia se tornar uma das atividades mais importantes para mim, eu não tinha ideia disso, na verdade eu queria estudar Literatura. Eh... mas parecia uma carreira muito longa, parecia que eu não conseguiria um emprego. Eh... então, bem, eu estudei como professor, trabalho como professor na escola primária, na escola pública do meu bairro há quase 15 anos. E meu trabalho como professora é muito relevante para entender o que aconteceu comigo quando comecei a ter acesso ao palco, à poesia em voz alta - estou pulando um pouco os momentos históricos, mas na minha própria vida -, mas aconteceu comigo quando comecei a dizer poesia em voz alta nos espaços do submundo portenho que no, onde o slam nasceu, no slam, depois que me disseram: "ah, você é atriz" e eu disse: "não, sou professora", porque o professor tem um componente de palco muito importante. Também estudei Literatura na Universidade de Buenos Aires. Consegui fazer isso, me formei e me tornei professora de literatura. Eh... eu estava fazendo um doutorado por um tempo, que não terminei, sobre poesia espanhola do pós-guerra, interessante, alguns anos de treinamento e pesquisa. Mas bem, quando eu tinha 26, 27 anos, estava escrevendo poesia e estava, bem, muito curioso, queria saber como entrar no mundo da literatura, entrar no mundo da poesia, ir a esses lugares onde as pessoas leem poesia, er... publicar, não sei, eu queria... E, bem, cheguei lá, fui, graças às conversas e ao boca a boca, cheguei a espaços alternativos, que em Buenos Aires, felizmente, sempre havia muitos. Eh... eu cheguei na, foi assim que eu cheguei na Pacha, que era um espaço onde a gente encontrava artistas da palavra, poetas, escritores, atrizes, atores, músicos, músicos, um espaço que era um lar para todos nós. Não era um centro cultural, nem um bar, nem.... Era uma casa que todos nós sustentávamos juntos, onde nos encontrávamos para realmente compartilhar nossa arte. Para não incomodar os vizinhos, os recitais e a música eram feitos sem microfone. E é por isso que também não podíamos aplaudir, para não incomodar os vizinhos. Então, quando gostávamos do que tínhamos acabado de ouvir, estalávamos os dedos. E, bem, nesse espaço eu conheci, uh.... bem, poetas. Conheci Diego Arbit, conheci muitos poetas. Conheci o Poesía estéreo, que era uma dupla de poesia oral criada por Sebakis, Sebastián Kirzner, bem, e Diego Arbit, que tinha um formato de dupla



de poesia oral muito interessante: veio de, de um trabalho de pesquisa que Sebakis vinha fazendo com, por meio do YouTube. Ele era um artista que viajava pelo underground, conhecia muitos poetas. Ele mesmo estava fazendo uma, uma antologia de poesia americana, inclusive, uh, dentro da América, dos Estados Unidos, que foi publicada pela, pela editora Milena Caserola, a editora independente Milena Caserola, essa antologia se chama: 2017 nueva poesía contemporánea, se chama 2017, mas o primeiro volume saiu em 2010. Eh... Bem, eu conheci esse trabalho que Sebakis estava fazendo. Publiquei meu primeiro livro de poemas pela editora independente Milena Caserola, meu pequeno livro, cem exemplares, uma tiragem muito pequena, graças ao, ao trabalho de Matías Reck, o diretor da Milena Caserola e, também conheci a FLIA naquela época, a FLIA era, é, porque dizemos que a FLIA é eterna, a Feira do Livro Independente e A, e naquele A, cada um de nós podia completar o que, e cada um, o que mais gostava. R: Argentina, amigo... eh, bem, havia diferentes palavras felizes que acrescentávamos, autogestiva, Feria del Libro Independiente e Autogestiva, mas esse A às vezes aparecia ali entre parênteses, porque cada um podia completar como quisesse. Era uma feira de escritores, produtores que faziam seus próprios livros, editoras incipientes e independentes que se reuniam. Foi organizada de forma totalmente horizontal, em diferentes espaços públicos ou, bem, autogeridos na cidade. E, bem, na FLIA, nessa, nessa casa da Pacha, onde nos reunimos, conheci essa maneira de produzir poesia, de fazer arte, de compartilhar arte que era paralela, digamos, ao mundo acadêmico ou ao mundo convencional, ou ao mundo da arte, digamos, que é orientado por, por critérios de mercado. Isso não foi orientado pelo mercado e, agora, realmente, quero dizer, não havia motivo para lucro, se houvesse, teríamos fracassado completamente (risos). Às vezes eu me pergunto: "Por que fizemos...? - Agora vou lhe contar quando começamos a fazer o slam, certo? mas eu digo: "por que fizemos isso, por que fizemos isso? E às vezes eu digo: "não estávamos buscando lucro". Pessoalmente, acho que não, não estávamos procurando institucionalizar a arte, não estávamos procurando um subsídio, não estávamos procurando.... E eu digo: "estávamos procurando - acho que agora, não acha - e ainda estamos procurando". Digo isso no passado porque estou falando das origens, não porque isso parou de acontecer, certo? Mas naquela época - e, além disso, bem, tenho 40 anos, então sou um pouco nostálgico - mas (risos) ainda está acontecendo, ainda está acontecendo, felizmente, mas quero dizer que naquela

época estávamos procurando outras maneiras de nos vincularmos por meio da arte e, quero dizer, e quando começamos a fazer os primeiros slams, certo, se não, se não quiséssemos ter lucro e não quiséssemos institucionalizar, era uma busca e não era uma busca, uma busca que poderíamos chamar de, nem política, nem no sentido tradicional de política, então, quero dizer. Mas, ao mesmo tempo, era tudo isso. Era e não era; era político, era espiritual, era artístico, mas não era. Então, quer dizer, era poético, era uma busca propriamente poética, lá onde as palavras não bastam, como diz Clarice Lispector, com razão, "a liberdade me parece muito pouca, o que eu procuro ainda não tem nome", uma citação, ah, adaptada por mim. Bom, e aí eu conheci Poesía estéreo, fiquei muito impressionado com o show que Diego Arbit e Sebakis fizeram, de poesia oral, essa dupla de poesia oral e com o que já estava acontecendo nesse espaço que a gente chamava de El Pacha, onde os poetas vinham ler seus trabalhos em voz alta, além de conhecer outro circuito em Buenos Aires, onde também há outros poetas mais velhos do que eu, alguns, outros poetas contemporâneos, alguns mais jovens, que também dizem poesia em ciclos diferentes. Alguns deles vêm, têm uma formação mais ligada ao teatro, ao stand-up, outros leem seus textos, outros, com estilos diferentes, um pouco disso estava acontecendo. Naquela época, estamos falando de abril de 2011, eh, conversando com o Sebakis, ele me conta, Sebastián Kirsner, ele me conta que estava pesquisando pela internet, eh, um formato de, poético, de poesia oral que se chamava slam, poetry slam dos Estados Unidos, eh, ele me mostra o que, o que esses poetas estavam fazendo, ele me conta como funciona. Eu fiquei completamente fascinada, ele me traduziu também. E eu estava completamente fascinado por esse formato de, de jogos, de encontros, em que os poetas questionam o público diretamente, em que a busca é essa, a busca é se conectar com o público, se conectar com o outro, colocar o corpo na poesia e Bem, e então eu disse a Sebakis: "o que estamos esperando para fazer um slam aqui? E, bem, ele me respondeu em um momento: "poetas". E ele pensou sobre isso por algumas horas ou, talvez, uma noite, não sei, às vezes o dia e a noite se confundiam (sic) um pouco naquela época, mas logo depois ele veio até mim e disse: "vamos fazer isso, Buenos Aires está cheia de poetas" e foi assim que, em maio de 2011, convocamos o primeiro slam de poesia oral - até onde sabemos - que foi realizado em Buenos Aires e, bem, fizemos como sabíamos na época, como achávamos melhor, não, não, não, não, não baixamos o manual de regras do slam que existe, que está

pronto na internet, pegamos o que gostamos do que vimos na internet e demos nossa própria impressão pessoal. Era tudo muito, muito selvagem, não era, era sul-americano (risos). Não havia, por exemplo, quero dizer, não havia limite para o número de participantes por, por noite, então as reuniões se estendiam até as primeiras horas da manhã. Acho que uma vez desmaiei em um slam (risos) porque, por causa da exaustão, do calor no final de 2011, eh. Ficamos completamente surpresos, e, e, e, e impressionados. E, e, e, e, e agradecidos e, e alegremente confusos com o caos que apareceu, porque, claro, eles vieram, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu tenho um pouco de medo de, eu, eu tenho um pouco de medo de nomear, certo, porque eu tenho medo de esquecer, certo, mas eu vou nomear algumas pessoas que me vêm à mente como Lucas Fauno, que ganhou, ficou em primeiro lugar no, no primeiro slam que foi realizado em maio de 2011 aqui em Buenos Aires. Eu não me lembro se ele já estava no primeiro, mas eu acho que ele estava, eh, Mana Bugallo, Susy Shock, Poroto Riera, o próprio Mati Reck, que era o, o nosso editor da Milena Caserola, ele também participou, ele também participou do Bom, muitos nomes mais, né, que.... Tinha, bom, Juana Sin Más, Camilo C, naquela época, quem mais, eh, bom, meu, meu, meu, bom... Eu deveria ter preparado a parte sobre os nomes porque... bem, ei, Moni Torres, também os poetas e os poetas, ei... isto é, mais velhos do que nós, do que a nossa geração que está... começando, embora eu não goste muito de falar sobre gerações. Mas, bem, havia, o que quero dizer é que, havia em Buenos Aires... Er, bem, er, Alejandro Verón Díaz. Havia em Buenos Aires uma, uma prática de poesia oral, uh, muito ligada também ao, ao, ao teatro, às práticas teatrais, que, que têm uma trajetória muito longa em nossa cidade e no underground que, de alguma forma, convergem, eles se sentem chamados a esse formato. Esse formato está começando a ser um pouco, eh, digamos, era, tinha uma coisa, como se diz quando você...? provocativa, tinha uma coisa provocativa, que era, nós dissemos, não foi? que estávamos entediados, entediados com as leituras em que o poeta estava sentado à mesa com seu copinho d'água, nós dissemos: "os poetas do copinho d'água", lendo sua poesia para si mesmo, uma poesia íntima que não convidava ninguém, em que todos estavam entediados e, ah, nós queríamos outra coisa, queríamos uma poesia que interpelasse, queríamos uma poesia do, do corpo vivo falando. E, é claro, criamos esse formato de slam que, bem, tem a característica de ser um jogo e, como tal, há uma pontuação, e há um vencedor, e havia um que era o campeão dos poetas, o

que, é claro, era uma piada, não era, um jogo (risos). Mas começaram a aparecer os opositores: "não, isso não é poesia, isso é o que você faz lá". É verdade, era bem caótico. Uma vez veio um com uma cobra, por exemplo (risos). Outro veio uma vez e, nos três minutos que ele tinha para declamar, dançou flamenco, eu me lembro. Em outras palavras, era um espaço de grande liberdade e experimentação. E havia, como eu estava dizendo, os detratores do mundo da, da literatura ou da poesia que tinham dois tipos de argumentos, não é? Por um lado: "isso não é poesia" e, por outro lado, havia também muito ressentimento pelo fato de haver um vencedor. Eles diziam: "ai, ai", mas como se fosse um espaço competitivo, o que para mim, pessoalmente, parecia bastante paradoxal, porque, na verdade, nós, em nosso espaço, dávamos lugar a qualquer um que quisesse vir e participar, enquanto que para ler nos espaços supostamente não competitivos dos poetas do copinho d'água, era preciso ser amigo de não sei quem, porque até muito tempo depois, eu nunca tinha sido convidado (risos). Eram círculos muito fechados e era preciso fazer muito lobby para ter acesso a isso, a esse circuito em que havia um tapete vermelho, por assim dizer (risos), e a pessoa era ouvida por um público pequeno, talvez sonolento, mas certamente muito intelectual. Ah... como me expressei mal! Mas esse era o espírito, não era? Digo tudo isso, um pouco, um pouco brincando, porque, porque é claro que cada expressão artística tem seu espaço e sua razão de ser e, e também as apresentações e leituras tradicionais de poesia são lindas, mas bem. Naquela época, criamos algo que não existia, que não... que não existia, nucleado; existia, uh, como eu disse, disperso; existia disperso na parte de baixo, era praticado, era apreciado, mas não tinha aquela, a, a Evidentemente, funcionava. Era necessário reunir as pessoas, porque é por isso que transbordava de gente, digamos assim. Por isso que a gente veio todo mundo veio, mesmo aqueles que não queriam saber de nada, ainda assim vieram para dizer se era um poema... certo? Então, com a desculpa do, com a desculpa do, do jogo, de participar, de ouvir, de, de ouvir um ao outro. Bem, parece-me, ainda estou convencido disso, que era uma proposta, o oposto de exclusiva e fechada, certo? Aberta, que poderia ser replicada em qualquer espaço, em qualquer lugar, certo? Eh, bem, isso foi o início do, do slam. Também começou a gerar uma espécie de escola poética porque íamos todos os meses e então começou a acontecer de você querer trazer o melhor poema, então você passava o mês inteiro escrevendo seu poema para (risos)... Não os dizíamos de memória, como em outros lugares do mundo, nós os líamos. Mas. alguns de nós os

dizíamos de memória, mas não era a coisa mais comum, a coisa mais comum era lê-los com nossos lençóis, ou às vezes, ainda não tanto, com nossos celulares, alguns de nós com nossos celulares. Eu tinha um netbook, um pequeno computador, e lia em meu pequeno computador e... Passamos o mês inteiro preparando o poema, não foi, para, para chegar a esse dia e, e para deslumbrar nossos próprios amigos, foi muito divertido, nossos colegas de classe, ver.... E um também estava curioso para saber o que o outro tinha trazido, não é? É verdade que havia muito humor, também, que também éramos (sic) muito criticados. É muito interessante como o humor, eh, sempre tende a ser relegado no sistema literário, a gêneros menores. Também não gostávamos, os argumentos que eram apresentados eram, bem, que os participantes diziam qualquer coisa para fazer as pessoas rirem a fim de ganhar o aplauso do público, que não era muito sério, não era muito profundo, bem, todas essas coisas (risos) que, francamente, nos davam mais, mais incentivo para continuar fazendo, certo, é claro (risos). Então, como eu estava dizendo, foi criada uma escola de estilo. Também é verdade, outra crítica que começou a aparecer algum tempo depois, é que os poetas do *slam*, é como se estivéssemos nos repetindo um pouco ou, ou tivéssemos algumas maneiras semelhantes de dizer as coisas, mas isso era, para mim é, é, antes de tudo é inevitável, é inevitável quando há trabalho coletivo, trabalho coletivo de verdade, é claro, estávamos aprendendo uns com os outros, pegando recursos, criando recursos. Então, se um poeta aparecesse e fizesse algo que o público tivesse gostado ou que eu tivesse gostado e, bem, eu mais tarde (risos) pegasse algo desse poeta, então, bem, um certo estilo era gerado. E, bem, a ideia de que um escritor tem de produzir uma obra completamente singular, discutindo com obras anteriores, inovando, é uma ideia muito acadêmica, eu diria. Parece-me que a cultura popular - vou usar esse termo, porque não consigo pensar em outro melhor - parece-me que a cultura popular está intimamente ligada à oralidade, porque, embora leiamos, leiamos em voz alta e os textos tenham sido concebidos para a oralidade em geral, eles não foram publicados anteriormente, portanto, essa cultura, como eu disse, a cultura oral popular, tem mais a ver com um estilo coletivo. O estilo não é tão individual, porque o que estamos criando é uma forma de poetizar que tem a ver com o grupo, que tem a ver com, com aquilo que passa de um corpo para outro e com aquele evento, porque não é preciso dizer que foram tecidos laços de afeto, que compartilhamos a festa, que compartilhamos o espaço, que nos tornamos

amigos, que nos tornamos inimigos (risos), certo? porque bem, mas bem, foi... a, afetou a... a afetividade que também foi colocada e a própria vida, eh, também colocada naquela ocasião de celebração que foi o slam. Mmm, bem, de qualquer maneira..., no início de 2012, ganhei uma bolsa da Universidade Autónoma de Madrid para ir terminar a minha licenciatura em Letras em Madrid, então viajei para Madrid, para a universidade, não para o slam, mas aproveitei, falei: “ah”, porque a Espanha também foi uma das nossas referências que vimos na internet. A gente sabia que tinha slam em Madrid, em Barcelona, a gente assistiu alguns dos, dos slammers, então, bom, assim que eu cheguei, em Madrid, né, eu procurei as pessoas que fizeram slam lá. Fui recebido com muito carinho por todas as pessoas do slam da Espanha, me convidaram para o slam de, em Ciudad Real, me convidaram para Jaén, para um evento que era para ser um *slam* de, de toda a Espanha, onde (sic) Foi feito com crianças do ensino médio. Também me convidaram para o slam nacional que aconteceu na cidade de Barcelona, que também foi muito interessante. E, bom, quando eu voltei, voltei muito animado porque trouxe o, né... não sei quando, eu vou... (risos). Voltei muito entusiasmado com toda aquela experiência e, bem, estava convencido de que tínhamos que replicar o sistema de... ou, ou, bem, seguir o sistema de regras que eu tinha visto funcionando, nos slams na Espanha., e, bom, no slam que estava sendo feito aqui, mmm, eles continuaram um pouco com a, com a modalidade, né, que foi um pouco anômala e que não seguiu exatamente as mesmas regras para escolher o, o melhor poeta, digamos, não foi eleito diretamente pelo público, mas foram nomeados júris. Isso, bom, foi gerando discussões sempre saudáveis (risos) e, sei lá, em algum momento me pareceu que, sim, que seguir as regras do jogo permitia que o slam fosse mais autônomo, que poderia ser reproduzido numa praça, numa escola, em qualquer lugar e que a escolha dos júris estava a transformá-lo num formato mais espectáculo, não tanto um jogo e mais, mas mais ligado ao espectáculo, mesmo para, nos momentos mais amargos. pensava-se que era um formato meio televisual, né? Isso, do júri pré-designado que avalia os poetas. Entonces, bueno, yo en ese momento tomé un poquito de distancia de lo que estaba..., del slam, pero bueno, no de la escena, eh, poética, no de la escena de poesía oral que siguió existiendo slam sigue existiendo en , em Buenos Aires. Ei, eu continuei dizendo meus poemas em voz alta. Outras cenas alternativas de slam começaram a ser geradas. Uma delas, por exemplo, para citar uma, The Poetic Joust é outra, é a outra cena de slam que

não sei exatamente em que, em que mês exatamente, mas outra cena de slam começou a ser feita em outro lugar e eles começou a ser feito eh, cenas de slam ou eventos de slam em, porque, digamos - estou em Buenos Aires, na capital -, no Conurbano, ou seja, fora da, da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Se não me engano, o primeiro foi o que a So Sonia fez, que esqueci de falar antes, que foi o slam da zona sul, e começaram a ser feitos diferentes slams no Conurbano. Hoje em dia, já que estamos no ano de 2023, tem na Argentina, em muitas cidades da Argentina, diferentes cenas de slam que se celebram, eh, agora sim (risos), eh, é o público que decide, mas também é muito interessante porque cada, cada slam também tem a sua autonomia para, para deixar a sua marca na forma como quer que aquele jogo, aquela partida seja comemorado. E, pelo que pude ver, e também participar, nos últimos tempos, é muito rico, que é habitado por, bem, pessoas muito mais jovens que aderiram ao slam nos últimos anos. Eles criaram novas cenas, criaram novas modalidades, recuperei um pouco da poética que começamos a levar adiante, mas também gerando conteúdos e conteúdos e, e temas e formas de dizer os nossos, tão bem, que (aplausos) eu celebro e, e eu espero que seja imortal. Como eu disse, né... o slam aproveitou, digamos, ou, ou convocou um criadouro, gosto de dizer, uma espécie de pedreira que já existia em Buenos Aires, onde se praticava poesia oral. Eh... não sei se já nomeei, acho que não, Susy Shock, a poetisa trava sul-americana, que também é um farol para nós, né, Poroto Riera, também o grande poeta do slam que venceu, acho que ele ganhou o primeiro, o primeiro, né, campeonato anual, acho que a gente fez uma coisa como campeões, poetas, acho que o Os ganhou, um grande poeta também. Bem, e nós pedimos, - eu não contei isso - o primeiro *slam*, tínhamos pegado, eh, alguns prêmios para dar, não sei, coisas que Sebakis e eu tínhamos em casa, um livro, um colar, qualquer coisa, né, a gente viu lá uns prêmios e, na segunda, me ocorreu, eu trabalhava numa escola aqui perto, na Chacarita, num bairro, e na esquina da escola tinha um lugar decadente onde vendiam aqueles troféus semi-plásticos que ocorrem em campeonatos esportivos infantis. Então eu falei para o Sebakis: “vamos tomar um drink”, (risos) o que para mim foi uma coisa meio, né, meio ridículo, né? (risos) a minha ideia foi essa, né? E aí ele me disse: “sim, vamos lá”, então eu pedi lá de manhã, estava indo para a escola, e pedi um copo que dizia: “bate” embaixo, né?, então a ideia foi dar isso para, para, para, para o campeão aumentar isso, aquela

aura de, do jogo que ele tinha, que tudo isso tinha. Eh... tão bom, foi assim que nasceu o costume das taças, que na verdade pensei inocentemente que ia pedir uma única taça e que íamos passar de campeão para campeão e para o próximo slam, Lembro que Sebakis me disse: “você tem que pedir outra bebida”, e eu: “gosta de outra bebida?” (risos). Bom, o negócio é que começamos a fazer um drink por mês, o que eu também achei engraçado (risos). Então quando chegava, aproximava-se a hora do slam, eu ia pedir a xícara (risos) para o próximo poeta. Eh, bem, eu estava publicando, eh, meus livros de poesia. Eu já havia publicado meu primeiro livro de Milena Caserola, que se chamava: Um meteorito pode acabar com o planeta esta noite, e isso foi no início de 2011. No início de 2012, publiquei também por Milena Decime que soy linda, que é esse livrinho que tenho aqui, com poemas já pensados para a oralidade, já escritos no calor do slam. Depois continuei publicando de forma independente, publiquei mais dois livros de poesia, um chamado Normalidad que saiu em 2018, e em 2020 lancei Huevos como minha obra poética. Eh... Também publiquei livros em prosa, também publiquei de forma independente um jornal intitulado Livrando-se de posições no vazio onde conto uma experiência de, de perdas gestacionais que passei e, bom, publiquei um pouco com a ideia de abrir o diálogo e a reflexão sobre essas questões. E também publiquei um romance chamado Animal print, geografia da metrópole, onde conto sobre minhas aventuras na Espanha e também falo sobre os slams na Espanha (risos) e o que aconteceu comigo, né?, é, viajando, e estar alojado com tanto amor naquele, naquele território. E, bom, no ano passado, em 2022, publiquei um livro pela editora Planeta que se chama: Se você não fosse uma menina, memórias de violência, que são memórias da minha adolescência onde conto uma, bem, minha, minha adolescência dos 14 aos 21 anos, uma experiência de abuso que tive que viver no âmbito de uma instituição religiosa new age à qual pertencia a minha família, o que, bem, foi para mim um ato de reparação e resiliência para escrevê-lo e publicá-lo isso e, claro, com a intenção de que, bem, que possa acompanhar processos e gerar lucidez em relação a esses processos de abuso e, também, colaborar com o apoio à infância e adolescência, certo??, para preservar a violência aos quais, infelizmente, permanecem tão expostos. Então, bem, essa é a minha jornada com a literatura. Atualmente, também atuo como professora de oficina de narração oral no corpo docente onde estudam professores, futuros professores do Ensino Fundamental e Inicial. Também estou fazendo narrações orais. Hesito um pouco porque agora



estou fazendo também pelas redes, porque agora a gente usa as redes (risos), então... Eh... eu faço narrações e, bom, também continuo fazendo ao vivo, o que O mais lindo de tudo é poder nos encontrar, compartilhar a palavra viva e a palavra... sim, a palavra viva, a palavra oral, né? A palavra que impacta o corpo, que impacta a outra pessoa que, né, falei bastante (risos).

**Meimei Bastos:** Muito obrigada. Ah, eu tenho duas perguntas. Como foi chamado, qual foi o nome do primeiro slam, qual foi o nome daquelas outras cenas? Onde estão as outras cenas de slam na Argentina, em Buenos Aires?

**Sol Fantin:** Tipo, não tinha nome, chamava-se Spoken Poetry Slam. Bom, esse era o nome, mas, quer dizer, chamava-se Slam de poesia oral argentina, porque naquela época, bom, num gesto meio portenho de Buenos Aires (risos), não, não, não tínhamos notícias de que havia foi outro slam em outro, em outro lugar da Argentina, por isso foi chamado de Primeiro Slam de Poesia Oral. E onde estão as outras cenas de slam agora? Bom, como eu disse, tenho uma notícia que, ou seja, slam propriamente, não poesia oral em geral, propriamente slam tem várias cenas nele, no Conurbano, em Buenos Aires, aqui na capital, tem pelo menos duas, mas talvez haja mais. E... novos estão surgindo em diferentes províncias e diferentes territórios. Na verdade, existe agora uma organização entre os slams nos diferentes lugares da Argentina e este ano me chamaram para fazer, eh, não, não. Sim, esse ano me chamaram, justamente, para ser jurada de Slam. Eh... como se chamava?, do slam nacional, que foi no mês de agosto de 2022. Porque claro, como era um slam, não, não havia recursos para os poetas viajarem das diversas regiões do país. Argentina, então foi feito por videochamada. Assim, os júris não podiam ser apenas públicos, tinham que ser previamente selecionados. Foi isso que entendi e, bom, me deram a enorme honra de me convidar para participar como júri daquele slam. Gostei muito porque ouvi poetas, sei lá, dezenas de poetas de todos, não de todos, mas de muitos lugares do país, da Argentina, que é muito grande e o poeta do slam de El Bolsón, na Patagônia, venceu. Então, bem, cresceu, cresceu e... Bem, e estou feliz enormemente esse crescimento para tirar esse conceito do Deleuze do filósofo Deleuze de forma rizomática, né?, de crescer espontaneamente, de crescer como, como crescem as florestas.

**Meimei Bastos:** O que você acha, em que espaço está o slam, o que te move?

**Sol Fantin:** Eh, o slam é um espaço de encontro, é um espaço de exploração da palavra coletiva, da palavra comum. São poucos os espaços, hoje, onde nos podemos encontrar para partilhar a nossa língua, a nossa língua. O que temos, o que temos a dizer, o que queremos dizer, o que podemos dizer. A... além disso, é poesia e a poesia tem uma potência própria, porque a poesia dá espaço, na palavra, ao que ainda não tem nome porque se eu, por exemplo, se vou fazer uma arenga política, bom perfeito. Tenho ideias anteriores que pensei, provavelmente com o meu grupo de militância, e vou fazer um discurso político. Se vou fazer um sermão religioso, se vou me comunicar, não sei, vou dar uma aula, pensei antes, estudei para dar essa aula, mas a poesia é o que nos permite falar do mistério, da ignorância no sentido de, do espanto, daquilo que suspeitamos. Dê forma ao que ainda não tem forma. Então a poesia é um espaço que tem que existir (risos). Bom, eu falo que tem que existir, né, existe, existe porque não vai morrer nunca, mas eu digo, tem o poder do, do vivo.

**Meimei Bastos:** Obrigada, Sol! Tem mais alguma coisa que você queira falar?

**Sol Fantin:** (Risos) Eu poderia falar sem parar (risos), porque é tão emocionante e tão emocionante, né... que numa cidade como essa, tão conflituosa, com tantas diferenças, a gente possa continuar se encontrando, além dessas diferenças e, ou se esforçando para superá-los, porque não é que eles não estejam aí, né?, tipo... Sempre haverá problemas em relação à organização, ao poder, às subalternidades, a... bem, à norma, ao heteronorma, heterocisnorma, é claro. A gente está passando por tudo isso, mas que a gente pode, né, digamos assim, se oferecer para encontros onde o outro, sim, o outro me incomoda, claro, e é aí que eu me encontro e digo um poema e o outro diz o poema dele, e eh, esse aborrecimento pode virar festa por um tempo, né? Eh... bem, e é para isso que estamos vivos, certo?

### ***Slammasters Brasil***

Durante a pesquisa busco por trabalhos que tratem sobre *slam*. Em português encontro alguns artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações. Leio tudo que encontro. A maioria dessas produções acadêmicas, para não dizer todas, tratam de experiências vivenciadas entre o eixo Rio- São Paulo e eu ficava me

perguntando: onde estão os trabalhos que falem sobre as comunidades que estão fora desse eixo? Outra vez um eixo atravessando meu peito? Bem, essas entrevistas que compartilharei a seguir partiram dessa indignação. Entrei em contato com as organizadoras e organizadores de *slam* pelo WhatsApp. Com alguns eu já tinha falado e explicado sobre a pesquisa e o desejo de falar das demais comunidades presencialmente, durante a *Slam* BR de 2023 que ocorreu em Itabira, Minas Gerais. Encaminhei as perguntas e o uma orientação que dizia assim: antes de responder as perguntas, por favor, se presente, diga seu nome, Estado e de qual comunidade participa. Se tiver algo que você desconheça ou não queira falar, não se sinta pressionado. Responda somente o que você quiser e se sentir confortável.

O que foi compartilhado comigo pode ser lido e ouvido é pra já!

#### PERGUNTAS:

1 - Em que ano a *slam* surgiu no seu Estado? E a sua comunidade, se não for a única, quando nasceu? Me conta um pouco da história da *slam* no seu território! (Qual o nome da primeira comunidade, quem organizava, por exemplo.)

2 - Alguma comunidade de *slam* do seu Estado já sofreu algum tipo de repressão policial, perseguição ou criminalização? Me conta!

3 - Alguma comunidade recebe ou já recebeu algum tipo de recurso financeiro ou apoio? Seja do Estado ou da iniciativa privada.

4 - Existem comunidades com formatos diversos como *slam* apenas para mulheres, pessoa trans, surdas, apenas com poemas curtos ou características do tipo? Se sim, como chamam e existem desde quando?

5 - No seu Estado tem interescolar? Como chama?

6 - Qual ou quais gritos de guerra do seu Estado você acha mais bonito ou diferente ou interessante. Enfim... Qual o grito de guerra da sua comunidade?

7 - Tem algo sobre a cena da *slam* no Brasil ou sobre *slam* no todo que não foi perguntado e você gostaria de falar? Abra seu coração!

Meu prazo está curto, mas tou ligada do corre que enfrentamos diariamente. Por isso, não quero te apressar. Para facilitar para você pode me mandar as respostas

por áudio que depois transcrevo.

Desde já te agradeço imensamente pela contribuição.

## AMAZONAS - WILLDERO

Olá, saudações! Aqui quem fala é o Willdero, poeta *slammer*, do estado do Amazonas. Meu *slam* é o MHC, que leva o nome do meu próprio projeto cultural de hip hop, Movimento Hip-Hop e Crews. Criamos um *slam* dentro desse projeto, disseminando e realizando eventos em vários cantos da cidade de Manaus. O *slam* aqui no estado do Amazonas nasceu através da poetisa Laís e da Zaff, em 2018 e 2019. Convidei-a para participar do nosso projeto cultural, envolvendo uma Batalha de *slam*, e me envolvi desde então, em 2019. Desde então, não paramos mais e já criamos o *slam* MHC dentro do nosso projeto cultural.

Minha história começou lá, e desde então não consegui mais parar de escrever. Foi algo muito impactante para mim, me trouxe muita alegria e me libertou de muitas dores através das letras, das poesias, e de tudo que conquistei ao conhecer outros poetas e novas pessoas. Foi algo muito libertador, satisfatório e emocionante para mim. Poder ter conhecido o *slam* em 2019 foi marcante, e desde então não parei mais, realizando projetos, parcerias e apresentações em vários locais.

Com relação à comunidade, já recebemos algum tipo de recurso financeiro ou apoio, seja do estado ou da iniciativa privada? Geralmente, procuramos recursos por meio de nossos próprios esforços. Porém, existem editais de incentivo à cultura, e nós procuramos nos envolver com eles. Ao longo do tempo, temos tido sucesso com esses editais. Sou muito grato a Deus por ter conhecido essas oportunidades. Já consegui conquistar dois editais através do *slam*. Ganhei três, na verdade. O primeiro foi um edital da prefeitura, onde apresentei quatro poemas regionais. O segundo foi o Slam AM Festival *Slam* AM, que reuniu vários *slams* do estado do Amazonas. E, por fim, um edital onde apresentei uma oficina de *slam* em uma escola.

Quanto à diversidade de formatos de *slam*, como apenas para mulheres, ou trans, ainda estamos começando e tentando expandir essa vertente. Temos várias ideias e projetos para realizar no futuro. No entanto, até agora não realizamos eventos tão

específicos. Estamos no começo da caminhada, tentando introduzir essa diversidade em cada Batalha de *slam*.

Com relação à cena do *slam* no Brasil, venho acompanhando sua evolução desde 2019. Já oferecemos oficinas de *slam* e estamos tentando expandir ao máximo essa arte. É incrível ver o crescimento da cena, conquistando poetas de diferentes perfis. Aqui no Amazonas, estamos abertos a aprender e a continuar fortalecendo e disseminando a cena do *slam*. É algo que me identifiquei muito e que continuarei apoiando com todas as minhas forças.

Adoro fazer *slam* e vejo um futuro promissor para essa cena aqui no Amazonas. Com nosso empenho, parcerias e apoio, tenho certeza de que continuará crescendo e se fortalecendo. Desejo todo o sucesso em seu trabalho.

## ESPÍRITO SANTO - JOÃO MARTINS

Então, vamos lá. Meu nome é João João Martins. Sou de Vitória, Espírito Santo, e faço parte do *slam*. Então, aqui no Espírito Santo, o *slam* chega no final de 2015. Iniciam ali em 2016. O primeiro registro que temos de um evento de uma competição de *slam* aqui no estado é no final de 2015.

A primeira comunidade de *slam* que surgiu aqui foi o *Slam Botocudos*. Quem organizava era o John Conceição, um dos pioneiros no estado. Ele organizou o primeiro *slam* e a primeira competição estadual também. Desde então, desde 2016, o *slam* foi se propagando e crescendo aqui no Espírito Santo.

O *Slamigo*, a comunidade da qual represento e faço parte, surgiu em 2019. Com uma proposta de ser mais voltado para a temática do amor, com textos mais íntimos. Percebemos que alguns *slams* aqui no estado não aceitavam bem certos tipos de texto, mas queríamos um espaço para falar de outras coisas, sem deixar de lado a militância. Para nós, o amor é nossa maior forma de resistência, nossa maior arma.

Respondendo à segunda pergunta, sim, algumas comunidades já sofreram ataques e pressão policial. Alguns poetas até hoje respondem por coisas que aconteceram em *slams*. Um exemplo foi o caso do Jucly, um poeta nosso que foi detido após

recitar no ônibus. Outro episódio marcante foi a interdição policial em um evento do *Slamiza*, um coletivo de mulheres e pessoas LGBT.

Nos últimos dois anos, o *Slamigo*, *Via Slam* e *Slam Bom Pastor* conseguiram acessar recursos de fomento à cultura através de editais. Além disso, uma organização social tem colaborado com apoio financeiro e realizando encontros mensais para estudo.

Existem várias comunidades de *slam* aqui, como o *Slamigo*, *Slamismo*, *Islã Marielle*, e *Slam Ariele*, que realizam edições temáticas e inclusivas. Em relação ao interesse escolar, realizamos ações em escolas e planejamos expandir esse trabalho.

Sobre os gritos, destaco o grito do *Slamigo* que fala sobre aquecer os corações e amor correspondido, e o grito do *UF Slam*, que acontece na universidade, abordando temas sociais e de luta pelo futuro.

Às vezes, falta mais integração entre as comunidades de *slam*. Precisamos compartilhar experiências e evoluir de forma conjunta, deixando de lado o ego. O *slam* é um organismo vivo que se regenera e multiplica, e precisamos fortalecer esse vínculo entre poetas.

Espero ter contribuído com seu trabalho. Se precisar de mais informações ou complementações, estou à disposição.

#### GOIÁS - JORDAN BEATRIZ

Olá, meu nome é Jordan Beatriz, sou de Goiânia, Goiás. Organizo o *slam Falatu* juntamente com Akiraká, que é o nosso *slam*. Surgiu no começo de 2018 e na época pesquisamos para saber se já tinham *slams* ativos em Goiânia. E aí soubemos que mais ou menos em 2016 aconteceram 2 eventos, que foram o *Slam da Caixa* e o *Slam do Zé Ninguém*, se não me engano. O *Slam da Caixa* é organizado pelo Wilton Scafundrista e o *Zé Ninguém* pelo Wallace Neto, mas ocorreram de forma pontual. Em 2018, eles já não estavam mais ativos. Então o *Slam Falatu* foi o primeiro em Goiânia, na região metropolitana, que passou a acontecer de forma regular, com uma edição por mês.

A cena de *slam* aqui em Goiás ainda é muito jovem. Em 2023, foi a primeira vez que nós participamos do *Slam BR*, conseguimos mandar um representante através do nosso primeiro campeonato estadual. Então, ainda estamos conhecendo as outras comunidades. Sobre o slam Falatu, nunca sofremos nenhum tipo de repressão por parte da polícia. Em muitas edições, tivemos a presença da polícia militar, passando, dando uma olhada e tal, mas eles nunca chegaram a intimidar ou tentar acabar com o evento. Mas imagino que nas comunidades de Valparaíso isso possa já ter acontecido. Seria interessante conversar com Sky Blues, do *Slam do Céu*, porque lá eu acredito que a cena é um pouco mais tensa.

Quanto a incentivos financeiros, realizamos uma edição especial do *SlamFalatu* no ano passado, que foi através da lei municipal de incentivo aqui de Goiânia. E imagino que o *Slam do Céu* também já deve ter recebido apoio em algumas das edições deles. Atualmente, estamos com um projeto para esse ano que é fazer as 4 edições seletivas e mais a segunda edição do nosso campeonato estadual. E conseguimos um recurso através da Lei Paulo Gustavo para realizar essas edições. Quanto às outras comunidades, não sei se já receberam recurso financeiro desse tipo.

Quanto ao slam com essas propostas mais específicas, não conheço nenhum até o momento, até porque, como disse, nossa cena ainda é bem jovem. Temos o *Slam Resistir*, organizado pela Beatriz Ohhana, que é um slam itinerante e acontece em várias cidades diferentes aqui do estado. No ano passado, nós do *Slam Falatu* organizamos pela primeira vez uma edição fechada somente para pessoas trans. E estamos com o projeto de começar esse ano outra comunidade de slam, que seria o *Trans Slam Goiano*, mas esse projeto ainda não está ativo.

Aqui em Goiás ainda não temos o interescolar, mas nós, do coletivo Café com Chá, temos um projeto que é o *Slam Ensina*, no qual vamos até as escolas e fazemos uma oficina com os alunos, passando pela história do *slam*, como funciona a organização do *slam*, quais são as regras, como se organizam os *slams*. E no final, fazemos um *slam* com os alunos que estão presentes. E nessas visitas, sempre incentivamos os alunos a iniciarem, de começarem a fazer os *slams* nas escolas e

espalharem esse projeto por aí. Estamos com a esperança de que isso ainda dê frutos num futuro próximo, mas até o momento ainda não aconteceu.

E temos o grito do *slam*, falo tu, que eu gosto bastante, no qual o poeta chega, fala o nome dele, por exemplo, Jordan Macasza, e aí toda a plateia grita, fala tu. Acho bonito porque é o público dando a voz pro poeta, né? Eu sou suspeito para falar, acho que é o grito mais bonito que tem no estado.

## RIO GRANDE DO NORTE - ANDRÉ

Meu nome é André Lima da Silva, tenho 23 anos e moro na favela de Mãe Luiza, em Natal, RN. Sou organizador do *slam* RN e também do *Slam no Mirante* que acontece aqui em Mãe Luiza. Sou um homem negro e trans. O ano em que o *slam* surgiu no RN foi em 2018, através do *Slam Mossoró*. O que acontece em Mossoró? Eles foram os primeiros a enviar alguém para o *slam* nacional, o *Slam BR*. Em 2019, pela primeira vez, aconteceu aqui em Natal, não através de uma rima central, mas os pioneiros foram do *Slam Mossoró*. E aqui em Natal, em 2019, através da rima central, né? Hoje, temos várias batalhas espalhadas, junto com as batalhas de rima. A rima central era organizada pela Preta Sul, Mac, Naide e Felipe. Atualmente, a Preta Sul está mais focada em sua carreira fora da organização, enquanto o Maquinai e o Felipe ainda estão na organização da rima central. Até agora, não houve nenhum incidente de violência significativa no *slam* estadual. Esse ano, conseguimos um recurso da FIT para o *Slam no Mirante* que acontece aqui na favela de Mãe Luiza, onde moro. Mas as outras? Até agora, nenhuma conseguiu realmente um recurso do estado por meio de edital. Não, ainda não existem categorias específicas para pessoas trans ou mulheres? Na verdade, existe o para mulheres, que é o Visual das Minas, que foi o primeiro. Nele, temos o Batalha das Minas e o *Slam das Minas*, que é o único que temos aqui em Natal. Eu acho que é o único também no RN, que é o Visual das Minas. O Batalha das Minas, que é feita pela mesma organização. Mas para trans, ainda não temos. Mas é um desejo, algo que já foi comentado e conversado. Não por enquanto, no momento não temos interesse escolar, mas é algo que no final do ano passado discutimos bastante. Cada vez que temos uma experiência, voltamos, né? Como as pessoas querendo ajudar na organização, né? Tem muita gente que compete, tem muita gente que é



*slammer*, mas *slammer*, sim, a gente também tem poucos, mas cada pessoa que vota já volta com esse sentimento de querer construir, entende? Então, o grito de guerra assim, que é o que eu acho bonito assim? Que é o pioneiro daqui, né? Do Rio Grande do Norte, que é *Slam RN*. Solte sua voz, né? Então, acho que vai ser sempre, vai ser sempre o mais bonito. Sobre o que eu queria falar, do Isaac, pô, tem um potencial imenso da forma que foi criado, né? Pela forma que foi criado, para dar atenção às letras, à mensagem. Então, daí a gente já vê que tem uma seriedade. Quando a gente está ali no meio falando, a gente tem que ter algo pra falar, tem que ter um conhecimento, tem uma responsabilidade, entende? Então, ser *slammer* é mais do que só pegar um papel e caneta e escrever uma poesia, saca? Realmente, é uma missão, é você está salvando vidas, sabe a sua e a de quem está ouvindo? Então. Você tem algo pra falar que é uma cultura que ainda tem muito a crescer, eu falo nisso no Brasil todo, pois temos alguns locais que são. Paulo que foi o pioneiro, né? No Brasil, começou. Rio de Janeiro tem muita força e eu espero muito que se espalhe. Quer um local que realmente um local é o verdadeiro local de fala da gente, sabe? Mais do que entretenimento, mais do que uma ter uma batida ali realmente tem um local de fala ali, pessoas realmente que vão te ouvir e vão se identificar. Então espero que mais e mais pessoas tenham essa experiência, que é realmente única. Não é, e.

#### SANTA CATARINA - CHAIANE

Chaiane, de Santa Catarina, da organização do *Slam Cruz e Souza*. Respondendo à primeira pergunta: aqui em Santa Catarina já existiam, né? Existiam jornais de seis coletivos de *slam*, não tenho essa informação de qual foi o primeiro, mas depois da pandemia de 2019 e 2020, a cena meio que adormeceu. Assim, os coletivos acabaram adormecendo. Assim, não existiam mais. Daí o Cruz de Souza surgiu. Em abril de 2022, a gente foi na primeira edição. E daí, posteriormente a isso, a gente começou a construir as leis estaduais e retomar a lesão estadual, onde a gente conseguiu surgir, quais os seletivos, né? Então as outras e são usar. Ainda há um evento inerente onde a gente, a região, não é uma ilha, então a gente acaba tendo diversos territórios da ilha. A gente não tem um espaço fixo, né? A gente é itinerante, surgiu daí, vai fazer dois anos. E a gente faz as edições todo o último domingo do mês por conta de uma questão do território, né, último domingo do mês o existe, né?

Tarifa zero. Então que não tem passagem de ônibus, então os quartos e quem vai assistir consegue se locomover sem pagar o transporte público, né? Então essa é uma por isso que a gente decide estar fazendo no último domingo de todo mês. Respondendo à pergunta do ex, é aqui no estado a gente não tem? Não tenho esse tipo de situação, pelo menos não relatada, não é de criminalização ou repressão policial, não coisas só com as batalhas. Sou respondendo à resposta. Sobre recurso financeiro a gente já a gente fez a autogestão, não é? Então a gente faz política financeira, a gente vende adesivo. A gente arrecada dinheiro para essas vendas de materiais que a gente produz? Então a gente faz solicitação financeira para o sindicato, folha ouro, ofício, mais de incentivo público, a gente nunca recebeu nenhum tipo de financiamento assim, mas nesses setores que acaba a gente faz uma solicitação. Então hoje, o Daniel de Florianópolis, assim região. É, a gente tem os ingleses, são todos eles abertos, em sua maioria, a gente vai ter especificidades. Os demais os anos da gente, do xodó que essa poesia de amor. E os demais são tudo verso livre, não é? E tem as opções temáticas. Na realidade, não é. O Cruzeiro já fez a edição só de mulheres, daí era uma edição só de mulheres, já fez. Geralmente em junho a gente faz o mês da visibilidade, aí já vou ter que abrir mais. Geralmente a gente dá preferência para as pessoas pretas, mas daí são leitos, sonhos, né? Que são temáticas. Em sua maioria, todos são versos livres. Perguntar 5 a gente não tem Inter escolar? A gente começou como a gente começou em 2022. A gente faz algumas intervenções práticas em escolas, tentando ainda construir um interescola assim. Então, ainda não existe o interescolar, porque é muito forte, ainda está caminhando para os curtos, assim, sobre o interescolar. Na mesma concepção, não é? O grito do. Cobreta 2 negros e sons aonde eu vou fazer coa, e o grito ousa. E os negros de Souza, o do Estrela Dalva é a poesia. Salva ela Estrela Dalva é. Temos localizo. Tinha um namorado, mas hoje chegou a namorar daí. A poesia transforma. É em todos os rostos. Que eu gosto do seu? Agora preto tem voz e vai ecoar nosso Slam! Gosto desse também. Eu tenho uma resposta às 7. Tem alguma coisa sobre se me dizer. Então, acho que hoje tem uma grande questão sobre a cena, que é a questão dos jurados, né? Porque o princípio do período é, tipo projetar, o que tu sente, né? E não é. Muito. Cai muito pouco. Subjetivo assim nas ideias, né? De quem tem experiência com Lisboa ou quem não tem experiência com Lisboa, se tem proximidade com os poetas. Se não tem, então acho que hoje é o grande desafio ainda, tipo pra cena continuar por muito tempo. É essa questão dos.

Dos jurados, pelo menos aqui é uma coisa que pega bastante. E a outra coisa são os representantes estaduais assim, né? Representante de um estado que concorre num outro, que vai. Então, geralmente são essas duas coisas assim, que eu vejo que dão um pouquinho mais de conflito assim, né? Mas sempre é resolvido. Mas tem isso e. Eu acho que tinha coisas que tinham que ser um pouquinho aí vibradas assim pelo pela nacional, não é pelo ar nacional. É um pouquinho mais de direcionamento assim, de como faz determinadas questões. Dentro de Lisboa, para que? Continue assim, mas é isso demais, o *slam* é um que transforma, que cura, que liberta. É um movimento que faz muito sentido. Assim para quem? Receita para quem ouve, para quem constrói. Né? Então, o movimento que eu ponho. Assim, por conta dessas questões assim, não é que tu vê, tipo, diversos relatos de crianças, jovens, adultos, sem o de senhor, do idosos que a escutar? Determinadas poesias a se transformar a vida e o ato escrever.



Para ouvir os áudios de todos os e as *slammasters* utilize um leitor de QR code.  
Link: <https://drive.google.com/file/d/1g4i63VoKYTLIGAPqUstWTMX79JnOYXON/view?usp=sharing>

**POEMAS****Relação tóxica**

Eu quero um relacionamento tóxico comigo  
Eu quero me foder, não me dê mais bola  
Eu me apresento para outras pessoas, eu digo que sou meu dono  
Que eu sou eu primeiro, que eu sou o único especial para mim, que eu sou meu  
tudo, meu universo.  
Mas não agora, não estou em um relacionamento comigo. Estou me afogando.  
Quero me ligar às 5 horas da manhã, bêbado, pedindo para voltar  
me fazer de idiota e dizer que sim  
SLAM faça amor comigo, repito, faça amor comigo  
Estou apaixonado em um quarto de hotel: eu bato no Yo Yo.  
Apaixonado, ouvindo bachata.  
Mas no dia seguinte "excuse me, flashe".  
Quero passar 4 anos tentando terminar comigo  
Quero me autossabotar, me dar um tapa nas minhas redes sociais  
me mandar feliz aniversário, feliz ano novo, feliz dia da fidelidade  
Eu vou me auto-sabotar.  
Até que meus amigos me obrigam a fazer intervenções com muitas pessoas  
chorando porque veem que não vou a lugar algum e me dizem:  
CHEGA, VOCÊ ESTÁ SE FAZENDO MAL.  
Sair chorando da minha casa, até um uber no Aeroparque para me buscar  
para o grito de "VOLTE, EU FIZ MILANESAS" e não me encontrar.  
Desesperado para ir a todos os lugares que fomos juntos.  
Me ver em uma cafeteria, mas me ver que não estou sozinha, que estou comigo  
Como pode ser, com tudo o que você me deu?  
Com cada música que você chora por mim, você me deixa por mim?  
Estou deixando. Eu me vejo em todos os espelhos, nas fotos do meu perfil, no meu  
curriculum vitae.  
Não, eu vou acabar com isso, eu vou me matar.  
Vou com você para acabar comigo de uma vez por todas.

Cada passo que dou é uma recarga de fúria que vou projetar em meu rosto.  
SLAM Chego à minha porta da frente, olho para ela, olho para ela, estou bem.

Fico melhor comigo, não posso me interromper.

Porque eu sempre quis o melhor para mim.

Eu me perdoo, não posso mais me sabotar.

Eu não sou para mim, talvez eu me encontre em outro lugar.

Há muitos "eu's" no mar

Estou me recompondo, paro de olhar para o celular à espera da minha ligação.

Eu me apago das redes para poder seguir em frente, um dia, eu vou me ver  
andando na rua, eu vou ser melhor, comigo, nada pode me desarmar.

(GARRONE, 2022)



Para assistir o vídeo-tradução do poema utilize um leitor de QR code.

Link:[https://drive.google.com/file/d/14BhoMxyCv4RbRQWIHEBn5RP\\_rilccjup/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/14BhoMxyCv4RbRQWIHEBn5RP_rilccjup/view?usp=sharing)

**Copa de campeonos:**



Para assistir com trechos da *Copa de los Campeones* utilize um leitor de QR code.

Link:

<https://drive.google.com/file/d/10qsnaNAwRiiCAmpnCzZI8wfPkk3wVKCh/view?usp=sharing>

## **Devagar Escola**

(João Paiva)

**Aluno:** Mas professora, adia essa prova aí pra gente!

Essa semana tem simulado,  
fim de semana tem ENEM,  
180 questões, redação, dois dias de prova,  
semana que vem é bimestral, eu trabalho de tarde,  
não dá pra estudar!

**Professora:** Rapaz, eu já te falei que não tem jeito,  
é você que quer estudar, trabalhar e ser alguém na vida,  
problema é seu! Eu tenho que seguir o calendário  
porque senão o Estado me fode.

### **DEVAGAR ESCOLA!**

“Ês” (eles) cola é por isso  
História sem ofício  
Oficina sem serviço  
Rápido demais  
Quer andar e deixa pra trás  
Reclama do atraso  
Ritmo ditado  
Ditado no ritmo da ditadura  
São ditados de tortura...

### **DEVAGAR ESCOLA!**

É por isso que ês cola  
Senão não sai da escola  
Escora lá fora  
Espera acabar a prova  
A prova de bala  
Depois volta pra sala  
Estuda moleque

Se não quiser ir pra vala  
Mas a matemática é uma má temática  
Deixa a criança estática  
Sem utilidade na prática  
E sem contar a gramática  
Que mais parece uma sátira...

### **DEVAGAR ESCOLA!**

Senão ês cola  
E cê(você) não pode reclamar  
Cê faz eles de otário  
Eles seguem o seu ritmo e tinha que ser o contrário  
CE é lugar de formação  
Informação  
E que formas são  
Que cê usa pra fazer?  
Com métodos arcaicos,  
De colorir mosaicos  
Que nunca vão convencer?  
E o que eles querem aprender,  
Cê tá pronta pra falar?  
Ou quer seguir no conteúdo  
Vai, não para nos estudos  
Quadro cheio copia tudo...

### **DEVAGAR ESCOLA!**

Ês cola  
E cê esfola a mente da galera  
Controle social  
Fecha a mente de geral  
Educação de verdade  
Oferece liberdade

Ajuda a comunidade  
Ajuda na cidadania  
Na luta de cada dia  
Olha os moleque e alivia...

### **DEVAGAR ESCOLA!**

É por isso que ês cola  
Comunidade a sua volta  
Vê se não ignora  
Ensina sobre a história  
Incentivando a luta de agora.  
Essas mente que não explode  
Escola vê se não fode  
Desse jeito não pode  
Os moleque pede: ACODE!  
Alguma coisa que atraia,  
Que nos chame a atenção,  
E que nos livre da vaia  
Do show da vida meu irmão  
E não nos deixe que caia  
Em qualquer boteco de esquina  
Alimente a esperança  
E o desejo de mudança  
No coração das crianças  
Muita comida na pança  
Preciso de confiança  
Escola vê se avança  
Mas,

### **DEVAGAR ESCOLA!**

**Aluno:** Devagar que essa semana tem prova de matemática, do quadrado do cateto da hipotenusa, do pretérito perfeito da geografia do PIB do Brasil, segunda guerra da revolução Russa. Eu faço curso, CEFET, COLTEC, SESEC, CENTEC, ENEM, Pré-



Vestibular, UFMG, como é que eu vou fazer?

**Professora:** Rapaz eu já te falei que se você não sair da minha sala agora eu vou chamar seus pais e dar uma suspensão pra você!

### **DEVAGAR ESCOLA!**

Que aí ês num (não) cola!

E a cola vai virar uma ex-cola!

Vai ficar de enfeite,

Só um mero lembrete.

Os moleque têm sede,

De saber,

Descobrir,

Conhecer,

De sorrir,

Envolver,

Intervir,

Interver,

Saber ir,

Saber vir,

Saber ler,

E saber

Que pode contar com você, mas... devagar! ESCOLA!

\*

(PRINCE, 2022)

Eu já nasci culpado.

Eu não tem como provar o contrário,

Nem com todo dinheiro,

Fama,

Status,

Eu já nasci culpado,

Isso talvez esteja ligado com meu passado,

Meu pai nasceu culpado,

Meu vô,

Meu tio,

Meu biso,

E meu filho vai nascer culpado,

Afinal quem acredita na palavra de um homem negro?

Ele sempre é culpado,

Não importa as nuances do caso,

Ele é culpado,

Você vai colocar a mão no fogo por quem é visto como pecado?

Que pecado eu cometi pra ser sempre investigado?

Banho de ervas nenhum vai quebrar o quanto sou mal olhado,

E olha que eu sempre saio com sorriso no rosto estampado,

Me ensinaram a sempre ser o mais educado,

Eu sempre sou obrigado a ser simpático,

Não importa se estou sendo injustiçado,

Eu nunca pude ser revoltado,

Minhas revoltados tem que estar em prosa, estrofe e linha,

Meu ódio tem que estar definido e moldado por rimas,  
Porque senão nunca dariam espaço pra uma voz como a minha,

Qual foi o último homem negro que você escutou?  
E não tô falando das músicas que dizem o quanto de dinheiro temos,  
Ou como nosso apetite sexual é alto,

Tô falando de escutar o coração,  
De ouvir o quanto nosso canto é quebrado,

Melhor ainda,  
Qual homem negro que você viu e não julgou culpado?

Afinal somos sempre animalizados,  
O terror dos asfaltos,  
A lenda urbana do assalto,

Mas ninguém acode nosso corpo baleado,  
Eu posso ser só mais um músico alvejado,  
Nem posso comemorar meu primeiro salário,  
Ou posso morrer que nem João Pedro, dentro de casa, aos 13,  
Afinal eu já sou culpado,

Mas se eu escapar da morte,  
Não escapo da fome,  
Empregos não querem meu corpo marginalizado,  
Então as ruas chamam pra ocupar meus espaços,  
E aí minha sensibilidade vai embora, se cria uma casca,  
Afinal eu não posso expressar feminilidade,  
Sou colocado numa caixinha, onde não sinto, não digo,  
Só existe um padrão, me roubam até minha sexualidade,  
Afinal sendo culpado, se eu não agir como culpado, os outros que foram culpados,  
Vão ver em mim a maldade,

Pra estar nesse emprego de rapper a gente tem que ser mau,  
Até porque sempre fomos mal amados,  
Aos 8 já ouvia da minha mãe que era muito endemoniado,  
Coisas que me fizeram pensar que eu era o mau encarnado,  
Mas ouvi também do meu pai que eu era muito fraco,  
Que não aguentaria um terço das coisas que ele tinha passado,

Me contou da vez em que teve que trabalhar sendo menosprezado,  
Porque eu tava a caminho, minha quase no parto,  
Aos 18 ele já tava casado,  
Com uma mulher negra com 2 filhos abandonados,

Veio pra Brasília pra mudar o caminho dos seus antepassados,  
Encontrou uma moça por qual foi mais apaixonado,  
Errou por não estar pronto pra estar casado,  
Voltou diversas vezes pra casa cansado,  
Nunk se quer aceitou um mínimo abraço,  
Ele sempre soube que era culpado,

Ficou anos e anos com esse mulher do seu lado,  
Foi agredido na cara, por um filho dela que tinha criado,  
Por outro ameaçado,  
Tomou socos e pontapés da mulher que dizia tanto ama ló,

E quando foi embora,  
Correu a história e ele foi acusado,  
Diziam que ele agrediu a mulher com os filhos do lado,  
Não tinha uma vírgula do quanto tinha apanhado,  
Ninguém se levantou pra o deixar apoiado,

E assim terminou a história,  
Pra todos ele é um homem culpado.